MAGNETISMO CURATIVO

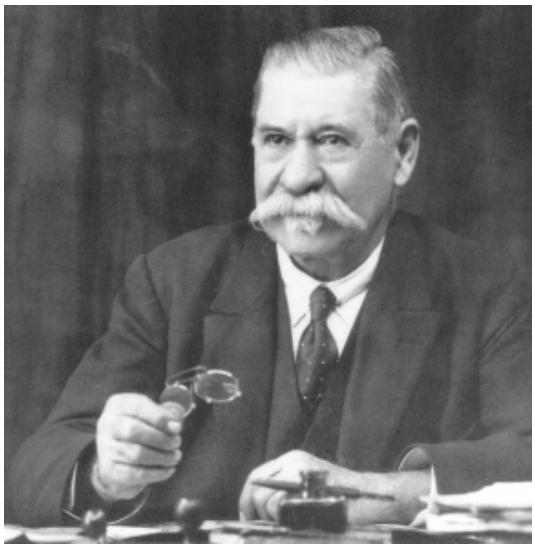
ALPHONSE BUÉ

VOL. 1

Alphonse Bouvier
(Alphonse Bué)

Magnetismo Curativo

Volume 1
Manual Técnico



Alphonse Bouvier

Conteúdo resumido

Alphonse Bouvier foi um dos importantes pesquisadores dos fenômenos psíquicos nos fins do século XIX e início do século XX. Foi fundador e presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos de Lyon e, ainda, diretor da revista *La Paix Universelle*, dedicada ao magnetismo curativo e ao espiritualismo experimental.

A presente obra é o resultado de duas décadas de estudos aliados à experiência prática adquirida pelo autor no tratamento de seus pacientes.

Magnetismo Curativo compõe-se de dois volumes:

- **Volume 1: Manual Técnico** – dedicado à aplicação prática do magnetismo na cura de moléstias diversas;
- **Volume 2: Psicofisiologia** – onde são expostas as explicações teóricas sobre o magnetismo e os fenômenos relacionados.

Esta obra é, conforme as próprias palavras de Bouvier, um manual teórico e prático recomendado a todos os homens de boa vontade, desejosos de, por si mesmos, aliviarem os sofrimentos dos seus semelhantes.

O autor recomenda a leitura da obra especialmente aos pais e mães de família, que, através de processos simples e sem nenhuma medicação, terão um forte aliado para promover o desenvolvimento normal e saudável de seus filhos.

Prefácio da segunda edição

Sem que tenhamos a pretensão de apresentar uma tradução do presente livrinho escoimada de erros e impropriedades de termos, temos, entretanto, plena convicção de cingirmo-nos ao original tanto quanto nos foi dado à escassez dos nossos conhecimentos no assunto.

Já de há muito se fazia mister uma nova edição deste manual. O acolhimento que teve a primeira edição, se bem não tivesse sido um *sucesso de livraria,* como vulgarmente se diz, teve, entretanto, uma saída muito auspiciosa, animando-nos a empreender de novo essa tarefa.

Os que leram e, por certo, não foi pequeno o número dos leitores, nos trouxeram a convicção de que o assunto já conta um número avultado de afeiçoados que, por sua vez, depois de praticarem, irão propagando os incomensuráveis benefícios hauridos com o emprego dos eflúvios magnéticos no tratamento das várias modalidades mórbidas que afligem a humanidade.

Quanta lágrima enxugada, quanta dor e quanta aflição removidas, graças ao emprego dos passes magnéticos, que para os incrédulos são ainda motivo de chufa e de desdém.

Uma infinidade de casos bem observados e importantes tem obedecido à terapêutica fluídica. O próprio tradutor deste trabalho inúmeras vezes teve ocasião de empregá-la e em emergências em que uma intervenção imediata se fazia necessária e nunca teve ocasião de se arrepender.

Pareceu-nos que devíamos com mais propriedade mudar o título do livro para *Terapêutica magnética* em vez de *Magnetismo Curativo*, que, de modo algum, obedecia ao seu objetivo, parecendo-nos antes uma adjetivação forense. Não altera a essência do livro e traduz melhor o seu intuito.

Não entramos neste momento no modo pelo qual se operam as curas magnéticas, porque, com franqueza, não achamos uma explicação positiva que nos autorize a expendê-la.

O que há são meras hipóteses sobre as quais se tem arquitetado teorias mais ou menos especiosas.

Respeitemos os fatos bem averiguados, sem preocupações doutrinárias, e aceitemos, já que não podemos negar, que existem moléstias fluídicas que só cedem à ação dos fluidos magnéticos. Esta é que é a verdade.

Não é um privilégio individual a força magnética.

Todos a têm em maior ou menor grau. Indivíduos há, porém, tão bem dotados desta propriedade, que conseguem verdadeiros prodígios em questão de cura por esse meio.

Estes são o terror dos médicos materialistas e vaidosos que vêm o seu orgulho abatido diante de uns simples passes aplicados com toda a modéstia.

Felizmente já não é pequeno o contingente de médicos que aceita o magnetismo como agente terapêutico e até aconselham-no nos casos de improficuidade da medicação aplicada.

Abençoados sejam, porque acima da vaidade, que é o apanágio da classe, colocam a saúde e o bem estar dos seus enfermos.

Que esta nova edição tenha a saída da primeira e já nos damos por bem pagos com os frutos opimos que deverão colher aqueles que fizerem uso dos processos metodizados e empregados pelo Sr. Bouvier, cuja exposição o leitor terá ocasião de apreciar no curso deste trabalho.

A. C.
12-03-1919

Prefácio do autor

Escrevi este livro no intuito não só de vulgarizar o modo mais simples de curar, como também com o fim de lhe propagar as aplicações.

Tal como se infere do seu título, está destinado a ser manuseado como um resumo dos processos magnéticos, apresentando o que há de essencial nos numerosos tratados publicados sobre esta matéria.

Resultado de um estudo acurado dos mestres, e de uma experiência pessoal adquirida em vinte anos de prática, recomenda-se este guia a todos os homens de boa vontade, desejosos de, por si mesmos, aliviarem os sofrimentos dos seus semelhantes.

Recomendamo-lo principalmente aos pais e mães de famílias, que encontrarão nesta instrução formulada com a maior clareza possível, e pela aplicação de processos muito simples, um meio natural de promover *sem medicação alguma*, o desenvolvimento normal dos seus filhos, o que lhes permitirá evitar os desvios de crescimento tão desastrosos em suas conseqüências, combater qualquer sintoma à medida que se apresente e, deste modo, manter permanente em seu foco "este precioso elemento constitutivo da felicidade": a Saúde!

O estudo do magnetismo abrange três graus distintos:

1º) os processos práticos;

2º) as considerações psicofisiológicas;

3º) as aplicações terapêuticas.

Foi assim que julguei curial dividir este estudo para apresentá-lo ao público em uma progressão lógica, suscetível de evitar qualquer espécie de confusão.

A *primeira parte*, que corresponde ao presente Volume, sob a denominação de ***Manual Técnico***, compreende a enumeração e a explicação dos processos práticos: é o primeiro grau de instrução, muito suficiente para qualquer *aprendiz* magnetizador. Porém, para conseguir ser *mestre*, para conhecer a fundo o magnetismo sob o ponto de vista teórico e prático, será de vanta-

gem estudar as matérias expostas nas duas outras partes – “Exposição dos Fenômenos” e “Lei dos Fenômenos” –, contidas no 2º Volume da presente obra, como complemento deste manual.

INTRODUÇÃO

Ação curadora do magnetismo e maneira pela qual esta ação pode exercer-se no organismo.[1]

A vida é a resultante do conflito de duas forças opostas: força centrífuga e força centrípeta (dispersão e condensação, eliminação e reabsorção). – O sistema nervoso, regulador fisiológico do organismo, entretém, por sua tensão normal, este duplo movimento da vida. – A ação magnética, por sua influência direta sobre o sistema nervoso, atua no sentido do funcionamento vital e, mantendo o equilíbrio funcional, restabelece e conserva a saúde.

Não se pode tratar da patologia, da matéria médica ou da terapêutica, sem que primeiro se faça uma idéia do fenômeno vital. A ciência só existe quando fecundada por uma concepção filosófica; e o prático, qualquer que seja a escola a que pertença, não pode encontrar a explicação dos seus atos sem que primeiramente tenha levantado este problema em seu espírito e o resolva.

Esta necessidade de reunir os estudos de análise sob a predominância de uma síntese, promana da própria história das doutrinas médicas, e pode dizer-se que essa história se resume no antagonismo perpétuo de dois princípios: *Espiritualismo* e *Materialismo,* conforme se tinha julgado conceder preeminência ao *Imponderável* ou ao *Ponderável*, ao *Espírito* ou à *Matéria.*

Ainda atualmente essa luta continua; a escola oficial, agindo largamente na constituição orgânica e na influência dos meios, sacrifica absolutamente aos agentes físico-químicos o influxo vital, de que os vitalistas, no seu açodamento de reagir contra as teorias materialistas, fizeram, também, sem razão de ser, o deus ex-máquina de suas concepções.

Infelizmente, levado a dirigir-se aos extremos, o espírito humano confinou-se intimamente em especializações estéreis, admitindo apenas a experimentação pura, ou transviou-se nos meandros de uma *metafísica* nebulosa, apoiando-se exclusivamente em dados hipotéticos. Impulsionados pelo ardor da nossa imaginação, não possuímos, geralmente falando, nem o critério

nem a prudência de nos determos em um meio termo: somos exclusivistas por natureza.

Impressionados profundamente pela singularidade pasmosa dos fenômenos do universo, onde nos deixamos arrebatar pelas regiões da fantasia, ou, céticos pela razão, nos esforçamos em reagir contra esses desvios, limitando-nos a tudo materializar e só admitir o que cai sob o domínio dos nossos sentidos.

Este último excesso, parece-nos, sobrelevou sempre o outro, e eis de que modo, depois de passados tantos séculos, o velho lema da antiga filosofia peripatética: *Nihil est intellectu quod prius non fuerit in sensu*, ainda é a senha da escola científica moderna.

É aí que se acha o verdadeiro escolho contra o qual tem vindo e virá de contínuo chocar-se o espírito humano, todas as vezes que tenta ou procura abordar a explicação dos fenômenos da natureza.

Referirmo-nos unicamente aos nossos sentidos para julgar o que nos cerca é não somente estreitar voluntariamente o círculo de nossas percepções, mas também é principalmente criar para nós uma fonte inesgotável de erros.

Efetivamente, quantas coisas existem fora dos nossos sentidos! Quão inúmeras combinações de formas e forças lhes escapam! E quando casualmente algumas dessas metamorfoses caem sob o raio das nossas percepções, passando por nossos instrumentos sensoriais, que precauções não é preciso tomarmos para que as aparências não nos enganem?

A cada momento algum fenômeno na natureza fornece-nos a prova: se mudamos de lugar com qualquer velocidade, quer em estradas de ferro, quer em balão, a ilusão dos nossos sentidos nos apresenta todos os objetos movendo-se em derredor de nós, e entretanto temos a sensação de estarmos imóveis.

As graduações da perspectiva não nos mostram os objetos se aproximando uns dos outros, à proporção que nos afastamos deles? O homem, finalmente, não começou por considerar a Terra como o eixo do Universo; e, iludido pelos sentidos, não

afirmou que os inúmeros fogos acesos nas profundezas infinitas do espaço giravam em torno do seu globo ínfimo?

Para voltar à realidade, para ver as coisas debaixo do seu verdadeiro aspecto, foi-nos preciso, e nos é ainda, fazer um esforço sensível, apelar para certa evolução cerebral, mui especialmente preposta à elevação de nossas percepções sensoriais, como têm por fim certos órgãos do cérebro por si mesmos, levantar a imagem invertida que a nossa retina recebe pelo mecanismo da visão.

Esta evolução cerebral, que sem esforço se pode considerar um sexto sentido encarregado de sintetizar as impressões percebidas pelos outros cinco, é o que se conveio chamar a abstração; e cumpre que nos compenetremos bem deste fato, que nenhum juízo preciso pode ser feito sem o auxílio e o exame do sentido abstrato.

Se, portanto, quisermos encontrar um terreno de conciliação, sobre o qual os dois partidos inimigos, que não cessam de trocar epítetos malsonantes de materialista e fofo sonhador, possam vir tratar e se congraçar, é absolutamente preciso que se não menospreze a *observação direta* e a *abstração*, a *experimentação pura* e a *idéia metafísica.* Em uma palavra, cumpre com um traço de união ligar o objetivo ao subjetivo. Somente desse modo poder-se-ão firmar bases sólidas à fisiologia e a terapêutica, estabelecer as relações de reciprocidade orgânica pelas quais as propriedades dos corpos vivos se nos manifestam, e fazer-se uma idéia justa daquilo que se chama o fenômeno vital.

As palavras *vida, morte, saúde, moléstia* não têm, aliás, para nós nenhuma realidade objetiva; são expressões úteis para a comodidade da linguagem, porém estas abstrações nos permitem estabelecer a relação dum movimento a sua causa, e é assim que podemos, até certo ponto, penetrar os *mistérios da vida!...*

Partindo desse ponto de vista, podemos dizer (e nisto estamos de acordo com os nossos mestres de fisiologia) que a vida nos aparece desde logo como resultado de uma colaboração íntima entre dois fatores absolutamente solidários, igualmente

impotentes um sem o outro, e sem a união dos quais estaciona qualquer expansão vital.[2]

Esses dois fatores são, de um lado, a *forma vital* ou inicial do ser; do outro, a força *físico-química* dos meios da matéria.

Ainda por outro lado, vemos que a vida só subsiste pelo encadeamento de duas ordens de fenômenos indivisivelmente unidos:

1º) Os fenômenos *funcionais* ou de *dispêndio vital*, pelos quais se vai consumindo a matéria viva nos órgãos *em função*.

2º) Os fenômenos *plásticos* ou de *organização nutritiva*, pelos quais se formam as reservas de nutrição e se *regeneram* os tecidos pelos órgãos em *repouso*.

A vida, procedendo assim por *eliminações* e *reabsorções* sucessivas, se entretém, pois, por um duplo movimento de *irradiação* e *atração*, cuja alternativa obedece regularmente às forças *centrífugas* e *centrípetas*.

Do mesmo modo que a pêndula de um cronômetro, com as suas oscilações para a direita e para a esquerda da vertical, deixa continuamente o ponto de equilíbrio e volta sempre para ele, formando um equilíbrio instável em cada pancada obtida e em cada pancada destruída, assim também se nos apresenta a vida como a imagem de um equilíbrio oscilatório produzido por um trabalho incessante de *desassimilação* e *assimilação*.

A saúde, isto é, a integridade de toda vida, prende-se à regularidade absoluta desse duplo movimento, do mesmo modo que a correção do *tic-tac* de um cronômetro é o indício certo da perfeição de seu regulador.

De que modo, pois, se firma o equilíbrio entre a *eliminação* e a *reabsorção*, entre essas duas ordens de fatos inversos tão indispensáveis à expressão do fenômeno vital?

Qual é, em última análise, o regulador da vida?

Intervém aqui o terceiro fator, completando a admirável *triplicidade* que constitui a unidade sintética do organismo humano.

Esse terceiro fator é o sistema nervoso.

A exemplo da grande corda do cronômetro de que falamos há pouco, ele forma a peça de compensação entre as aquisições e as perdas da economia.

É ele que, nas profundezas silenciosas da vida vegetativa que se furta aos nossos olhares, tem a missão de equilibrar o movimento de reconstituição orgânica com as ruidosas manifestações dessas combustões funcionais que são a expressão exterior da vida!

Poderoso agente térmico, é ele que mantém o calor animal em seu grau normal,[3] e que, pelas relações anatômicas existentes entre os dois grandes aparelhos vitais, o *sistema nervoso cérebro-espinhal* e o *sistema nervoso grande simpático,* estabelece essa troca constante de ações e reações entre a vida animal e a vida vegetativa, por interposição de uma série de pares nervosos que unem as faculdades da alma às faculdades vegetativas, assim como os dois pólos de um ímã estão unidos entre si por um eixo.[4]

É ele que nos une a *Força* à *Matéria* por um princípio de subserviência recíproca, graduada, tonalizada. É, finalmente, ele que regulariza de maneira absoluta, por seu *estado de tensão,* o diapasão da *tonalidade viva.*

Quando esta subserviência recíproca e devidamente tonalizada da *Força* e da *Matéria* acontece romper-se, por haver predominância de um dos antagonismos; e quando o sistema nervoso não mais impõe sua ação moderadora, instantaneamente o equilíbrio *tonal* se quebra, as funções de *eliminação* se travam, as *metamorfoses nutritivas* se suspendem ou se perturbam e o ato patológico denuncia-se: eis a *Moléstia!...*

Efetivamente, a moléstia não é mais que uma tensão orgânica deslocada e indevidamente acumulada num ponto: mais ou menos, ou é uma simples *migração de tensão* ou um *rompimento de tonalização.*

A destruição da tonalidade, com a impossibilidade de retorno ao grau de tensão normal: eis a *Morte.*

Apresentando o sistema nervoso como o *grande regulador fisiológico* dos organismos (assim como lhe chama o próprio Claude Bernard), encontramos o verdadeiro veículo do duplo movimento *centrípeto* e *centrífugo* da vida, e por conseguinte podemos explicar as íntimas relações existentes no homem entre o seu *físico* e o seu *moral.*

Estamos constantemente sob a influência das excitações partidas dos centros e das impressões vindas do exterior, e podemos, de alguma maneira, classificar as nossas paixões e as nossas moléstias *centrífugas e centrípetas...*

A integridade de nosso equilíbrio tonal pode, portanto, ser atacada e perturbada de duas maneiras: quer pela reação do físico sobre o moral, quer pela reação do moral sobre o físico; e a impressão mental, por mais inapreciável que seja, é muitas vezes o agente morbífero mais rápido, mais irresistível e mais fatal.

O medo, a cólera, a indignação, o desgosto, podem perturbar o equilíbrio de nossa tonalidade indefinidamente, e o choque de um pensamento violento pode também romper instantaneamente os laços da vida, do mesmo modo que uma simples perturbação material de nossos órgãos digestivos pode nulificar os sentimentos de nossa alma e cercear o nosso livre arbítrio.

De qualquer lado que parta o obstáculo, desde que a relação íntima que deve existir entre a *Força livre* e a *Matéria especificada* está perturbada, desde que não há mais igualdade perfeita entre a *ação centrífuga* e a *ação centrípeta,* dá-se a destruição do equilíbrio, e por conseguinte uma tendência iminente à suspensão e à cessação do fenômeno vital.

Para que as pancadas do pêndulo do cronômetro se conservem regulares, para que o mecanismo do aparelho funcione sem interrupção, é preciso que haja uma perfeita proporção no antagonismo das duas forças que o acionam, porque a lei fundamental do encontro das forças em a natureza é a *limitação.*

Todo o segredo dos organismos vivos está, portanto, na justa Limitação da Força Inicial do Ser pelas Forças Exteriores, e a realização correta do fenômeno vital reside na justa *Limitação da Força vital pelas forças Físico-Químicas*, debaixo da

influência reguladora e preponderante do sistema nervoso, mantido cuidadosamente em sua *tensão normal*.

Em uma palavra, a vida é a conseqüência do antagonismo destas duas potências, antagonismo que, entretendo o duplo movimento de expansão e de retração, de *dispersão centrífuga* e de *condensação centrípeta,* destrói incessantemente um equilíbrio continuamente renovado e mantém assim o estado constante da *tonalização,* que é a forma estabelecida pela natureza para manietar o antagonismo da *Força* e da *Matéria* com intuito de sintetização.[5]

Se é, portanto, na rede nervosa que se opera o encontro das duas forças antagônicas, as quais, por seu movimento centrífugo e centrípeto, formam a dupla pulsação da vida; se é nele e por ele que se efetua a *justa limitação* da força inicial do ser pelas forças externas; se é por intermédio do sistema nervoso que percebemos as excitações partidas dos centros vitais e as impressões vindas do exterior; se, em uma palavra (com a própria confissão dos nossos mais eminentes fisiologistas modernos), o sistema nervoso é *o grande regulador fisiológico* dos organismos vivos, – não há dúvida que, se se consegue encontrar o meio de acionar diretamente o sistema nervoso de maneira a reconduzi-lo à sua *tensão normal* quando dela se afaste, também não há dúvida de que nos apossaremos incontestavelmente *do mais seguro,* mais poderoso e mais eficaz dos agentes terapêuticos.

Esta confirmação, temo-la da própria boca de um dos nossos fisiologistas, que incontestavelmente consideramos o mais autorizado a decidir nesta matéria.

Em suas notáveis lições sobre o *calor animal,* Claude Bernard, efetivamente, depois de haver exposto o método refrigerante empregado para dominar as febres graves; depois de ter demonstrado que fora dos perigos que apresenta o emprego dos *antipiréticos,* a ação destes específicos sobre o organismo nada tem de certo nem de cientificamente aceitável; depois de ter explicado, finalmente, com aquela admirável clareza que o caracteriza, a influência preponderante e absoluta do sistema nervoso na realização dos fenômenos vitais, Claude Bernard se exprime deste modo:

> “Nestas circunstâncias, a mais racional ação terapêutica, a única indicada fisiologicamente, seria evidentemente a que se dirigisse diretamente ao sistema nervoso; porém, no estado atual dos nossos conhecimentos, esta ação nos é impossível!”[6]

Por esta confissão de fraqueza do sábio professor do Colégio de França, nós, humildes operários do pensamento, que temos procurado a solução do problema, podemos responder:

> “Esta ação terapêutica que julgais impossível, nós a conhecemos.
>
> Temo-la em nossas mãos e servimo-nos dela.
>
> Por um trabalho perseverante e tenaz estudamos o seu mecanismo, averiguamos a sua eficácia e admiramos o seu poder.
>
> Esse agente maravilhoso cuja existência não conhecestes, nem pressentistes, é tão velho como o mundo! É uma dessas admiráveis forças da natureza posta à disposição de todos, do mais ignorante como do mais sábio, do mais humilde como do mais poderoso.
>
> É o agente terapêutico universal que nos chega das profundezas do infinito e que emerge das próprias fontes da vida, como o calor, a eletricidade e a luz.
>
> É o magnetismo!”

Bem sabemos que se contesta aos magnetizadores a influência benéfica que pretendem exercer com suas *imposições* e seus *passes*; também não ignoro que se vai até negar a possibilidade de uma transmissão nervosa de organismo para organismo. Mas os fatos aí estão, numerosos, indiscutíveis; e na verdade não pode haver dúvida senão para aqueles que não querem ver!

Podemos, afinal, responder aos adversários do mesmerismo servindo-nos de seu próprio argumento. Não dizem eles (e é um fato, aliás, reconhecido pela doutrina hipocrática) que “*quando uma causa nociva vem lesar uma parte do corpo ou perturbar o jogo de uma função, produz-se desde logo, na parte interessada, e mesmo em todo o organismo, uma série de atos que têm como*

efeito, ou antes que tendem a reparar a lesão e restabelecer o funcionamento?”

Ora, se é verdade que a natureza (*natura medicatrix*, como lhe chama o próprio Hipócrates) possui uma tendência irresistível para recuperar por si mesma o seu equilíbrio momentaneamente interrompido; se, por outro lado, os nossos mestres de fisiologia admitem (como se conclui de seus escritos) que o *sistema nervoso, por suas extremidades periféricas haure continuamente, na radiação solar, elementos de força que transmite aos órgãos, segundo as necessidades da metamorfose orgânica*,[7] será, pois, tão ilógico admitir que o sistema nervoso, posto em contato com um outro aparelho idêntico a si mesmo, porém melhor equilibrado, possa conseguir duplicar a sua atividade funcional e, por uma espécie de *transfusão nervosa*, possa trazer aos centros vitais, momentaneamente desamparados, os elementos de regeneração orgânica que lhes falta, *ajudando deste modo a vida a prosseguir mais ativamente o objeto que a lei de vitalidade lhe impõe?* Isto é física pura, e todos os dias tocamos com o dedo neste fenômeno em uma ordem hierárquica menos elevada, quando, em vez de dois organismos vivos, pomos em contato duas pilhas elétricas.

Se, mau grado a sua grande simplicidade, essa interpretação dos fenômenos magnéticos não saltar aos olhos de todos como a expressão da verdade, é que, seguindo nesse ponto as velhas tradições, os espíritos prevenidos continuam a julgar o magnetismo como que se aproximando mais das ciências ocultas do que da ciência positiva. Os nossos próprios sábios contribuem grandemente para a propagação desse erro, colocando no ativo do magnetismo as escamoteações dos prestidigitadores de feira, as possessões diabólicas da idade medieval e as práticas bizarras dos derviches giradores ou dos Aïa-Oussas, e proclamando que vêm aniquilar esses preconceitos soezes e dissipar as espessas trevas que outrora ainda envolviam a questão perturbadora do magnetismo animal.[8]

A palavra “magnetismo” dizem eles, já não deve intimidar ninguém; o que ela designa viveu, e de então em diante só pertence à história!

Fazendo tábua rasa do passado, riscando com um traço de pena a palavra “magnetismo”, que os incomoda, instalaram uma coisa que eles batizaram com o novo nome de “hipnotismo”, só conservando em sua prática os processos artificiais e violentos, cuja aplicação qualquer magnetista consciencioso e honesto considerou sempre perigosa ou inútil.

Trouxeram à publicidade o que deviam conservar na sombra; detiveram-se principalmente nos fenômenos insólitos produzidos sobre o organismo humano pelo sonambulismo, a sugestão, a letargia, a catalepsia e o êxtase, permitindo assim uma grande parte de fenômenos estranhos, que transviam a opinião pública e contribuem para velar o caráter de grande simplicidade, que faz precisamente da virtude curativa do magnetismo o fato mais belo, mais natural, mais útil e ao mesmo tempo o mais acessível a todos!

Mesmo esses que pretendem iluminar com o archote da ciência um acervo confuso de grosseiros erros e esclarecer a estrada do progresso derrubando velhas heresias caíram precisamente nas piores barreiras daqueles que criticam e condenam, obedecendo, nesse ponto, à propensão que todos temos para só julgar as coisas pelos nossos sentidos e pelo hábito que contraímos de nos referirmos sempre a percepções insuficientemente averiguadas pelo *senso de abstração*.

E acontece que assim nos escapam as forças da natureza quando se acham no estado de estabilidade e de equilíbrio, e somente as percebemos quando em via de mutação e de deslocamento; a eletricidade, essa força fecundante a que é devida uma tão grande parte da obra regeneradora universal, nunca teria sido pressentida pelo homem se não lhe fosse conhecida por um fenômeno de choque, e é pelo raio que desorganiza e destrói que se manifestou esse manancial de vida.

Assim acontece com todas as forças hierarquizadas que evoluem em torno de nós; quanto mais se aproximam essas forças do agrupamento e do equilíbrio, tanto mais escapam aos nossos sentidos e maior atenção se nos torna necessária para constatar-lhe a existência e estudar-lhe o funcionamento; e se (apelando para a imagem do cronômetro de que nos servimos há pouco, a

fim de assentarmos melhor o nosso pensamento por uma comparação tangível) considerarmos as três agulhas do quadrante, conviremos facilmente que o movimento da grande cursiva, que, por sucessões de choques rápidos, marca a divisão dos segundos, é notada pelo olhar o mais distraído e o menos experimentado; que o papel das agulhas que marcam os minutos e as horas só se torna apreciável por uma atenção mais paciente e mais firme.

Não surpreende, portanto, que na ordem dos fenômenos que aqui nos ocupam, sejam os de *migrações provocadas* que tenham desde logo atraído a atenção dos experimentadores, impressionando-lhes os sentidos; e eis de que modo os observadores impacientes ou superficiais não viram e não continuam a ver, no magnetismo, senão os fenômenos de choque.

Conhecem a força magnética em seus movimentos de *desequilibração*, de *dispersão improdutiva;* desconhecem-na em seu movimento de *tonalização e de concentração regeneradora*. Seguem-na na excentricidade de seus desvios, quando se acha desequilibrada; mas não a suspeitam no admirável jogo de sua *tensão normal.*

Eis aqui, se me não engano, a chave da ignorância de uns e da má apreciação dos outros, causas inevitáveis da interpretação errônea da maior parte dos fenômenos magnéticos.

Em matéria de magnetismo, como em todas as coisas, é o alcance de nossa vista filosófica, auxiliada por uma observação paciente, que nos classifica. Na ciência, há míopes e presbitas; há pessoas que não percebem senão o movimento da agulha dos segundos no cronômetro.

Estes só se impressionam com as manifestações ruidosas das migrações no movimento.

Quanto às misteriosas metamorfoses, devidas às *forças equilibradas,* que realizam silenciosamente a sua obra regeneradora no próprio seio dos corpos, estas escapam-lhes absolutamente...

Concluamos, pois, e digamos:

O fenômeno vital é o resultado da íntima colaboração de três fatores que constituem, por seu conjunto, a triplicidade viva

do organismo; o movimento da vida reside no encadeamento de dois fenômenos indissoluvelmente unidos em uma ação inversa e constante, *destruição*, *renascimento,* sob a influência reguladora de uma tensão equilibrada; e o sistema nervoso é precisamente o regulador fisiológico encarregado de manter essa tensão normal no organismo.

Se assim é, torna-se incontestável que o agente terapêutico, que agir diretamente sobre o sistema nervoso no sentido do funcionamento vital, regulará seguramente os fenômenos funcionais, entreterá e ativará as metamorfoses orgânicas e presidirá, desse modo, soberanamente à manutenção da *tonalidade viva* ou à sua reconstituição, quando ela estiver desequilibrada.

Ora, qualquer que seja a diversidade das opiniões emitidas sobre a ação magnética, como essa ação se resume, enfim, numa espécie de transmissão de força pela rede nervosa; como essa transfusão nervosa é um fato certo, facilmente verificável pela experiência, como essa transfusão se obtém pelos mais simples processos, cuja eficácia nos demonstra uma prática diária, nos julgamos autorizados a apresentar o magnetismo como o meio mais seguro de entreter o equilíbrio vital e curar as afecções mórbidas as mais rebeldes.

Importa observar que, enquanto esses problemas complexos não forem mais bem elucidados, conservemo-nos em atitude de prudência nas aplicações práticas de uma força cujas evoluções nos são ainda insuficientemente conhecidas; evitemos a encenação ruidosa dos fenômenos mal estudados; evitemos o abuso dessas experiências de *sugestão e de sono provocado*, os quais, dando ao magnetismo uma cor diabólica ou mística, perturbam e inquietam as consciências; confinemo-nos na parte verdadeiramente útil do magnetismo, sua aplicação à cura das moléstias. Eis aí, em nossa opinião, o único fim que deve ter o emprego do magnetismo.

Terapêutica Magnética
MANUAL TÉCNICO

CAPÍTULO I
Princípios fundamentais

Unidade do plano da Natureza. – Uma única força. – Uma única vida. – Uma única saúde. – Um único remédio. – A força princípio engendra correntes. – Sua marcha e sua ação. – Faculdade irradiante do homem. – Sua ação sobre as correntes e consecutivamente sobre todos os corpos da Natureza.

1. Mesmer, fundador da doutrina a que deu o seu nome, apoiando-se nas idéias de Descartes e de Newton, admitia como princípio uma corrente universal que tudo penetra e abraça num movimento alternativo e perpétuo, assemelhando-se ao fluxo e refluxo do mar.

É a esse movimento alternativo universal que ele atribuía a formação dos corpos, as influências astrais e a influência mútua que todos os corpos da natureza exercem uns sobre os outros.

2. É este o seu ponto de partida: tudo é simples, tudo é uniforme, tudo se mantém, a natureza produz os seus maiores efeitos com a menor despesa possível; ela junta unidade a unidade; só há uma vida, uma saúde, uma moléstia, e por conseguinte um remédio.

3. O homem se acha em estado de saúde quando todas as partes de que se compõe têm a faculdade de exercer as funções a que são destinadas: se em todas as funções reinar uma ordem perfeita, há harmonia.

4. A moléstia é o estado oposto, isto é, aquele em que a harmonia está perturbada.

5. Como a harmonia é uma, só há uma saúde. A saúde pode ser representada pela linha reta. A moléstia seria então a aberra-

ção desta linha, aberração que pode ser mais ou menos considerável.

6. O remédio é o meio que restabelece a harmonia, quando ela se acha perturbada.

7. Existe um princípio que constitui e entretém a harmonia, e esse princípio é precisamente o que o homem recebeu em partilha, desde sua origem, do movimento universal em que se acha encravado; esse princípio é que determinou a formação e o desenvolvimento dos órgãos e é ele que presidirá à sua conservação e reparação. Originado do movimento universal, a cujas leis obedece, influencia diversamente os organismos, penetra-os e, regulando o jogo de seus elementos constitutivos (as vísceras), aparece como o verdadeiro princípio da vida.

8. Sob o impulso desse princípio ativo formam-se correntes que seguem a continuidade dos corpos até as partes salientes pelas quais se escapam.

9. Estas correntes aumentam de velocidade e de potência quando estão retardadas ou apertadas em um ponto.

10. Polarizam-se, quando abandonam o circo.

11. Propagam-se à distância, quer pela continuidade dos sólidos, quer por intermédio dos meios, ar, água ou éter.

12. Podem concentrar-se e reunir-se como em reservatórios, para se dispersarem depois.

13. Tudo que é suscetível de acelerar as correntes, produz um aumento das propriedades dos corpos.

14. Se estivesse em nosso poder acelerar as correntes universais, poderíamos, aumentando a energia da natureza, estender à vontade, em todos os corpos, as suas propriedades ou restabelecer as que um acidente tivesse enfraquecido.

15. Mas, se a nossa ação sobre as próprias forças da vida universal é limitada, podemos, pelo menos, exercer nosso poder sobre as partes constitutivas deste grande todo, e esse poder é tanto mais ativo, quando houver entre essas partes e nós relações

de analogia. Assim, de todos os corpos, aquele que pode agir com maior eficácia sobre o homem é o seu semelhante.[9]

16. Essa potência de ação reside na faculdade de uma emissão irradiante, que todo homem possui em diversos graus, e que pode regular ou estender à vontade pelo exercício, de maneira a pôr em ação, de perto ou de longe, os corpos inertes ou vivos.

17. Esse fenômeno de emissão irradiante é um fato adquirido desde muito tempo pela ciência: Faraday e Crookes deram a um estado particular da matéria o nome de matéria radiante. Em física admitem-se as radiações caloríficas, químicas, elétricas e luminosas; há igualmente radiações magnéticas ou nêuricas.

> A força nêurica, em sua essência e ação, apresenta certas analogias flagrantes com o calor, a luz, a eletricidade e o magnetismo. Essa força existe no corpo do homem sob dois estados:
>
> 1º) no estado estático;
>
> 2º) no estado dinâmico, compreendendo uma circulação interior ao longo das fibras nervosas e uma irradiação ou expansão interior.
>
> Ela emana do corpo, especialmente dos olhos, da extremidade dos dedos e da boca. As propriedades intrínsecas da força nêurica irradiante são propriedades de ordem física análogas às do calor, da luz e da eletricidade. (D. A. Barety).
>
> Pode conceber-se um agente particular, uma espécie de modificação da eletricidade ou de magnetismo mineral, seguindo quase as mesmas leis que a eletricidade, e tendendo continuamente a pôr-se em equilíbrio nos diferentes seres em contato ou aproximados uns dos outros, cada um segundo a sua constituição particular, sendo mais ou menos apto para atraí-lo ou para retê-lo. Todo ser vivo é um verdadeiro corpo elétrico, constantemente impregnado desse princípio ativo, mas nem sempre na mesma proporção; uns possuem mais e outros menos; daí em parte essa diferença, quer nos temperamentos quer nas constituições jornaleiras. A mobi-

lidade perpétua desse agente é uma conseqüência natural dessas variações. Desde então concebe-se que ele deve ser impelido para fora por uns, e atraído e reabsorvido rapidamente por outros; que a vizinhança daquele em que abundar é profícua àquele em que falta; a coabitação da criança com o velho é útil a este e nociva àquela; os vegetais novos aproximados em sementeiras são vigorosos e frescos, mas estando próximos a uma grande árvore, secam e morrem. (De Jussieu).

A vinha plantada perto do olmo cresce com vigor e enlaça-o com os seus ramos; morre, quando junto ao loureiro; o aloés procura um apoio na oliveira; esta fana-se próximo ao carvalho; a papoula quisera ser da família das gramíneas; a cicuta perece junto da arruda. (Champignon).

Quando dois homens estão em contato ou simplesmente próximos um do outro, uma ação magnética se estabelece entre eles. O mais forte cede ao mais fraco uma parte de seu princípio ativo. (Feste).

O mesmerismo repousa em uma hipótese que atribui à vontade a faculdade de expelir, para além da periferia do corpo, o influxo nervoso que ela desenvolve nos nervos do movimento, e de dirigir esta força através do espaço sobre os seres vivos que ela se propõe a afetar. Alguns dos efeitos mesméricos nos parecem justificar esta suposição de maneira absoluta. (Dr. Durand de Gros).

18. Exercer em toda a sua plenitude a faculdade natural que o homem possui de emitir radiações magnéticas, é o que se chama magnetizar.

Será verdade que por uma ação de essência desconhecida, mas emanando completa da natureza humana, possa o homem afetar sua própria organização ou a de seu semelhante de maneira a alterar o modo regular de suas funções diversas e modificar sua atividade em todos os graus possíveis? Em todos os tempos têm-se referido fatos que respondem afirmativamente a esta questão.

Entretanto, a natureza singular desses fatos, a sua raridade, o que tornava difícil averiguá-los, e por outro lado, as relações íntimas que os prendem ao misticismo, haviam fornecido aos sábios um pretexto para rejeitá-los como erros populares entretidos pelos embustes do charlatanismo ou pela superstição; mas hoje experiências inúmeras, repetidas por todos os lados, testemunhadas pelos homens mais honestos e mais competentes, estabelecem a realidade desses fatos por um tal dilúvio de provas, que fora pueril e ridículo pô-los em dúvida. Pela revelação que nos trazem de uma ordem inteiramente transcendente de propriedades vitais ainda ignoradas pela ciência, pelas aplicações úteis de que se mostram esses processos suscetíveis, têm esses fatos uma importância sem igual na antropologia em geral e especialmente na fisiologia da medicina. Merecem portanto, que sejam estudados no mais elevado grau, pelos processos rigorosos da análise científica. (Dr. Durand de Gros).

CAPÍTULO II
Das condições necessárias para magnetizar

Magnetismo mineral, vegetal e humano. – Potência da volição dos seres organizados. – Magnetizar é uma faculdade natural. – Desenvolvimento das aptidões. – Saúde: O regime vegetariano favorece a faculdade irradiante. – Calma: Uma atenção acurada e perseverante é a primeira condição para magnetizar. – Vontade: Exercício da vontade como agente de tensão. – Benevolência: Amor do bem e dos seus semelhantes. – Fé: A fé é indispensável? A fé fundada sobre a experiência engendra a confiança que dá a convicção. – Saber.

---

19. A ação de emitir radiações magnéticas é comum a todos os corpos. Os minerais, os vegetais e os animais emitem radiações de todas as espécies em graus diferentes.

> Existe nos metais uma propriedade particular que, quer pela eletricidade ou pelo magnetismo, de que ela não seria mais que uma modificação, quer por qualquer outra causa que nos escape, torna-os próprios para exercer uma ação direta sobre a força nervosa, para atrair quando se os aplica à superfície do corpo e para reparti-la uniformemente no organismo quando são dados internamente debaixo de forma conveniente. Esta propriedade, variável com os diferentes metais e ligas, atrativa ou repulsiva, segundo os indivíduos a que ela se dirige, parece constituir tantas aptidões metálicas quantos são os metais existentes. (Dr. Burg)
>
> As emanações das diferentes substâncias da natureza, principalmente dos vegetais, são uma parte essencial de suas propriedades; essas emanações operam diversamente sobre cada órgão: os estupefacientes, tais como o ópio e as solâneas, atuam sobre o sistema nervoso; a valeriana e a vulvária sobre aparelho genital; o espargo sobre os rins e a bexiga. (Theophraste, Aristóteles)
>
> Os corpos organizados podem, do mesmo modo que os corpos inorgânicos, colocados em certas condições e debai-

xo de certas influências, ser a sede de uma modificação que deve traduzir-se:

1º) pelo calor, chamado animal;

2º) pela eletricidade, produção da eletricidade na tremelga, no gymnoto (peixes elétricos), etc.;

3º) pela luz, insetos luminosos, pirilampos, mais da escala animal, os noctilucos, animálculos do grupo dos rhizopedes, que são a causa da fosforescência do mar em certas circunstâncias. (Dr. A. Barety)

20. As relações magnéticas que, entre os corpos inorgânicos, minerais e vegetais, se exercem de uma maneira uniforme, porém incompleta, são insensivelmente modificadas e aperfeiçoadas no reino animal, pelo poder de volição, que é o apanágio dos corpos organizados: a vontade impera sobre os movimentos voluntários, e o princípio ativo os executa. (Van-Helmont)

Não há quem desconheça as faculdades magnéticas de certos animais: a cobra, o sapo, a ave de rapina, o cão de caça rasteira, o gato, etc., e em geral todos os animais caçadores.

21. O homem, pela superioridade do seu poder de volição, é mais apto do que o animal para regularizar, condensar e projetar as suas radiações magnéticas.

Há um magnetismo mineral, um magnetismo vegetal, um magnetismo animal, porém é preciso distinguir cuidadosamente o do homem dos demais; porque o magnetismo humano resulta não somente das propriedades do corpo, mas também das faculdades da alma. Reduzindo-se o magnetismo a uma simples comunicação de movimento de um indivíduo para outro, ocorre que há tantos gêneros como indivíduos, possuindo cada um a forma de radiações que lhe é própria (De Bruno).

22. Sendo a magnetização uma faculdade natural, comum a cada indivíduo, segue-se que qualquer um é apto para magnetizar, fora de toda a consideração de sexo, de idade e de tempera-

mento. Só pode haver neste ponto graduações resultantes do grau de aptidões de cada qual para exercer esta faculdade.

23. Esses graus de aptidão decorrem de certas condições. Para magnetizar bem torna-se necessária saúde, calma, vontade, benevolência, fé e saber.

> O melhor magnetizador é aquele que possui um bom temperamento, um caráter ao mesmo tempo firme e tranqüilo, o gérmen de paixões vivas sem ser subjugado por elas, uma vontade forte sem entusiasmo, a atividade reunida à paciência, a faculdade de concentrar sua atenção sem esforços, e que magnetizando se ocupe unicamente do que faz. (Deleuze)

24. Saúde – A origem e a causa dos fenômenos magnéticos sendo a irradiação vital, não é duvidoso que se o operador não estiver em uma disposição de saúde e de força convenientes, se estiver fatigado, esgotado por um excesso qualquer, anêmico ou doentio, não produzirá, apesar de toda a boa vontade de que estiver possuído, senão fracas emissões irradiantes, e por conseguinte, resultados quase nulos. A primeira das condições é, pois, ter um bom temperamento e uma boa saúde.

Entretanto, não se creia que o poder magnético caminhe a par da força muscular; um homem solidamente constituído, de envergadura hercúlea, é muitas vezes menos apto para a produção dos efeitos magnéticos do que um homem de aparência mais delicada, porém dotado de uma constituição física especial: provém isso de que o sistema nervoso representa aqui um grande papel para condensar no interior e projetar no exterior; e essa faculdade de condensação e emissão não apresenta nenhuma relação com o vigor corporal, que não poderia supri-la.

25. O regime favorece consideravelmente esta faculdade irradiante: cumpre ser sóbrio, habituar-se a restringir as suas necessidades e a comer pouco; quanto mais se desenvolve a função digestiva e mais trabalho se lhe dá, tanto maior é a restrição da potência nêurica condensante e irradiante, estando esta em proporção inversa das funções vegetativas.

É um preconceito acreditar-se que uma alimentação rica e forçada entretém melhor a saúde; o abuso dos alimentos detém, pelo contrário, todo o funcionamento vital: "*Qui nimis alitur, non satis alitur*" (aquele que come muito, não se nutre o bastante).

> O abuso dos alimentos produz o mau odor da transpiração e do hálito; sendo imperfeita a combustão, a pele exala ácidos, assim como a superfície pulmonar; é assim que a alcalinidade do sangue pode ser diminuída pela invasão dos ácidos não queimados (Dr. Bouchard).
>
> Os pobres adoecem menos por falta de alimento, do que os ricos por excesso deles (Fénelon).
>
> O *eu* é tanto mais vivaz e mais poderoso quanto menos freqüentemente se renovar a matéria que o sustenta. Os comilões ativam suas funções vegetativas, duplicam suas eliminações e suas excreções; possuem um *eu* menos consciente, menos ativo e menos lúcido, e o movimento para mais que eles dão aos órgãos industriais do corpo, isto é, as vísceras, indo atuar sobre o cérebro, traz alucinações e desarranjos intelectuais; os comilões tendem a tornar-se hipocondríacos, inconscientes, imprestáveis e idiotas. (Louis Lucas)

26. Para desenvolver as faculdades magnéticas, o regime vegetariano, aplicado sem exagero e sem prevenção exclusiva, é incontestavelmente o melhor; faz-se preciso comer pouca carne, suprimir por completo o uso do álcool e beber muita água pura.

> Os carnívoros têm a língua suja, o hálito mau, as dejeções irregulares e fétidas, desarranjos gastro-intestinais freqüentes, afecções cutâneas habituais, enxaquecas, reumatismos, obesidade ou edemacia. (Dr. Bouchard)
>
> O álcool, assim como os éteres, as essências e seus derivados, atuam profundamente sobre os centros nervosos, exaltando e paralisando alternadamente as funções psíquicas, e alterando deste modo, com o correr do tempo, a vitalidade

da medula, que preside à nutrição dos tecidos. (Claude Bernard)

A água tomada como bebida, a água absolutamente pura e simplesmente filtrada, é indispensável em certas proporções para acelerar os atos da desassimilação e favorecer as metamorfoses orgânicas; está agora infelizmente banida da mesa do rico e do pobre; ninguém hoje bebe mais água natural, entretanto sua falta faz com que os produtos da desnutrição se acumulem no sangue, as condições da osmose se suspendam e os produtos excrementícios acumulados venham viciar os tecidos e os humores. Para passar bem é preciso beber pelo menos de um litro a litro e meio d'água pura nas vinte e quatro horas. (Dr. Bouchard)

É um preconceito acreditar que a carne nutre a carne. O regime da carne e do sangue é, pelo contrário, nocivo à beleza das formas, ao viço da tez, à frescura da pele, ao aveludado e brilho dos cabelos. Os comedores de carne são mais acessíveis que os vegetarianos às influências epidêmicas e contagiosas; os miasmas mórbidos e os vírus encontram um terreno maravilhosamente preparado para o seu desenvolvimento nos corpos saturados de humores e de substâncias mal elaboradas, nocivas ou já meio fermentadas e em decomposição. Por outro lado, o uso dos condimentos e adubos, inseparável da alimentação animal, pouco a pouco embota a sensibilidade olfativa, a sensibilidade gustativa, e leva os carnívoros a estimularem os seus sentidos com o uso do fumo, do álcool e das bebidas fermentadas. (Professor Raoux, de Lausanne)

27. Finalmente, uma das condições higiênicas mais importantes a seguir-se, é evitar com cuidado todos os atos da vida que, próxima ou remotamente, possam, afetando o físico ou o moral, trazer despesas nervosas bastante sérias, que enfraqueçam ou esgotem prematuramente as fontes preciosas da irradiação vital.

Desejas, com critério e prudência,
Tua saúde poupar?
Aprende a beber pouco;

E de Venus às cadeias
Mais criteriosamente ainda
Não entregues os teus pulsos.
(Escola de Salerno)

Os males, os desgostos, a cólera, a canseira
De teus dias devorados abreviam a carreira.
(Escola de Salerno)

28. Calma – A calma é uma das qualidades mais essenciais para magnetizar. Sem calma não há ponderação nem equilíbrio e, por conseguinte, não pode haver poder irradiante e regularidade de transmissão.

Só a calma torna-nos atentos, perseverantes, confiantes e dá essa virtude preciosa que se chama paciência.

Se se desconfia de si, se se duvida, se se está hesitante, se se age molemente e sem perseverança, se há falta de ordem e de confiança, se não se observa, ou se observa mal o seu doente, se em vez de se agir no interesse dele, se diverte em provocar certos efeitos no intuito de satisfazer uma curiosidade frívola ou disfarçar a impaciência que se experimenta, arrisca-se a fazer pouco benefício; porque uma atenção acurada e uma confiança perseverante são os verdadeiros agentes de toda a ação magnética, e onde faltam estes preciosos elementos todos os esforços neutralizam-se.

Se a calma é a qualidade quotidiana, mais útil àquele que quer magnetizar, esta qualidade torna-se inteiramente indispensável nos casos em que a natureza, produzindo crises, exige do operador todo o sangue frio de que é suscetível para auxiliar o doente a sair vitoriosamente dessas situações difíceis.

> A curiosidade, que ordinariamente é um grande defeito, torna-se um vício radical no magnetizador; um curioso jamais deixa em repouso o doente no qual não obtivera efeitos que o distraiam do aborrecimento experimentado em magnetizar. Assim, as pessoas curiosas, instáveis, versáteis, irregulares nos seus sentimentos e nos seus modos, não conseguem nenhum êxito curador. (Aubin Gauthier)

29. Vontade – A vontade atua de uma maneira poderosa no ato de magnetizar; é necessário, pois, desenvolver muita vontade quando se magnetiza.

Entretanto não se acredite, como pretendem alguns, que a vontade faça tudo, substitua tudo, e não necessite de nenhum outro auxiliar; se assim fora, não se deveria preocupar com processos: bastaria fazer um tratado acerca da vontade e seus usos: mas assim não acontece, e só devemos considerar a vontade como agente interno encarregado de regular, dirigir e sustentar nossa ação.

Explico-me:

Tenho em mãos uma bola, hesito em atirá-la e, em lugar de o fazer, deixo-a cair. A falta de minha vontade produziu o relaxamento dos músculos que apertavam a bola; estes músculos distenderam-se e a bola caiu. Se eu a tivesse atirado, ela não teria partido por si, tê-la-ia impelido e seria acompanhada de minha vontade até ao fim.

É desta maneira que se pode compreender como retemos, deixamos cair ou dirigimos as nossas radiações. Quando não sabemos querer, elas conservam-se inativas e neutras; escapam-nos inteiramente sem direção determinada, se não sabemos condensá-las e retê-las; tornam-se intensas e encaminham-se como a trajetória da bola, quando sabemos e queremos dirigi-las para um fim. Todo o segredo do mecanismo da vontade, como agente de tensão, reside neste ponto.

> A nossa vontade atua mais sobre nós mesmos do que fora de nós; produz uma atividade maior no cérebro e em todos os plexos, e daí resulta uma emissão maior e mais intensa na ação. Quanto mais a vontade se exprime com firmeza e continuidade, tanto mais a emissão se faz abundante e intensa. (La Fontaine)

> Os principais agentes de que o homem se serve em magnetismo são: a *vontade* e a *atenção*. A vontade determina e dirige a ação, a atenção sustenta-a e aumenta-a. Pela vontade, o homem imprime sua ação e dirige-a para onde quer. (De Bruno)

Sem vontade não há atenção; se esta se desvia do seu objetivo, aquela se enfraquece: uma dirige e a outra esclarece. (Aubin Gauthier)

30. Benevolência – Todos, indistintamente, podem produzir efeitos magnéticos; porém, para curar, é necessário possuir um fundo inesgotável de caridade e de benevolência, é preciso amar ao seu semelhante.

O homem bom, caridoso, benévolo, será certamente mais calmo, mais atencioso, mais perseverante, mais animado do amor do bem e, por conseguinte, mais desejoso de atingir o seu fim, que o indiferente; há, pois, muitas probabilidades de que produza efeitos salutares.

Se a benevolência não é absolutamente necessária para agir, é indispensável para ser útil (Aubin Gauthier).

Se, há um século, Mesmer se contentasse em anunciar aos sábios da Europa que uma vontade firme e benevolente era o remédio soberano que se precisava contrapor exclusivamente a todas as nossas moléstias, a extrema simplicidade de um tal asserto tê-lo-ia coberto de ridículo, e o magnetismo talvez tivesse morrido ao nascer; mas o homem inteligente, que acabara de encontrar esta verdade imensa, pensou imediatamente nos meios de torná-la aceita. Foram os esforços de Mesmer para cativar os espíritos pelo mistério e o desconhecido, e certos processos que empregou nesse intuito, que forneceram aos seus adversários um motivo para atacar a sua maneira de agir. (Dr. Tesle)

31. Fé – Será preciso ter a fé para magnetizar? A fé não é precisamente uma condição indispensável para agir. A incredulidade não impede a produção de efeitos magnéticos; entretanto, sem uma confiança absoluta nos meios que se emprega e no fim que se procura atingir, a vontade flutua e a atenção paralisa-se; ao incrédulo falta-lhe perseverança e paciência, não possui esse fogo sagrado que triunfa dos obstáculos e das dificuldades, não tem esse precioso elemento do bom êxito, a confiança, que é a única que pode dar a fé fortificada pela experiência.

Tomemos um exemplo:

Se alguém vos disser: eis aqui um vintém; todos os dias imponde vossas mãos com perseverança sobre esta moeda de cobre, e em breve a vossa tenacidade e a vossa confiança serão largamente recompensadas: o vintém se transformará em ouro. Se não tiverdes confiança na afirmativa que se vos faz, nem na pessoa que vo-la dá, acontece que não vos preocupareis por certo com um fato que vai de encontro a todas as idéias adquiridas, e, se aquiescerdes a ele, não tereis perseverança; entretanto, se efetivamente existisse ali um meio de metamorfosear o cobre em ouro, não teríeis perdido uma bela ocasião de lucro, pela vossa tendência a incredulidade?

Admitamos, pelo contrário, que pondo de parte qualquer prevenção, vos dispusésseis escrupulosamente a verificar pela experiência uma afirmação que choca os vossos preconceitos e que assim chegásseis a averiguar a verdade do fenômeno; com que ardor perseverante, com que paciência a toda prova não estaríeis desde então armado para renovar o milagre à saciedade!

Este exemplo aplica-se aqui bem: uma simples imposição das mãos pode produzir prodígios, mas quem não experimentou e não viu não pode acreditar nessas maravilhas; e, enquanto por si mesmo não se conseguiu esses efeitos surpreendentes, conserva-se o homem cético e sem fé, indeciso e flutuante, dificilmente dispõe-se às penosas demoras de uma operação, que muitas vezes demanda esforços contínuos e uma paciência inesgotável.

Pode-se, pois, magnetizar sem ter a fé, porém ela torna-se necessária para fazer o bem, para restituir a saúde àquele que a perdeu.

> A falta de confiança dá a timidez; teme-se um efeito magnético em vez de desejá-lo; se ele se apresenta, recebe-se-o com inquietação; os efeitos imprevistos enchem de pasmo ou impelem-no a imprudências e exageros que se não dariam se se tivesse por guias a reflexão, o critério e a experiência (Aubin Gauthier)

32. Saber – O magnetismo, considerado sob o ponto de vista do exercício de uma faculdade natural, está ao alcance de todos;

e para fazer o bem ao seu semelhante basta possuir um coração simples e benévolo; se se considerar o Espiritismo sob o ponto de vista dos altos problemas de fisiologia e de psicologia que ele pode resolver, não é bastante um bom coração, é necessário uma grande inteligência e saber.

Tomemos um meio termo entre esses dois extremos e digamos que, para praticar o magnetismo curador com bom êxito, convém reunir às qualidades que acabamos de enumerar alguns conhecimentos de anatomia e de fisiologia e o estudo das melhores obras que têm tratado do magnetismo.

33. Finalmente, antes de procurar tratar de um doente, cumpre fazer um exame de si próprio e refletir maduramente: considerando o objeto que se propõe, que é curar, como um verdadeiro sacerdócio, é necessário tomar a resolução de imprimir a todos os seus atos o mais correto procedimento, as mais puras intenções, uma inteira discrição, uma dedicação absoluta e só empreender o tratamento quando se está certo de levá-lo a bom termo nas condições exigidas.

CAPÍTULO III
Das condições necessárias para ser magnetizado

Ninguém é refratário ao magnetismo. – Das condições necessárias para desenvolver a receptividade magnética: simpatia, confiança, paciência. – Influências internas e externas. – Efeitos do regime e dos medicamentos.

34. Ninguém é refratário à influência magnética e, do mesmo modo que qualquer indivíduo pode magnetizar, todo indivíduo é magnetizável. É bastante, para aproveitar na mais larga escala os efeitos salutares do magnetismo, colocar-se nas condições de receptividade as mais favoráveis.

Essas condições são todas de ordem moral: *Simpatia*, *confiança* e *paciência*.

35. Simpatia – A escolha de um magnetizador é uma coisa mais delicada e mais importante do que a escolha de um médico. É preciso que haja entre o magnetizado e o magnetizador, senão uma verdadeira simpatia, pelo menos ausência completa de antipatia; qualquer sentimento de indisposição, de constrangimento ou de repulsão, é absolutamente contrário ao estado de receptividade magnética.

36. Confiança – Se é indispensável a simpatia, não o é menos a confiança, não a fé cega na eficácia do magnetismo, mas sim uma absoluta confiança na pessoa do magnetizador.

> Um doente que esgotou os socorros da medicina nunca vem à magnetização com uma grande confiança, e muitas vezes a pouca estima que ele vota a um remédio que não conhece deprecia esse remédio aos seus olhos. Tudo isto não é motivo para que o magnetismo não lhe restitua a saúde. A confiança na própria coisa não é indispensável para que o efeito se produza. (Aubin Gauthier)

37. Só com o correr do tempo, depois da obtenção de certos efeitos, é que o doente pode familiarizar-se com o magnetismo, de que não tem às vezes mais do que uma idéia muito vaga;

porém é desde o primeiro dia que ele deve confiar inteiramente no magnetizador, porque, dependendo a eficácia do tratamento da maneira pela qual o magnetismo é administrado, todo sentimento de desconfiança ou de prevenção tenderia a enfraquecer as boas disposições daquele de quem toda a virtude curadora reside na expansão de suas faculdades irradiantes.

> Dizei: "Eu não creio no magnetismo, mas tenho confiança em vós!" Nestas disposições, as mãos dos menos hábeis podem produzir maravilhas. (Aubin Gauthier)

38. Paciência – Depois da confiança, a melhor garantia de bom êxito é a paciência, e infelizmente a paciência é a virtude que mais vezes falta aos doentes.

Quer-se ser curado antes de submeter-se ao tratamento. Não se quer admitir que uma moléstia inveterada desapareça como que por encanto, e que é preciso dar ao tratamento o tempo necessário.

Se não se sente nada no começo, duvida-se e perde-se a confiança.

Se sobrevêm ou aumentam-se as dores, lamenta-se e fica-se amedrontado.

Às vezes, uma melhora imediata, dando a esperança prematura de uma próxima cura, faz originar decepções que levam ao desânimo.

Essas alternativas de dúvida e esperança, essas impaciências, esses temores, essa grande mobilidade de sentimentos têm geralmente deploráveis conseqüências; enervam o doente e desmoralizam o magnetizador; um coloca-se, por culpa própria, em mau estado de receptividade; o outro vê sustar-se, com grande pesar, a sua força irradiante, e o bom êxito da operação se acha deste modo retardado ou comprometido.

39. É preferível não empreender um tratamento quando não se esteja compenetrado da necessidade de submeter-se inteiramente à experiência do magnetizador e de não contrariar a sua ação em coisa alguma.

Cumpre saber:

1º) que o tempo de uma cura varia ordinariamente de um a seis meses, e algumas vezes mais;

2º) que não há motivo para perder-se a esperança quando nada se sente no começo; os efeitos magnéticos manifestam-se às vezes tardiamente, e a cura muitas vezes sobrevém mesmo sem nenhum sinal precursor aparente;

3º) que se as perturbações se agravam e aparecem dores, não há razão para atemorizar-se; todo tratamento apresenta alternativas inesperadas e os sofrimentos são a maior parte das vezes a prova de uma reação salutar.

A dor exprime um ato puramente vital; os fenômenos da dor são de tal modo um ato de reação vital, que é preciso que haja não somente o despertar da sensibilidade para que ela se produza, como ainda uma certa dose de sensibilidade disponível; na região em que a rede nervosa for tórpida, anestésica, a dor é incapaz de se desenvolver: “Não sofre quem quer! Para sofrer é preciso sentir.” (Dr. Luys)

40. Finalmente, se um alívio imediato se produz, é preciso não se entregar muito cedo à esperança, a fim de evitar as decepções.

41. O doente deve estudar com o maior cuidado todas as sensações que experimenta, quer durante a magnetização, quer no intervalo das sessões, a fim de poder informar o magnetizador sobre todos os sintomas que ele puder notar.

42. Ele deve evitar ser influenciado pelo meio em que vive; não contrariar a ação do magnetismo, tomando ocultamente substâncias cujos efeitos o magnetizador não pudesse distinguir nem prever.

43. Sob o ponto de vista do regime, cumpre evitar os excessos de todo o gênero, vigílias, fadigas corporais e espirituais, emoções vivas ou deprimentes, em outras palavras, tudo o que puder perturbar o equilíbrio do corpo ou o repouso da alma.

44. Não deve abusar, quer das abluções, quer dos banhos; a ação repetida das duchas quentes ou frias diminui com o correr

do tempo a receptividade magnética, determinando uma excitação periférica que se transmite, pelos nervos vaso-motores, ao centro do grande simpático.

45. Todo agente manifestamente sedativo ou revulsivo, isto é, que demora ou excita o movimento vital, deve ser moderadamente empregado em concorrência com o magnetismo, de maneira a não embaraçar-lhe o efeito.

46. É especialmente importante abster-se de tudo quanto possa tender a destruir ou minorar a sensibilidade nervosa, como os perfumes, narcóticos e bebidas espirituosas; sob a influência deprimente dos anestésicos ou dos tóxicos, a tensão vital acaba por embotar-se de tal modo que se torna impossível ao magnetismo despertar no corpo uma reação qualquer.

As pessoas que fazem ou que fizeram uso imoderado da morfina, da antipirina, do éter, do ópio, do cloral, do clorofórmio e do sulfonal, ou que foram tratadas durante muito tempo por tóxicos violentos, tais como a acetanilide, estriquinina, o salicilato de soda e as variedades de brumuretos ou de ioduretos, perdem toda a receptividade magnética e tornam-se incuráveis pelo magnetismo.

O quinino em altas doses, a atropina, o colchico, o abuso do álcool e do tabaco têm os mesmos efeitos sobre o organismo.

CAPÍTULO IV
Da maneira de pôr-se em relação

Definição e objeto. – Relação por contato. – Relação à distância. – Efeitos produzidos pela ação de relação.

47. Pôr-se em relação é estabelecer, entre si e a pessoa que se quer magnetizar, uma espécie de acordo prévio simpático, tendo por objeto fazer nascer de um organismo para outro a corrente de transmissão. O encetamento da relação é uma operação preliminar que precede a qualquer magnetização.

Nesta operação a pessoa que magnetiza, concentrando fortemente a sua vontade e a sua atenção, coloca-se no estado mais favorável de expansão irradiante, e a pessoa magnetizada, por um repouso físico e moral neutralizante, procura, num estado de calma e descanso passivos, atingir o mais elevado grau de receptividade.

48. Para colocar-se no estado mais favorável de expansão irradiante, não é preciso acreditar que seja necessário um grande esforço de contenção; qualquer constrangimento, ao contrário, é nocivo à emissão irradiante que uma grande flexibilidade muscular favorece; é do cérebro que parte a ação propulsora e esta ação, propagando-se ao longo dos cordões nervosos, deve encontrar francos todos os caminhos para a sua passagem. O querer é o verdadeiro foco de ação, mas é preciso um querer contínuo, sem interrupção nem projeção violenta, agindo de maneira regular e firme, como se fora o pistão no organismo mecânico de uma máquina, para expelir a força motora destinada a aplicações industriais.

> Aquele que magnetiza deve considerar-se qual máquina física que produza em si mesma o agente dos fenômenos: sua vontade deve ser ativa, deve querer agir sobre o magnetizado induzindo nele o princípio que sua organização encerra; os braços, as mãos, não devem ser considerados senão os condutores desse agente. (Barão Du Potet)

A relação se estabelece por contato ou à distância.

49. Relação por contato – Fazer sentar o doente em um lugar cômodo, onde esteja bem à vontade. Colocar-se diante dele, tendo os joelhos e os pés opostos aos seus sem tocá-los, sentado um pouco mais elevado numa cadeira leve, por exemplo, que se possa manejar facilmente.

Estender os braços para diante, tendo as suas mãos abertas, com a palma para cima, de maneira que aquele que se submete à operação, o paciente, coloque nelas em cheio as suas mãos, palma contra palma, estando os dedos em contato em toda a extensão.

Conservar esta posição de cinco a dez minutos, concentrando bem a atenção, sem fixação do olhar e sem esforço.

Se o doente estiver deitado, coloque-se o mais próximo possível da beira do leito, tendo as pernas aproximadas e estendidas, os braços ao longo do corpo, fora das cobertas; tomar as mãos do doente como acaba de ser indicado para a posição sentada, ou impor simplesmente uma das mãos em cheio sobre a testa ou o peito.

50. Relação à distância – Colocar-se sentado em frente ao paciente, como já se disse acima, estender sem rigidez o braço direito para diante, tendo a mão aberta, a palma para baixo, os dedos levemente afastados e ao comprido em direção à testa, a alguns centímetros da raiz do nariz; conservar esta posição durante alguns minutos; depois, por um movimento mui lento, descer diversas vezes a mão da testa ao epigástrio[10], e terminar a operação colocando a mão na direção do epigástrio.

Pode-se variar sem inconveniente a maneira de pôr-se em relação, consistindo esta operação em uma simples posse do paciente para o estabelecimento da corrente.

Os processos indicados acima são os mais habitualmente empregados, mas cada operador possui os seus: uns como Mesmer, Puysségur, Deleuze, Aubin Gautier e Bruno, recebem o contato pelos polegares, colocam as mãos sobre as espáduas, descem lentamente muitas vezes ao longo dos

braços e terminam por uma imposição prolongada sobre o epigástrio; outros, em lugar de colocarem-se diante do paciente, ficam ao lado dele e recebem o contato deitando uma das mãos sobre os rins e a outra sobre o epigástrio, conservando, desse modo, o corpo do paciente entre as suas duas mãos; outros contentam-se em fazer o contato com uma só mão, colocando-a na testa ou sobre o epigástrio; e alguns há, como o Barão du Potet, que só empregam a ação à distância.

Cada um desses processos pode achar sua aplicação, conforme as circunstâncias e o grau de sensibilidade do paciente. Há casos em que se pode com vantagem alternar o contato e a ação à distância.

51. Cinco minutos bastam mais comumente para estabelecer uma relação contínua; entretanto, cumpre saber que a relação se estabelece mais ou menos rápida, em razão dos temperamentos e do grau de simpatia magnética que une as duas pessoas.

52. Faz-se preciso insistir durante mais tempo, nos primeiros dias, para colocar melhor a corrente do magnetizado no tom da do magnetizador; uma vez bem estabelecida a relação, a ação se renova nas sessões seguintes, no mesmo momento em que se começa a magnetizar. Assim é que, quanto se magnetiza uma pessoa depois de um certo tempo, pode-se dispensar a formalidade de pôr-se em relação como ato preliminar e passar desde logo aos processos de magnetização apropriados ao caso; os efeitos se determinam instantaneamente, sem que seja necessário recorrer a uma concentração prévia.

53. Quando se está bem exercitado, sente-se depressa quando a relação está estabelecida; um grande calor nas mãos, formigamentos na extremidade dos dedos, um pouco de umidade da palma, são os indícios mais comuns. Às vezes no paciente, conforme a sua sensibilidade, verifica-se em graus diferentes os sintomas seguintes: palidez ou coloração da pele, aceleração ou diminuição do pulso, tremura das pálpebras, ansiedade, sufocação, depressão que obriga a procurar um ponto de apoio, sensa-

ção de calor ou de frio, peso da cabeça, dormência nos membros, impressões ou formigamentos, lágrimas, bocejos freqüentes.

Estes primeiros efeitos se acentuam algumas vezes com sinais mais significativos: propensão ao sono, agitação ou depressão, movimentos convulsivos, contraturas; mas também pode acontecer, e este é o caso mais comum, que nenhum sintoma indicador apareça; entretanto, o ato da relação nem por isso deixa de estar estabelecido, e pode-se continuar a operação.

CAPÍTULO V
Das imposições

Definição, modo de execução, efeitos. Contatos simples: sobre a cabeça, o epigástrio, o ventre, o dorso e a nuca. – Contatos duplos: sobre a cabeça, os olhos, as espáduas, o epigástrio, os braços, o ventre, os joelhos, os rins, a barriga das pernas e as clavículas.

---

54. Quando se coloca as mãos sobre um doente, diz-se atuar por imposição. A imposição das mãos era conhecida e empregada, muito antes de Mesmer, como poderoso meio curador.

> Praticada desde os primeiros tempos históricos pelos magos da Caldéia, o magnetismo se propagou das Margens do Eufrates ao Egito e à Índia. Depois dos sacerdotes de Ísis, os padres do Deus dos Judeus foram seus depositários e os cristãos o herdaram deles. Da Grécia passou a Roma, e de Roma, dizem, às Gálias. Sufocada na sombra espessa em que a cultivavam os adeptos na idade média, a ciência magnética renasceu com Paracelso, que a ensina ex-professo, e faz dela a base de uma nova escola médica. Meio século mais tarde, Van-Helmont consagra-lhe, em pura perda, quarenta anos de labores e de meditações, porque não é compreendido. Mesmer, finalmente, no século XVIII descobre o magnetismo que, depois de mais de três mil anos de exame e de controvérsia, conta hoje oitenta anos de existência. (Dr. A. Tesle, 1845).

55. A imposição – Como seu nome o indica, obriga ao contato; a mão deve deitar-se em cheio sobre as partes em que se quer exercer uma ação. Estendem-se as mãos sobre as partes planas, afastando levemente os dedos sem contração nem rigidez; envolve-se as partes redondas com a mão fechada, os dedos juntos e repousando sobre as regiões circunvizinhas.

56. Na prática, as imposições se fazem mais comumente por cima das roupas ou das cobertas, estando o paciente sentado ou deitado, e a espessura dos tecidos, quando se acham bem esten-

didos e sem desigualdades, não invalidam em nada a comunicação que se quer estabelecer; apresentam-se, entretanto, casos (se não se corre principalmente o risco de ofender o pudor do homem ou da criança por exemplo) em que a imposição direta, feita a nu sobre a pele é muito preferível, porque à ação magnética se junta então uma outra influência, a ação do calórico, que vem favorecer muito eficazmente as resoluções dos abcessos, tumores, ingurgitamentos ou obstruções.

57. Em geral, a imposição é calmante e sedativa; atuando sobre as correntes nervosas e, consecutivamente, sobre a circulação do sangue e dos humores, ela distende e relaxa as fibras musculares, faz cessar as contrações, dissipa as obstruções, favorece as secreções e o fluxo periódico. Porém, a imposição, atraindo mais especialmente a ação das correntes sobre a parte tocada, e as forças nervosas acumulando-se nesta parte, pode, por uma ação de condensação prolongada, tornar-se excitante; é assim que as imposições sobre o cérebro e o epigástrio produzem às vezes perturbações e sufocações que se fazem cessar imediatamente, suspendendo-se a ação ou afastando-a.

58. Dirige-se à vontade a ação magnética sobre tal ou tal parte do corpo, colocando uma só mão sobre o órgão que se quer atuar – o contato simples –, ou estabelecendo, por meio das duas mãos, uma continuidade de relação – o contato duplo; os braços e as mãos nesta operação devem ser considerados como simples condutores, próprios para estabelecer essa continuidade.

Contatos simples

59. Sobre a cabeça – Sentado de frente para o paciente, colocar a palma da mão em cheio sobre a testa na altura da raiz do nariz, os dedos ligeiramente afastados e repousando sem contração nem rigidez sobre a cabeça.

60. Sobre o epigástrio – Estando sentado diante do paciente, colocar a palma da mão em cheio sobre o epigástrio, na parte cava abaixo do esterno, os dedos ligeiramente afastados e repousando sem contração nem rigidez sobre o esterno e as primeiras costelas.

61. Sobre o ventre – Sentado diante do paciente, deve-se colocar a palma da mão em cheio sobre o umbigo, ficando os dedos ligeiramente afastados e em repouso, sem contração nem rigidez, sobre o ventre.

62. Sobre o dorso – Sentado por detrás do paciente, deve-se colocar a palma da mão entre as duas espáduas, ficando os dedos ligeiramente afastados e repousando sem contração nem rigidez sobre a origem das duas omoplatas.

63. Sobre a nuca – Sentado por detrás do paciente, deve-se colocar a palma da mão em cheio sobre o pescoço, ficando os dedos ligeiramente afastados e em repouso, sem contração nem rigidez, sobre a região occipital.

Pode-se variar os contatos simples, colocando sucessivamente a mão sobre todas as partes do corpo observando os mesmos processos.

Contatos duplos

64. Sobre a cabeça – Estando de pé à direita do paciente, tomar-lhe a cabeça entre as duas mãos, colocando uma delas sobre a nuca e a outra sobre a fronte; ou, estando de pé por detrás dele, colocar uma das mãos sobre cada orelha, tendo os dedos levemente afastados e em repouso, sem contração nem rigidez, sobre as fontes.

65. Sobre os olhos – Sentado de frente para o paciente, deve-se colocar as duas mãos sobre os olhos, tendo os dedos levemente afastados e repousando sem contração nem rigidez sobre a testa e as arcadas superciliares.

66. Sobre as espáduas – Estando sentado diante do paciente, colocar as duas mãos sobre as espáduas, por baixo do pescoço, estender os dedos e fazer-lhes tocar a parte posterior das espáduas.

Nesta posição, abarca-se com as mãos a maior parte dos nervos que descem da cabeça a todas as partes do corpo, e como esses nervos vão se reunir ao plexo solar que está co-

locado imediatamente por detrás do saco do estômago, esta imposição é particularmente muito ativa. (De Bruno)

67. Sobre o epigástrio – Sentando-se diante do paciente, deve-se colocar os polegares sobre a cavidade do estômago, abaixo do esterno, de maneira que as unhas dos polegares se toquem; estender as mãos de cada lado dos quadris, apoiando de leve a face palmar e os quatro outros dedos sobre as costelas.

Com esta imposição agindo diretamente sobre o plexo solar, toda a ação magnética se concentra com energia sobre esse centro nervoso da vida orgânica.

68. Sobre os braços – Sentado diante do paciente, e tendo este os braços estendidos e voltados de modo que a face dorsal da mão repouse sobre os joelhos, deve-se colocar as palmas das mãos sobre a região em que se costuma sangrar, conservando os dedos estendidos, sem contração nem rigidez, sobre os braços.

69. Sobre o ventre – Estando sentado diante do paciente, colocar os polegares sobre o umbigo, de maneira que as unhas se toquem, e estender as duas mãos de cada lado do ventre.

70. Sobre os joelhos – Estando sentado diante do paciente, colocar as duas mãos sobre os joelhos, a palma sobre a rótula, os dedos abraçando a articulação, sem contração nem rigidez.

71. Sobre os rins – Estando sentado diante do paciente, deve-se estender os dois braços, passar as mãos por detrás das costas como se quisesse cingir o paciente pela cintura, e colocar as duas mãos em cheio sobre os rins, tendo os polegares ao comprido e tocando-se as extremidades dos outros dedos.

72. Sobre a barriga da perna – Sentado diante do paciente, abaixar-se um pouco, passar as duas mãos pelos lados exteriores do corpo por baixo das pernas do paciente, e colocar as duas mãos em cheio sobre a barriga das pernas.

73. Sobre as clavículas – Sentado diante do paciente, abaixar-se, tomar as clavículas com as duas mãos envolvendo a parte inferior da perna com os dedos fechados, sem contração nem rigidez.

Esta imposição se executa com menos fadiga sobre uma pessoa estendida ou deitada; é particularmente empregada com vantagem para combater as febres graves e todas as afecções tifóides ou mucosas que afetam as regiões intestinais.

Pode-se variar os contatos duplos, pondo sucessivamente pelos mesmos processos cada parte do corpo em relação com um dos centros nervosos; basta colocar uma das duas mãos sobre um dos centros nervosos, cérebro ou epigástrio, e a outra mão sobre a parte em que se quer atuar.

74. As imposições sobre a cabeça e sobre as partes do corpo colocadas acima da cintura, atuam diretamente sobre os centros nervosos e sobre o ponto de partida ativa; é necessário não prolongá-las muito, a fim de não carregar em excesso os centros nervosos, o que produziria perturbações ou excitação.

75. As imposições sobre a parte inferior do corpo: ventre, rins, joelhos, barriga das pernas, clavículas, por sua ação atrativa para os pés, no próprio sentido das correntes, tendo um efeito dispersivo notável, acalmam e descarregam muito mais que as imposições feitas sobre a parte superior do corpo; podem, pois, ser prolongadas sem inconveniente.

CAPÍTULO VI
Dos passes

Definição, modo de execução, efeitos. – Passes longitudinais partindo de um contato simples: sobre a cabeça, sobre o epigástrio ou o ventre, sobre as costas ou a nuca. – Passes longitudinais partindo de um contato duplo: sobre os ombros, epigástrio, os joelhos e os rins. – Imposições e passes combinados, sobre os braços, as pernas e a coluna vertebral. – Passes rotatórios, em pontas ou palmares.

76. Deve entender-se sob o nome de passes todos os movimentos feitos com as mãos por cima das roupas, quer se toque levemente arrastando a extremidade dos dedos, quer se exerça uma pressão qualquer com a face palmar.

A ação direta sobre a pele não é mais um PASSE, e sim uma FRICÇÃO; falaremos das fricções ulteriormente.

77. Toda ação magnética se resume em imposições e passes; os outros processos são apenas acessórios e complementares.

Efetivamente, imposições e passes nada mais são que uma só e mesma coisa; a imposição representando a fixidez da ação, e o passe não sendo mais que uma imposição em movimento.

A ciência do magnetizador reside, portanto, na arte de combinar as imposições e os passes, para fazer nascer e dar escoamento às correntes: a imposição acumula e concentra, o passe arrasta e divide.

78. As imposições preparam os passes; os passes partem todos, conseqüentemente, de um contato simples ou de um duplo contato, conforme sejam feitos por uma só mão ou pelas duas.

Os passes feitos na extensão chamam-se longitudinais; os passes feitos em sentido concêntrico chamam-se rotatórios.

Passes longitudinais partindo de contato simples

79. Tendo feito sobre a cabeça um contato simples (59), levantar de leve a mão e descê-la lentamente até à cavidade do estô-

mago, tocando apenas o peito com a extremidade dos dedos; chegando ao epigástrio, fechar a mão, voltá-la ao ponto de partida afastando-a um pouco do corpo, fazer novamente o contato, recomeçar lentamente o mesmo passe rojante, e continuar esse movimento alternado durante alguns minutos.

80. Depois de ter feito um contato simples sobre o epigástrio ou o ventre (60 e 61), levantar a mão de leve e descê-la lentamente ao longo do corpo e das pernas até aos pés, tocando delicadamente as roupas; ao chegar aos pés, fechar a mão, voltá-la ao ponto de partida, afastando-a um pouco do corpo; recomeçar o contato e continuar lentamente o passe rojante, continuando esse movimento alternado durante alguns minutos.

81. Depois de haver feito um contato simples sobre as costas ou a nuca (62 e 63), levantar de leve a mão e descê-la com lentidão ao longo da coluna vertebral, até abaixo dos rins; ao chegar neste ponto, fechar a mão, voltá-la ao ponto de partida, afastando-a um pouco do corpo, fazer de novo o contato, recomeçar lentamente o mesmo passe rojante e continuar esse movimento alternado durante alguns minutos.

Passes longitudinais partindo de duplo contato

82. Tendo feito sobre os ombros um duplo contato (66), levantar de leve as duas mãos, descê-las com lentidão ao longo dos braços até à extremidade dos dedos, fechar as mãos, voltá-las ao ponto de partida afastando-as um pouco do corpo, fazer de novo o contato sobre os ombros durante alguns segundos, recomeçar lentamente o mesmo passe rojante e continuar esse movimento alternado durante alguns minutos.

83. Depois de fazer sobre o epigástrio um duplo contato (67), levantar de leve as duas mãos, descê-las lentamente ao longo dos quadris e das coxas até aos joelhos; fechar as mãos, subi-las ao ponto de partida, afastando-as um pouco do corpo; tornar a fazer o contato sobre o epigástrio durante alguns segundos, recomeçar lentamente o mesmo passe rojante e continuar esse movimento alternado durante alguns minutos.

84. Praticando sobre os joelhos um duplo contato (70), levantar ligeiramente as duas mãos, descê-las lentamente ao longo das pernas até aos pés; fechar as mãos, torná-las ao ponto de partida afastando-as um pouco do corpo; repetir o contato sobre os joelhos durante alguns segundos; recomeçar lentamente o mesmo passe rojante e continuar esse movimento alternado por espaço de alguns minutos.

85. Depois de praticar sobre os rins um duplo contato (71), levantar ligeiramente as duas mãos, levá-las lentamente para diante tocando de leve a cintura, descê-las ao longo das coxas e das pernas até aos pés; fechar as mãos, tornar a levá-las ao ponto de partida afastando-as um pouco do corpo; recomeçar o contato sobre os rins durante alguns segundos, recomeçar lentamente o mesmo passe rojante e continuar esse movimento alternado durante alguns minutos.

Os passes longitudinais simples e duplos variam na própria razão da diversidade dos pontos de contato ou partida. Não é preciso empregar para esses passes nenhuma força muscular; devem ser feitos mui lentamente.

Nesses passes, toca-se muito de leve, com a ponta dos dedos, as roupas, – ou escorrega-se a mão em cheio ao longo do corpo, ou se exerce sobre os membros delicadas pressões; pode-se também parar a mão várias vezes sobre o trajeto, como se se quisesse executar uma série de imposições sucessivas. Estas variedades de processos são mutáveis em razão de circunstâncias e do grau de sensibilidade dos pacientes; o tato do operador é que guia a escolha dos meios.

Terminado um passe, é necessário ter cuidado, ao renová-lo, de não erguer as mãos da mesma maneira que foram descidas; a ação magnética só deve exercer-se no sentido das correntes, isto é, da cabeça aos pés, e toda a ação inversa ou retrógrada é contrária. Para renovar a posição de que se partiu é preciso, portanto, fechar as mãos, afastá-las um pouco do corpo, e conduzi-las com presteza à posição primitiva.

Imposições e passes combinados

86. Combinam-se as imposições e os passes, da maneira seguinte:

Sobre o braço – Estando sentado defronte do paciente, colocar a mão direita sobre o seu ombro direito e tomar a sua mão direita na esquerda; no fim de alguns segundos, descer lentamente a direita ao longo do braço, e fazer assim um certo número de passes, continuando a segurar a mão.

Do mesmo modo atua-se sobre o braço esquerdo, colocando a mão direita sobre o ombro esquerdo e segurando a mão esquerda em sua esquerda.

Todos os passes simples executam-se de preferência com a mão direita, conservando-se a esquerda passiva.

Sobre as pernas – Estando sentado diante do paciente, coloque-se a mão direita sobre o seu joelho direito e segure-se a clavícula direita com a mão esquerda; no fim de alguns segundos, desça-se lentamente a mão direita ao longo da perna, e faça-se um certo número de passes, continuando-se a segurar a clavícula com a mão esquerda.

Procede-se do mesmo modo sobre a perna esquerda, colocando-se a mão direita sobre o joelho esquerdo e segurando a clavícula esquerda com a mão esquerda.

Sobre a coluna vertebral – Sentando-se por detrás do passivo, coloque-se a mão direita entre os dois ombros, e a mão esquerda abaixo dos rins; no fim de alguns segundos, descer lentamente a mão direita ao longo da coluna vertebral, e fazer um certo número de passes deixando a mão esquerda apoiada sobre os rins.

Passes rotatórios

87. Os passes rotatórios empregam-se de preferência nos casos de ingurgitamento, de obstrução ou de irritação das principais vísceras: estômago, fígado, baço e ventre.

88. Executam-se da maneira seguinte: Depois de ter deixado a mão direita imóvel, sobre a parte doente, operar com esta mão, da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita, um movimento circulatório; esse movimento deve ser executado com muita lentidão, mas sem apoiar fortemente; esse ligeiro movimento rotatório superficial, praticado sobre as roupas ou as cobertas que, em qualquer outra circunstância, não parecia produzir grande efeito, atua muito profundamente quando sucede a uma longa imposição magnética; a corrente desenvolvida pela imposição se repercute nas profundezas do organismo e, seguindo os movimentos da mão, produz em breve reações internas tão benéficas quão interessantes.

89. Os passes rotatórios se executam igualmente com a extremidade dos dedos, levantando levemente a palma da mão, como se pratica com os passes longitudinais demorados; esses passes possuem uma ação mais excitante e ativa do que a da rotação palmar; tem a experiência demonstrado que a ação magnética é muito mais viva quando se faz uso das pontas dos dedos, do que quando se emprega a mão inteira colocada em cheio.

90. Em geral, qualquer obstrução interna ou externa, mesmo de natureza quística, cede muito facilmente à ação dos passes rotatórios, como se estes favorecessem a desagregação e esmagamento.

> A obstrução torna-se maleável e muda de forma ou de lugar do mesmo modo quando se age durante algum tempo pelo calor, sobre um corpo gorduroso, a fim de dissolvê-lo. (Aubin Gautier)

CAPÍTULO VII
Das ações à distância

Os efeitos magnéticos mais poderosos residem nas ações à distância. – Imposições à distância; imposições palmares, digitais, simples, duplas. – Variedade das zonas de sensibilidade. – Passes à distância, passes simples, duplos, longitudinais ou a grandes correntes, rotatórios. – Ações combinadas.

91. Depois de ter examinado as ações de contato, resta-nos falar das ações à distância. O contato, já o vimos, se estabelece pelas mãos, pelos polegares, e colocando-se a mão em cheio, ou simplesmente a ponta dos dedos, sobre uma parte qualquer do corpo; é pelo contato que geralmente se entra em relação. Parece que o contato favorece melhor a concentração da ação e o desenvolvimento das correntes, e estabelece mais profunda e rapidamente a união necessária entre o operador e o paciente; é pelo menos a impressão que nos causa, pois a união entre dois corpos nos parece mais sensivelmente perfeita e íntima quando existe a ação material do tocar; e eis a razão pela qual, instintivamente, se começa sempre a magnetizar pelas ações de contato.

Mas cumpre não nos apegarmos a uma questão de sentimento e de aparência, e se bem reconheçamos perfeitamente o que têm as ações de contato de útil e bom, é preciso saber-se que os efeitos magnéticos mais poderosos residem nas ações à distância.

É efetivamente um fenômeno curioso, que, apesar de parecer em desacordo com as leis existentes, está bem verificado pela experiência.

> Constatei o fato pela primeira vez em 1872, sobre um couraceiro do 11º regimento de guarnição em Angers; esse homem, querendo fazer um assalto à força com seus camaradas à casa do encarregado das armas, ferira-se gravemente na coxa manejando uma bigorna; a imobilização forçada do membro, em conseqüência do ferimento, produzira uma pseudo-anquilose na articulação do joelho, que um trata-

mento de muitos meses não logrou reduzir e eu consegui restituir-lhe o uso da perna em doze dias.

Logo que fiz a imposição da mão sobre o joelho doente a perna tornou-se dormente e imobilizou-se como se estivesse pregada ao soalho. Entretanto, não havia insensibilidade, por isso que logo que eu afastava a mão, desenvolviam-se na articulação dores intensas que faziam gritar o doente, como se eu lhe tivesse revolvido o joelho com um ferro em brasa; e – o que é notável – quanto mais me afastava dele, tanto mais as dores tornavam-se intoleráveis; porém cessavam instantaneamente desde que eu tornasse a colocar a minha mão sobre a parte doente.

Admirei-me bastante, assim como as pessoas diante das quais eu operava, de um fenômeno que me parecia insólito, mas tive depois tantas ocasiões de verificar-lhe a constância, que hoje não duvido mais da sua realidade. O magnetismo, diz Mesmer, produz mais efeito à distância do que quando aplicado imediatamente; existe uma corrente que se transmite entre a mão do operador e o seu paciente. (Aforismos, 291 e 303)

Homens há que praticam o bem só com um simples contato; outros há que não fazem menos bem, e que não necessitam tocar. É isto devido à sua natureza ou ao temperamento dos doentes. Os processos se modificam conforme o temperamento dos magnetizadores e dos pacientes. (Deleuze)

92. Magnetiza-se com ou sem contato, tocando e sem tocar; quando se toca, a união dos corpos é visível; quando se não toca, esses corpos nem por isso deixam de unir-se pela ação das correntes.

As ações à distância, do mesmo modo que as de contato, se compõem unicamente de imposições e passes.

Imposições à distância

93. As imposições à distância se executam apresentando a mão estendida, a face palmar para baixo, os dedos ligeiramente

afastados sem estarem contraídos nem rígidos, numa distância de 10 ou 15 centímetros da parte do corpo em que se quer atuar.

94. Toda imposição à distância é geralmente precedida da imposição de contato correspondente, como acima foi descrito (59 a 63); é de regra estabelecer primeiramente o contato sobre o ponto que se quer atuar depois abandonar o contato e fazer a imposição à distância.

95. As imposições à distância se distinguem em imposições palmares e imposições digitais.

Para a imposição palmar, dobra-se um pouco o punho, a fim de apresentar ao ponto que se tem de atuar a palma da mão, ficando os dedos bem perpendiculares e as unhas para o ar.

Na imposição digital, a mão fixa pelo contrário, bem em cheio, antes apresentada do que estendida, sem esforço muscular, a palma para baixo, de modo que os dedos apontem para a parte escolhida.

96. A imposição palmar, apesar de sua ação tônica, tem uma influência mais branda do que a imposição digital; ela é passiva e calmante.

A imposição digital, pela enérgica concentração que determina sobre a parte visada, tem uma grande potência ativa, comunicativa e excitante.

97. Quando se quer determinar uma ação muito viva sobre um ponto qualquer do organismo, dirige-se sobre esse ponto os cinco dedos reunidos de maneira que as suas pontas quase se toquem e formem feixe.

Nesta posição, fixa-se a corrente por uma imobilidade absoluta do braço, ou projeta-se para diante lançando violentamente o braço por meio de abalos regulares e rápidos como se se quisesse bater, ou atraindo para si por movimentos lentos e delicados como se se quisesse acariciar.

O efeito produzido por estas imposições é algumas vezes tão notável que torna-se forçoso suspendê-lo.

Em vez de atuar com os cinco dedos reunidos, às vezes só se atua com o polegar ou com um, dois ou três dedos; neste caso, dobra-se os dedos não empregados sobre a palma da mão.

> Todos os corpos cujas figuras forem determinadas em ponta ou em ângulo, servem para receber as correntes e tornam-se seus condutores: pode-se encarar os condutores como as aberturas dos troncos ou dos canais que servem para fazer escoar as correntes. (Mesmer, Aph. 166 e 167)
>
> Os cinco dedos de cada mão são outros tantos canais pelos quais se determinam as correntes. (De Bruno)
>
> É pelas pontas dos dedos, e principalmente dos polegares, que a corrente se escapa com maior atividade. (Deleuze)
>
> A ação digital diante da fronte acima do nariz entre os dois olhos, ou sobre o globo do olho, é um processo que, mais do que qualquer outro, imprime mais rapidamente sobre certos pacientes a dormência cerebral, quando se tem algum motivo para produzi-la. (Aubin Gauthier)

98. As imposições à distância se fazem mais comumente numa distância de cinco a dez centímetros; mas ensina a experiência que existem zonas de sensibilidade que, em cada paciente, podem variar de cinco centímetros a muitos metros; é o tato magnético, assim como os efeitos obtidos, que indicam ao operador se ele deve aproximar-se mais ou menos do paciente.

99. As imposições à distância são simples ou duplas como as imposições de contato, conforme são feitas com uma só ou ambas as mãos.

Para as imposições simples, emprega-se de preferência a mão direita, como sendo muito mais ativa. As imposições duplas variam na razão dos pontos que se quer por em relação.

Passes à distância

100. Os passes à distância se fazem geralmente como os passes de contato (79 a 85) apenas com a diferença de que em vez de

tocar, apresenta-se a mão a 10 ou 15 centímetros do corpo, do mesmo modo que para a imposição à distância.

São simples ou duplos, conforme se toma por ponto de partida uma imposição simples ou dupla.

São longitudinais ou rotatórios, conforme se age de cima, de baixo ou contornando.

101. Os passes longitudinais, partindo de uma das maneiras indicadas pela imposição simples ou dupla, se fazem descendo a mão mui lentamente, ou as mãos, do ponto de partida até ao ponto terminal, de modo a favorecer a marcha descendente das correntes; todo o efeito retrógrado é contrário à ação magnética.

> Nunca se deve magnetizar em sentido inverso das correntes, isto é, subindo dos pés à cabeça. (Mesmer, Dr. D'Eslon, Deleuze)

> A mão do magnetizador derrama o fluido sobre o corpo do mesmo modo que o chuveiro de um regador distribui a água sobre os rebordos de um canteiro; esta imagem se aplica aos passes. Porém principalmente aos passes à distância. (Aubin Gauthier)

102. Os passes longitudinais, quando são feitos sobre a extensão dos membros, braços ou pernas, de cima para baixo da coluna vertebral, ou da cabeça aos pés, são chamados passes de grandes correntes.

> Quando se chega ao ponto em que deve parar o passe, é necessário ter grande cuidado de não voltar as mãos da mesma maneira que elas desceram; fecha-se-as como já foi indicado, desvia-se afastando-as um pouco do corpo, e torna-se de novo com certa presteza à posição primitiva, a fim de recomeçar o passe.
>
> Cada um desses movimentos alternados deve ser executado com muita calma, lentidão, regularidade e, principalmente, sem precipitação e sem rigidez. É indispensável que o operador conserve, por todo o tempo dos passes, uma grande flexibilidade nos braços, nos punhos e mãos, tornando-se nociva toda contração à emissão irradiante.

Um passe feito da cabeça aos pés leva cerca de 30 segundos; demora-se mais ou menos, conforme as nossas próprias sensações ou as do paciente. (Aubin Gauthier)

Os passes de grandes correntes da cabeça aos pés são fatigantes e nunca se os pode continuar por muito tempo; em vez de conduzir a ação de uma extremidade à outra do corpo de um só jato, pode-se então fazer passes parando nos joelhos, e, depois de um certo número de passes, fazer um número igual dos joelhos à extremidade dos pés. (De Bruno, Deleuze)

103. Os passes de grandes correntes têm uma ação inteiramente oposta à das imposições à distância; quanto têm estas de ativas e excitantes por seu efeito de concentração, tanto têm aquelas, por seu efeito dispersivo notável, de calma e de frescor, trazendo ao doente uma sensação indefinível de bem-estar.

Os passes de grandes correntes, executados mui lentamente, em distâncias que podem variar de dez centímetros a um metro e algumas vezes mais, são soberanos para acalmarem a agitação, extinguirem o fogo da febre e trazerem um sono reparador.

Cada gênero de magnetização deve ser aproveitado de acordo com o caso; é preciso empregar os processos conforme a sua virtude.

Quando um cano conduz a água para o centro de um tanque por diversos jatos, a força de propulsão se divide entre todos os jatos, enfraquecendo-se pelo próprio efeito desta divisão; mas é muito maior quando se concentra em um só jato. Do mesmo modo, quando toda a mão se dirige para um corpo, a corrente sai pelos cinco dedos, e a palma da mão cede-lhes a sua ação; depois, quando quatro dedos estão dobrados, toda a força magnética reside no quinto. (Aubin Gauthier)

104. Os passes rotatórios à distância, em vez de executarem-se longitudinalmente, se fazem quer apresentando a palma por cima do ponto a atuar, e voltando-se mui lentamente a mão como se se quisesse polir o bastão de uma bengala, quer apresentando-se os

dedos e virando-se delicadamente como se se desse corda a um relógio. Descreve-se às vezes uma sucessão de círculos concêntricos maiores ou menores sobre o órgão no qual se deseja atuar, principalmente sobre o ventre em torno do umbigo ou seguindo as circunvoluções do intestino.

Os passes rotatórios se executam como os longitudinais, a distâncias mais ou menos variáveis conforme o caso.

Possuem uma ação especial sobre os ingurgitamentos e as obstruções, e atuam poderosamente sobre a resolução dos quistos e abcessos.

> Nas irritações intestinais, nas cólicas, supressões e todas as afecções do baixo-ventre, empregam-se os passes rotatórios sobre os intestinos em redor do umbigo, e se os conduz depois por meio de passes longitudinais para os membros inferiores até aos pés. (Aubin Gauthier)

105. As ações combinadas se empregam à distância do mesmo modo que com o contato (86): faz-se a imposição com uma das mãos e um passe com a outra. Em geral, a esquerda conserva-se passiva no ponto de terminação do passe e a direita, conservando sempre o papel ativo, executa o passe.

CAPÍTULO VIII
Da massagem magnética

Diferenças entre a massagem magnética e a massagem médica. – A massagem magnética é baseada no mecanismo da circulação venosa e arterial. – Efeitos de condensações dispersivas e resolutivas. – Fricções palmares, digitais, longitudinais, rotatórias. – As fricções medicamentosas pervertem a sensibilidade magnética. – Malaxações: suas aplicações nas anquiloses das articulações. – Pressões: sua aplicação nas enxaquecas, nevralgias, convulsões, epilepsia. – Percussões: Seus efeitos sobre os espíritos vitais. – Tratamento da obesidade e da magreza. – A palheta. – O flagício. – Tratamento da hipocondria. – Atitudes e movimentos, exemplos de ginástica orgânica autônoma. – Tratamento das moléstias pelo exercício das funções. – Experiência de Claude Bernard sobre a enervação do grande simpático. – Aplicação às hemorragias nasais e à emissão das urinas. Ginástica médica dos chineses (Cong-Fou). – Movimentos, ativos, semi-ativos, passivos. – Pressão, choque, vibração, oscilação, abducção, adução, flexão, extensão, rotação, torção, atrito. – Renovação molecular dos velhos, paralisias. – Perigos da ortopedia nos desvios do crescimento, a cloro-anemia e a escrófula.

---

106. A massagem magnética nada tem de comum com a massagem denominada médica. É baseada sobre os princípios diferentes e produz efeitos opostos. Enquanto a massagem médica prescreve manipulações que se executam da periferia para o centro seguindo os condutos venosos, como se se quisesse fazer voltar, por um impulso mecânico, o sangue para o coração, a massagem magnética só comporta ações que vão dos centros à periferia, isto é, no sentido das correntes, conformando-se deste modo não somente com as prescrições magnéticas, como também com as regras que presidem ao funcionamento racional do mecanismo organo-biológico.

O movimento circulatório sanguíneo se opera em dois estados bem determinados: uma circulação arterial e uma circulação venosa.

Esta última funciona sob a dependência absoluta do impulso arterial que, regulada pelos dilatadores e os constritores dos nervos vaso-motores, se acha, por sua vez, sob a dependência estreita do influxo nervoso do grande simpático.

A distribuição da força motora em uma usina fornece-nos uma imagem patente desse funcionamento dos mecanismos vitais: vemos efetivamente a força motora, partindo de focos de produção, transmitir-se por meio de correias de transmissão às engrenagens que devem utilizá-la industrialmente.

Assim se dá com a máquina humana: o grande simpático, verdadeiro foco produtor da força motora, transmite-a pelo sistema dos vaso-motores originados dele e que funciona inteiramente ao longo dos condutos arteriais à maneira dos órgãos industriais de transmissão, na rede periférica dos capilares aonde se vêm engrenar a represa venosa, e é neste ponto de engrenagem da força nervosa sobre a rodagem viva que começa a verdadeira função industrial do sangue. Impelida com energia, do coração aos capilares, em toda a extensão da rede arterial, pela enervação do grande simpático e dos nervos vaso-motores, o sangue, que chega de um só jato, é tomado novamente à saída dos capilares pela rede venosa, cujas válvulas, dispostas à maneira das válvulas de engrenagem, o impulsionam de novo e lentamente para o coração.

Assim, na máquina humana, é o impulso arterial que engendra o movimento venoso, do mesmo modo que na usina a força de transmissão imprime a marcha da engrenagem arterial.

O que se diria de um operário, que em lugar de servir-se da força reguladora de transmissão para fazer trabalhar o seu instrumento lhe substituísse a irregularidade de sua ação pessoal?

Entretanto, é o que faz o massagista médico, levando toda a sua ação mecânica à rodagem venosa, quando deveria agir desde logo sobre a função emissora e irradiante do grande simpático no sentido das correntes nervosas, a fim de acionar a rede arterial e consecutivamente a circulação venosa que depende dela.

107. A massagem magnética compreende fricções, malaxações, pressões, percussões, atitudes e movimentos.

108. Nas imposições e passes feitos por cima das roupas e à distância, a ação magnética se exerce de maneira puramente dinâmica; porém, a toda manipulação direta sobre a pele se juntam ao efeito magnético dinâmico dois novos fatores: os efeitos caloricos e os efeitos mecânicos. No primeiro caso a ação se dirige diretamente aos centros de motilidade e favorece as correntes centrífugas. No segundo caso o contato da mão sobre a pele, influenciando as extremidades periféricas dos nervos sensitivos que vêm convergir por baixo da epiderme, faz a ação não atingir os centros de motilidade senão por um efeito reflexo que favorece as correntes centrípetas. Magnetizando por imposições e passes sobre as roupas e à distância, atua-se por condensação dispersiva, e, fazendo-se massagens por meio de manipulações a nu sobre a pele, atua-se por condensação resolutiva.

A combinação das ações puramente magnéticas e de massagem excita, pois, no organismo o duplo movimento alternado das forças centrífugas e centrípetas, por meio do qual podem-se imprimir tão profundas modificações na economia.

> O metodista Cassius, que colocava a causa das febres nos centros viscerais, fundava a sua terapêutica sobre esta idéia de reações centrífugas e centrípetas.
>
> O Dr. Nemand, de Berlim, desenvolveu magistralmente, sob o título de “Movimento concêntrico e excêntrico” esta tese que serve de base aos seus processos terapêuticos. Grandes espíritos procuraram em todos os tempos, nesta orientação, a solução do problema terapêutico, não somente os médicos, como também os engenheiros e os físicos, porque as leis que regem o mecanismo vital são as mesmas que as da física em geral. Maupertuis, membro da Academia francesa, refere que um geômetra tinha inventado, para favorecer os movimentos centrífugos e centrípetos do organismo, um aparelho que apresentara à Academia; mas este aparelho, obrigando o paciente a certas piruetas que excitaram o riso mofador da douta assembléia e principalmente dos médicos que ali se achavam, só teve um êxito de troça. “Seria muito melhor que o experimentassem!” Acrescenta Maupertuis. (Dally)

Fricções

109. As fricções se distinguem em palmares e digitais, fricções longitudinais e rotatórias.

110. As fricções palmares fazem-se com a mão aberta e com uma impressão bem em cheio, ficando os dedos ligeiramente afastados sem contração nem rigidez.

111. As fricções digitais se fazem com a mão aberta, ficando os dedos ligeiramente afastados e um pouco curvados sem crispações nem rigidez, o punho erguido, para que só a ponta dos dedos se dirija sobre a pele.

112. As fricções longitudinais se fazem, ou com a mão aberta e em cheio, ou somente com a ponta dos dedos, inteiramente ao longo dos membros e do corpo; do ombro à extremidade da mão, do quadril ao joelho, do joelho à extremidade do pé, da nuca até abaixo dos rins, da cabeça aos pés, etc.

Essas fricções se fazem com muita lentidão; são precisos cerca de quinze segundos para ir do ombro à extremidade do braço, ou do quadril ao joelho, um minuto para ir da cabeça aos pés, e, ao contrário do que se pratica na massagem médica, onde as fricções se fazem por um movimento de vaivém e indiferentemente de cima para baixo e de baixo para cima, as fricções magnéticas, nunca é demais repeti-lo, são invariavelmente descendentes e a ação ascendente, que caminha em sentido inverso das correntes, é antimagnética.

113. As fricções rotatórias se fazem ou com a mão aberta e em cheio, ou somente com a ponta de um, de dois ou de todos os dedos. Pode-se praticá-las indiferentemente sobre todas as partes do corpo, mas empregam-se mais geralmente sobre o fígado, a barriga e o braço.

> Prospér Alpini, que viajou pelo Egito no ano de 1580, deixou uma obra muito importante sobre a medicina dos egípcios. Trata das fricções e diz que, no tratamento dos fluxos disentéricos, os egípcios, depois de terem operado delicadamente fricções circulares com a mão sobre a região dos

hipocôndrios, introduziam um dedo no umbigo e davam voltas ao dedo muitas vezes, imprimindo vibrações ao umbigo (*digitun que pluriès circumvertunt*). Esta circunvolução umbilical foi em todos os tempos encarada como soberana contra a disenteria.

114. Geralmente, nenhuma força é preciso empregar-se nas fricções longitudinais e rotatórias; a excitação das ramificações dos nervos sensitivos do derma produz-se muito melhor e mais profundamente por um contato brando e suave do que por uma pressão dura e brutal.

Em caso algum é necessário inflamar a epiderme ou ofender os tecidos subjacentes, e é preferível não empregar óleo, sabão, pomada, ou banha. O que é preciso evitar, principalmente, é o emprego das substâncias mercuriais, arsenicais, iodadas ou canforadas, que embaraçam absolutamente a ação magnética, pervertendo mais ou menos a sensibilidade e a receptividade das ramificações nervosas do derma.

Numerosos fatos permitiram-me constatar a influência que exercem sobre a pele as fricções medicamentosas, mesmo as que se consideram ordinariamente como as mais inofensivas, o álcool canforado por exemplo.

Eis aqui um desses fatos:

Eu tratava de uma paraplegia em um indivíduo, de 58 anos de idade. No fim de algumas sessões, movimentos autônomos se apresentaram espontaneamente; simples ações à distância feitas com 50 centímetros, e até mais metros separados do corpo, determinavam profundos abalos nos músculos e principalmente nos músculos da perna, os quais iam e vinham em todos os sentidos como se o paciente quisesse envernizar o soalho. Sentimos prazer com a aparição desta ginástica natural que nos anunciava o caminhar de migrações vitais, quando de repente, numa das sessões seguintes, sem causa aparente, o fenômeno cessou e tudo entrou na passiva inação dos primeiros dias; depois de todos esses grandes movimentos que nos maravilhavam, nem um só estremecimento nos músculos. Donde podia provir esta brus-

ca interrupção? Tive em breve a explicação do enigma, interrogando o meu doente. Julgando proceder bem ou, pelo menos, que não pudesse demorar a ação magnética, ele friccionou vigorosamente as pernas com álcool canforado. Ora, esta ação, se bem que aparentemente inofensiva, subtraindo momentaneamente às ramificações nervosas do derma toda a receptividade magnética, produzira a parada do fenômeno; e se eu duvidasse um só instante desse fato, bastava a confirmação que me trouxe alguns dias depois o restabelecimento dos movimentos, quando se esgotou a ação anestesiante do álcool canforado. Poderia citar outros exemplos para corroborar esse fato, mas *ab uno disce omnes*; somente acrescentarei que tive ocasião de constatar um fenômeno análogo, não mais sobre um corpo vivo, porém sobre um objeto inerte, o que imprime um novo interesse ao assunto.

Eu, há alguns anos, fazia experiências com os Srs. Dècla e Chazarain, bem conhecidos autores da polaridade humana, acerca das propriedades magnéticas dos corpos, com o meu pêndulo explorador construído sob o mesmo plano que o do doutor Léger, quando um dia, ao experimentar a ação da barra imantada sobre o pêndulo, servimo-nos de um ímã mais poderoso que de costume. Porém, com grande admiração nossa, em vez de obter amplificações mais notáveis nas oscilações, como esperávamos, o pêndulo, depois de agitações desordenadas em todos os sentidos, caiu subitamente numa imobilidade de chumbo, donde não pudemos fazê-lo sair apesar de todas as experiências de uma outra ordem que tentamos para isso, e fomos obrigados a transferir os nossos estudos para outro dia.

O pêndulo, de algum modo anestesiado por uma influência muito poderosa, havia momentaneamente perdido essa admirável sensibilidade que nos permitira até então fazer com ele experiências de uma delicadeza inaudita, sensibilidade que mais tarde recuperou. Não há neste fato uma admirável analogia com o efeito produzido pelo álcool canfo-

rado sobre a sensibilidade das ramificações nervosas do derma do Sr. X?...

Malaxações

115. A malaxação é uma espécie de petrificação das regiões musculares feita com as duas mãos, sempre de cima para baixo, segundo o trajeto do músculo desde o seu ponto de inserção até ao de ligamento.

Não se deve empregar força nem aspereza nas malaxações, mas é preciso exercer sobre os tecidos compressões brandas sucessivas, tendo as mãos bem abertas, de modo que a ação compressiva venha antes da palma do que dos dedos, os quais, distendendo-se e fechando-se alternadamente, devem sempre conservar uma grande delicadeza.

116. A malaxação das partes delicadas, principalmente as da região abdominal, deve sobretudo ser feita com muito cuidado e prudência, a fim de não ofender os órgãos subjacentes; a ação deve comportar mais brandura e delicadeza do que força.

Para malaxar o abdome, parte-se da região ilíaca esquerda, arrastando de cima para baixo os fluidos elásticos do cólon para o reto; executa-se depois a mesma manobra sobre a região ilíaca direita, em seguida sobre o cólon transverso e o intestino delgado.

A malaxação abdominal pode ser também feita circularmente, começando de baixo para cima sobre o lado direito do abdome, seguindo depois transversalmente de um hipocôndrio para outro, e finalmente de cima para baixo sobre o lado esquerdo, devendo estar o corpo do paciente numa posição tal que as paredes abdominais se achem inteiramente relaxadas.

117. Atua-se ainda poderosamente sobre as articulações, por meio das malaxações.

As malaxações eram muito empregadas contra as anquiloses das articulações na medicina grega, e o próprio Hipócrates referia-se a ela muitas vezes em seus escritos.

"O médico, dizia ele, necessita saber muitas coisas; não deve ignorar que vantagem pode auferir das malaxações; elas produzem efeitos inteiramente opostos entre si: ou apertam as articulações frouxas, ou relaxam as articulações tensas; exporei num tratado especial o método de fazer malaxações e a sua utilidade." Infelizmente, ou esse tratado não foi feito, ou perdeu-se; de qualquer maneira, não chegou até nós. (Aubin Gauthier)

Pressões

118. Apesar do cuidado que se deve ter de banir da massagem magnética toda ação brutal ou violenta, há casos em que se deve exercer sobre certos pontos do corpo compressões para favorecerem uma ação curadora.

As pressões se executam geralmente com os polegares e se fazem na maioria dos casos sobre o trajeto das artérias, sobre as carótidas dos dois lados do pescoço, sobre a dobra do braço na região da sangria, sobre a artéria por baixo da articulação do joelho, sobre a artéria na dobra da virilha.

Também se operam compressões por baixo das clavículas, sobre os ovários, sobre o grande nervo ciático, sobre o plexo lombar, sobre o umbigo.

A compressão das carótidas consegue combater os acessos de cefalalgia[11] e enxaquecas, as convulsões e as nevralgias faciais.

A compressão do nervo ciático e do plexo lombar debela as dores nevrálgicas dos rins, dos joelhos, dos pés e em geral das extremidades inferiores.

A epistaxe[12] cede algumas vezes a um leve movimento de pressão na parte superior do nariz; é preciso sentar o doente com a cabeça levantada e passiva, segurar a parte superior do nariz com o polegar e o indicador e, depois de uma compressão de alguns minutos, imprimir a esta região do nariz um movimento bem acentuado de tremor ou vibração.

Esse gênero de compressão é aplicado também com êxito na coriza, principalmente em começo. Uma simples pressão

de alguns minutos, seguida de insuflações quentes sobre a raiz do nariz, basta para suster um defluxo em seu começo.

Segundo a opinião do Dr. Frederico Hoffmann, quando se exerce uma pressão de cima para baixo sobre o nervo frênico, obtém-se a revivificação da ação do diafragma.

As compressões têm também uma ação muito notável nas crises epilépticas, e principalmente para combater-lhes os pródromos. Basta algumas vezes comprimir fortemente a barriga das pernas, a curva do braço ou a cavidade da clavícula, para deter a aura.

Percussões

119. As percussões são ainda um excelente meio mecânico para convergir os sucos nutritivos nos pontos onde parece que eles não mais voltam.

A percussão praticada inteligentemente desperta os espíritos vitais, e os chama aos seus deveres e às suas funções, atraindo as correntes para a parte percutida.

Poderíamos dar numerosos exemplos de migrações para as partes do corpo que por circunstâncias, têm de sofrer subitamente um esforço externo mais considerável. Eis aqui um que, pela freqüência, tornou-se vulgar e que bastará para a demonstração que queremos fazer:

Quando não se tem grande hábito de andar a cavalo, e monta-se depois de um grande repouso, o choque e o atrito repetidos do selim desenvolvem nas partes musculosas em contato com ele um tal afluxo de vitalidade, que chegam a inflamar-se e mesmo a provocar escoriações. Ora, todo cavaleiro sabe perfeitamente que esse inconveniente desagradável cessa mais radicalmente pela continuidade de um exercício prolongado do que por meio de repousos intermitentes, que não fazem às vezes senão prolongar indefinidamente as escoriações; é necessário, apesar da dor, perseverar num exercício de todos os dias, o qual, longe de aumentar o mal, acaba, ao contrário, extinguindo a sensibilidade das partes lesadas e trazendo sua imediata cicatrização. Não

é, como se poderia acreditar, que a epiderme deixe de estar firme e endurecida; ela nada representa no fenômeno; conserva-se depois da cura tal como antes, delicada e flexível; é, porém, o afluxo dos espíritos vitais, anormalmente chamados a um exercício insólito nas partes em contato com o selim, que cessa de existir e acaba entrando a pouco e pouco na torrente circulatória. É um equilíbrio que se estabelece. Eis de que modo, mesmo fazendo logo exercício, não se é mais suscetível de ficar lesado quando se monta a cavalo diariamente; não se fica com a epiderme mais dura, porém o organismo, suficientemente equilibrado pelo hábito, já não deixa as correntes se dirigirem para a parte percutida.

Não se bate na palma das mãos de uma pessoa que tem um delíquio, como se se quisesse chamar à periferia os espíritos vitais que refluem para os centros?

A percussão da face plantar dos pés, atraindo energicamente para baixo o que se dirige muito facilmente para cima convém às pessoas ameaçadas de apoplexia e àquelas nas quais o sangue, a vida, a excitabilidade, tudo, finalmente, se precipita por uma invencível corrente, para o encéfalo a expensas do resto da economia.

120. A percussão é um meio seguro e vantajoso de infundir de novo nos músculos edemaciados a redondeza e a amplidão que perderam e de fazer perder as grandes barrigas; neste último caso principalmente, evita-se assim o perigo das cintas, das ataduras e de todos os agentes compressivos, que possuem o grave defeito de recalcar a massa intestinal para o diafragma e de ocasionar sufocações ou congestões nocivas à saúde.

Depois do emprego das imposições e dos passes magnéticos, a percussão é indubitavelmente o agente complementar mais seguro e mais inofensivo que permite remediar ao mesmo tempo dois vícios de constituição bem opostos na aparência, a obesidade e a magreza, combatendo a inércia das vísceras, o estado de inação e de estupor dos vasos absorventes, e favorecendo a nutrição dos tecidos. Nos casos de edemacia, as percussões dão tonicidade às funções e favorecem as assimilações: nos casos de

obesidade forçam as eliminações e obrigam a economia a absorver as reservas.

Os antigos, nossos mestres em muitas coisas, tinham acerca do dinamismo vital melhores idéias que nós.

Partindo deste princípio que o duplo movimento de composição e de decomposição, que resume a vida na sua mais simples expressão, depende inteiramente do equilíbrio das forças vitais, atribuíam o empastamento dos tecidos ou sua edemacia a uma só e mesma causa; a falta de equilíbrio destas forças e, segundo eles, quer haja excedente ou déficit nas reservas, era sempre a assimilação (esta importante função do organismo encarregada de introduzir na torrente circulatória os produtos dissolvidos da digestão) que não se operava normalmente. A percussão tinha como principal objeto despertar por uma ação dinâmica a reação vital adormecida e ativar mecanicamente as funções de assimilação.

Os antigos para percutirem, em vez de servirem-se da mão (o que é mais profícuo, por causa da ação magnética que desenvolve) empregaram dois pequenos instrumentos, tendo cada um seu uso particular: a palheta e o flagício.

A palheta (palmula ou férula) era uma espécie de espátula em forma de delgada raqueta, provida de um cabo comprido, e feita de uma madeira branca muito leve coberta de pele, serrim ou veludo.

O flagício compunha-se de uma bexiga de porco, de carneiro ou de cordeiro, bem cheia de ar e presa, um pouco afastada, a um cabo, de maneira a poder-se manejá-la facilmente.

A palheta empregava-se para dar pequenas pancadas repetidas nos músculos do tronco e dos membros em que se quisesse chamar o afluxo do sangue, a fim de reproduzir-se nessas partes assim flageladas uma intumescência favorável ao seu desenvolvimento. Quanto ao flagício, era especialmente destinado aos órgãos flexíveis, tais como o ventre, os hipocôndrios e o estômago, e batia-se com fortes pancadas

para arrancar do entorpecimento e da inação os vasos absorventes, e desse modo dar de novo ação às vísceras adormecidas ou imersas na água.

A ferulação (é o nome que tinha esse modo de tratamento) foi vivamente recomendada por Galeno, contra a hipocondria e a hidropsia.

Observai um indivíduo afetado de hipocondria, diz o Sr. Dallay: parece que os seus flancos estão distendidos, tumefatos, edemaciados, e nesta idéia, que nem sempre é quimérica, ele os comprime com as mãos apertadas, e só percutindo é que os alivia e provoca erutações ruidosas e algumas vezes essas dejeções biliosas que são seguidas de uma calma tão agradável! Eis o que é preciso imitar, e as percussões agirão ainda melhor que as mãos do doente.

Plínio fala igualmente da ferulação em seus escritos, e compara maliciosamente os médicos aos mestres-escolas, porque serviam-se da férula como eles.

Em Roma, existiam certos estabelecimentos nos quais as damas romanas iam secretamente procurar a rotundidade de formas e o viço que lhes faltavam, submetendo-se aos golpes da palheta, que precisavam sofrer a fim de corrigir certos defeitos de plástica. Os homens estragados também iam a esses estabelecimentos na esperança de recuperar, pelo tratamento da ferulação, as faculdades que houvessem perdido nos excessos.

Em suma, a extenuação dos membros pela férula (*membra extenuata ferulis percutienda*) tinha outrora grande voga. Essa operação, restituindo aos músculos o seu desenvolvimento normal e dando ao mesmo tempo aos ventres desnecessariamente flácidos a tonicidade que lhes falta, satisfaz perfeitamente o *desideratum* tantas vezes expresso de engordar os magros sem torná-los balofos, e de emagrecer os gordos sem edemaciá-los.

121. A percussão se compõe de pequenas pancadas cadenciadas ou irregulares, espaçadas ou reduplicadas e contínuas, mas especialmente muito rápidas sem comoções violentas, e só

produzindo pouco a pouco, por sua continuidade, um abalo geral do órgão percutido.

A percussão se executa com a face palmar da mão ou somente com a ponta dos dedos juntos, como se tamborilasse.

Se bem que nessa operação se tenha algumas vezes empregado um instrumento como a palheta, a palmilha ou bexiga cheia de ar, não há instrumento mais inteligente do que a mão e os dedos para fazer irradiar com precisão as vibrações e os deslocamentos moleculares nas diferentes partes do organismo, para as quais a ação magnética, por meio das imposições e dos passes, começou a fazer convergir as correntes.

Atitudes e movimentos

122. A natureza, pelos movimentos orgânicos espontâneos que produz às vezes sob a influência magnética no decurso de um tratamento, prova-nos que possui por si mesma meios poderosos para dissipar as obstruções, resolver os ingurgitamentos, acelerar ou desacelerar os movimentos circulatórios, exagerar ou diminuir o fluxo dos humores nas articulações, nas glândulas e vísceras, regularizar a ação dos músculos e dos nervos, favorecer as correntes em sua dupla marcha centrífuga e centrípeta, em outras palavras, para destruir uma lesão ou estabelecer a unidade e o equilíbrio da máquina animal.

Eis aqui alguns exemplos desses admiráveis fenômenos de ginástica orgânica espontânea, tomados da clínica do Sr. Huguet de Vars e da minha:

1º caso – Senhorita Maria P..., 27 anos de idade, tuberculosa. – A doente, durante as sessões magnéticas, fazia esforços descomunais em diversos sentidos, tendo em vista imprimir o alargamento da caixa torácica, muito diminuta para o funcionamento regular do coração e dos pulmões; e neste intuito, o corpo, estando vergado para trás, de modo a não tocar o plano sobre o qual ele se achava, senão pela cabeça e os calcanhares, formava uma espécie de ponte, por baixo da qual poder-se-ia passar sem tocar a doente. Se bem que condenada pelo diagnóstico de certas celebridades mé-

dicas, graças a esta ginástica autônoma, a doente restabeleceu-se. (Dr. Huguet)

2º caso – Senhorita Maria M..., 17 anos de idade, começou a sofrer de epilepsia em conseqüência de estreiteza da caixa craniana, do pericárdio e da caixa torácica, as quais comprimem o cérebro, o coração e os pulmões.

Durante uma das sessões magnéticas, ela se deixa escorregar da sua cadeira sobre o tapete, e, deitada de costas, espicha o corpo e pede para colocar-me em pé sobre o seu peito, ao nível das clavículas. Acedo ao seu desejo, e a doente começa em seguida uma série de inspirações muito fortes, durante as quais os órgãos torácicos, tomados por dois impulsos, o da respiração e o da pressão exercida por meu peso, são obrigados a dilatarem. Esse trabalho curador, inventado pelo instinto da doente, executado pela inteligência conservadora que todo ser possui, trouxe, pela sua duração e repetição diária, uma dilatação do peito tal que o espartilho usado pela jovem no começo do seu tratamento tornou-se apertado de sete centímetros.

Para alargar o crânio, a doente, dando em seguida uma posição de declive à sua cabeça, deixou-se escorregar do plano horizontal em que se achava durante o tratamento, até que a cabeça estivesse a alguns centímetros do soalho, e conservou esta posição do busto revirado, com a cabeça para baixo, durante muito tempo.

Quanto ao coração, eis o processo que pôs em prática para dilatá-lo: depois de uma forte inspiração, fazia um esforço considerável e retinha nos pulmões, o mais que lhe era possível, o ar inspirado.

Durante o tempo desse longo esforço as palpitações do pulso e do coração cessavam progressivamente até à parada completa deste órgão; a doente então tornava a tomar respiração, e nesse momento as palpitações do coração e do pulso tornavam-se de uma freqüência tal que fora difícil contá-las.

Essas alternativas de tensão e de parada, esse trabalho curador natural e autônomo, tão curioso em suas fases diversas e correspondendo tão bem às necessidades da economia, duraram meses e foram seguidas de uma cura radical. (Dr. Huguet)

3º caso – Senhorita B..., de 15 anos de idade: cloroanemia complicada de um tumor mole sobre o alto da cabeça. – Desde a primeira sessão do tratamento magnético, depois de um momento de calma, declara-se de repente uma ginástica do pescoço: movimentos espontâneos e autônomos levam alternada e regularmente a cabeça de uma espádua para outra.

4º caso – Senhorita Henriqueta C..., tumor acima da virilha esquerda. – Desde a 1ª sessão, debaixo da ação magnética, movimentos de ginástica orgânica produzem-se espontaneamente: os músculos se contraem, como se estivessem debaixo da ação de uma corrente elétrica; esses movimentos só se produzem do lado doente; o trabalho muscular dura cinco horas consecutivas nos primeiros dias, acaba por ser apenas de uma hora por dia. Os movimentos autônomos tiveram certamente por fim facilitar o curso dos líquidos e auxiliar a reabsorção do tumor abdominal, porque a cura veio em breve trazer a confirmação. (Dr. Huguet)

Em apoio dessas quatro observações, comunicadas pelo Dr. Huguet de Vars ao congresso Internacional magnético de 1887, o eminente prático que obteve tão belas curas magnéticas, acrescenta:

"Notamos, no curso de nossos tratamentos magnéticos, que cada vez que há modificações orgânicas profundas e difíceis de produzirem-se em certas vísceras, as forças vitais e uma parte do líquido sanguíneo, principalmente a dos músculos, vêm auxiliar os órgãos alterados. É o que se passa em certos casos de letargia e de catalepsia, os quais, longe de serem sempre estados mórbidos, são muitas vezes necessários para a dilatação dos órgãos por um acúmulo do empréstimo do sangue e das forças vitais. É o que chamamos migração terapêutica das forças."

Eis aqui, no meio de fatos numerosos tomados em minha própria clínica, dois exemplos curiosos dessas migrações terapêuticas:

1º caso – Srª D..., 50 anos: tumores fibrosos do útero. – Ao cabo de algumas sessões, a doente comodamente estendida sobre um canapé, cai em estado cataléptico: seus dois braços levantam-se lentamente, colocam-se em cruz, estendidos e fortemente contraídos, assim como o queixo: depois, todo o corpo gira sobre os rins, e a doente acredita ter em alguns momentos mudado a sua situação confortável pela posição mais difícil que se pode imaginar. Efetivamente, toda a parte superior do corpo, fortemente contraída, é dobrada para trás; os rins, visivelmente curvados, repousam apenas por um ponto de contato sobre a aresta pronunciada do canapé; as pernas enrijecidas descansam sobre o soalho e a bacia projeta-se com esforço para a frente. O corpo, nesta posição perpendicular à moda antiga, semelhante a uma tábua colocada através do canapé, conserva-se assim rígido durante todo o tempo da magnetização e, quando no fim da sessão os passes de dispersão dos fluidos vêm arrancar a doente de seu estado cataléptico, não somente não experimenta fadiga alguma nessa posição forçada, mas pelo contrário, essa tensão contínua parece ter-lhe trazido um grande alívio.

Esse fenômeno se repete regularmente em cada sessão, até que cessou subitamente, tendo a doente experimentado em seu estado uma notável melhora. É provável que a atitude tomada inconscientemente pela doente desde que caía sob a influência magnética fosse indispensável à migração das correntes e que a catalepsia da parte superior do corpo e dos membros, suspendendo a vida nestas partes, favorecesse a centralização dos espíritos vitais sobre os rosários fibrosos que invadiam a bacia, porque tendo estes rosários experimentado um deslocamento notável sob o esforço tentado pela natureza, coincidiu que cessasse toda a ginástica orgânica.

2º caso – Sr. Pe R..., 61 anos: dores muito vivas no joelho direito e na coxa, em conseqüência de uma fratura antiga do fêmur, a qual havia determinado perturbações musculares e uma periostite. No fim de algumas semanas de tratamento magnético, fortes contrações musculares se produzem na coxa, e aos poucos toda a perna e corpo experimentam violentos abalos sob a influência das ações à distância, praticadas mesmo a muitos metros.

Esse fenômeno se renova em cada sessão durante uns quinze dias, depois desaparece progressivamente, ao mesmo tempo em que se manifesta uma melhora notável no estado do doente.

Essa ginástica orgânica, sobrevindo tão inopinadamente e do mesmo modo desaparecida, tinha evidentemente favorecido, por uma migração terapêutica das forças, o reatamento regular das correntes no membro doente e feito cessar um estado nervoso congestivo que a inflamação dos tecidos contribuía para entreter.

123. Os numerosos exemplos que precedem, e que poderíamos multiplicar indefinidamente, demonstram com evidência que, às vezes, o organismo provoca espontaneamente os movimentos e as atitudes próprias a secundarem o esforço vital das correntes desenvolvidas pela ação magnética. Cumpre, portanto, não somente favorecer de todas as maneiras o desenvolvimento desses fenômenos quando eles se apresentam, como ainda procurar em certas circunstâncias (imitando neste ponto as obras da natureza), dar ao corpo do doente as atitudes mais convenientes para abreviar a cura.

Essas atitudes e esses movimentos exercem artificialmente uma influência sobre os órgãos e sobre as funções que, por seu turno, imprimem aos tecidos modificações sensíveis. Ora, como a última palavra de toda modificação a imprimir ao organismo, por um agente terapêutico qualquer, é uma evolução vital, a arte de curar reside principalmente na arte de secundar os movimentos vitais ou organo-biológicos, mais apropriados à resolução das desordens da economia. É o que, já em 1848, previa o Dr. Bon-

net, professor de clínica cirúrgica em Lyon, preconizando, como o primeiro passo a dar no caminho da terapêutica, o tratamento das enfermidades pelo exercício das funções.

124. De todos os agentes suscetíveis de despertarem as ações organo-biológicas pelas quais a máquina humana funciona, desenvolve-se, entretém-se e repara-se, a força nervosa magnética é efetivamente o agente que melhor procede no tratamento das moléstias, não somente pelo exercício das funções, como por seu equilíbrio.

Claude Bernard, o célebre fisiologista, em suas investigações experimentais acerca do grande simpático, mostra, pelo fato seguinte, as metamorfoses que podem sofrer os tecidos vivos sob a influência especial do sistema nervoso.

Experiência: Estando o paciente colocado numa atitude tal que toda a região abdominal fique em grande tensão, achando-se, por exemplo, a parte superior do corpo deitada um pouco para trás, com os braços levantados e bem estendidos, o operador se coloca diante dele, leva um dedo à cicatriz umbilical, formando os outros dedos um ponto de apoio, e por uma leve pressão vibratória perpendicular ao plano do corpo e continuada durante dez ou quinze segundos, comunica aos gânglios do grande simpático as vibrações do dedo. Depois de um tempo de repouso igual ao da ação, ele repete três vezes o mesmo movimento.

O efeito imediato desse movimento é provocar um pequeno aumento de calor às partes sobre as quais se distribuem as ramificações do nervo simpático e regularizar as funções naturais da região mesentérica.

Esse movimento de enervação do grande simpático parece eminentemente útil para a resolução das diáteses mórbidas, especialmente das moléstias crônicas, nas quais observou-se a perturbação habitual das funções desse nervo.

Se se proceder a um cortejo dessa experiência tentada pelo grande fisiologista, da aplicação do movimento artificial à terapêutica, com os fenômenos de movimento natural espontaneamente desenvolvidos nas curas citadas mais acima

(122), não se pode deixar de constatar uma singular concordância, que não permite dúvida alguma acerca da imutabilidade dos meios empregados pela natureza, a fim de restabelecer o equilíbrio das funções.

125. Os processos artificiais mais apropriados para favorecerem ao organismo humano a migração terapêutica das forças são as atitudes e os movimentos.

126. As atitudes variam conforme cada caso particular: só a prática e a experiência podem guiar o operador na escolha da atitude que convém melhor ao paciente; ele o faz conservar sentado, deitado ou de pé, fá-lo levantar, estender ou encolher os membros, inclinar o busto para a direita ou a esquerda, etc.

Os braços, fortemente levantados para o ar por cima da cabeça, sustam o corrimento do sangue nas hemorragias nasais e favorecem a emissão das urinas nas retenções.

Durante a marcha de um destacamento de tropas, no mês de julho, vinte e oito epistaxes, dentre elas algumas muito abundantes, sobrevieram sob a influência de uma insolação prolongada. Sem tirar nenhuma peça do uniforme do soldado e sem interromper a sua marcha, levantavam-se-lhe bruscamente os braços, fazendo-se-lhe conservar erguida a cabeça, direito o corpo, juntas as mãos por cima do boné, recomendando-se-lhe que só respirasse pela boca. Se o sangue não corresse senão por uma narina, bastava levantar o braço correspondente, sustentando o outro a espingarda: a hemorragia cessava com uma rapidez admirável. (*Gazette hebdomadaire de médecine et de chirurgie de Paris*, 1885)

Existia na China um método de medicina muito antigo, chamado Cong-fou, espécie de ginástica médica, que consistia em três partes essenciais:

1º) as diversas posições do corpo;

2º) a arte de variar-lhes as atitudes;

3º) a arte de variar as inspirações e as expirações durante o tempo dessas posições e atitudes.

Os físicos chineses explicavam deste modo os resultados que se podiam tirar das posições e das atitudes do corpo: A posição horizontal diminui o obstáculo da gravidade e por conseqüência, é mais favorável à circulação. A de estar em pé, deixando à ação da gravidade toda a sua resistência, é menos favorável à circulação.

Pela mesma razão, conforme conservam-se os braços, os pés e a cabeça levantados, inclinados ou encurvados, modifica-se de uma certa maneira a circulação. O que retarda a circulação em um ponto dá-lhe mais força em outros.

Quanto mais embaraçada está a circulação num lugar, tanto mais aumenta a sua impetuosidade quando desaparece o obstáculo.

Segue-se daí que as diversas atitudes do Cong-Fou, sendo bem dirigidas, devem operar um desprendimento salutar em todas as moléstias que provém de uma circulação embaraçada, retardada ou mesmo interrompida. (Dally)

127. Os movimentos se dividem em três classes: movimentos ativos, semi-ativos e passivos.

128. Os movimentos ativos são produzidos sob a influência da própria vontade da pessoa que os executa com ou sem aparelhos: exercícios ginásticos livres ou exercícios com pesos, maças, etc.

129. Os movimentos semi-ativos consistem em o paciente executar um movimento, enquanto o operador opõe resistência e procura impedi-lo, ou vice-versa, enquanto o operador executa um movimento e o paciente resiste-lhe. A resistência também pode ser produzida por maquinismos.

130. Nos movimentos passivos ou comunicados, toda a ação procede do operador, não devendo o paciente opor resistência alguma.

Os movimentos passivos podem variar de mil maneiras, conforme os casos especiais que se apresentam: pode-se empregar a ação isolada ou as ações combinadas da pressão, do choque, da vibração, da oscilação, da abducção, da adução, da flexão, da extensão, da rotação, da torção ou do atrito.

131. As atitudes e os movimentos passivos são os que melhor correspondem à ação magnética; porque neste modo de aplicação do movimento, o paciente sofre passivamente o efeito da impulsão dirigida ou comunicada.

Tão somente o operador deve dirigir todos os seus cuidados à regularização da intensidade da impulsão que comunica ao paciente, a fim de evitar-lhe qualquer excesso nocivo de fadiga. Cumpre excluir dessas manipulações artificiais qualquer rudeza, ou violência, as quais teriam um duplo resultado pernicioso, o de embaraçar a ação das correntes e o de fazer perder ao próprio operador, por um emprego exagerado das forças musculares, uma parte notável de seu poder irradiante.

Em todos os seus atos, o operador deve compenetrar-se deste princípio: nenhuma ação estranha se pode substituir à do organismo, e a máquina humana, em uma série ininterrupta de ações e de reações fisiológicas, químicas, físicas e mecânicas, coordenadas na unidade do seu ser e de sua existência, segrega por si mesma os seus líquidos, renova incessantemente as suas partículas elementares, os seus tecidos, as suas formas, os seus aparelhos; ela própria elimina o que é nocivo ao jogo regular e normal de suas funções, conserva-se a si própria e por si mesma repara com os seus movimentos as desordens que acaso existam em uma de suas partes ou de todas.(Dally)

Espectador do admirável trabalho da natureza, que o seu poder de emissão irradiante despertou e pôs em prática, o operador deve limitar-se a seguir do melhor modo esse trabalho em todos os seus desenvolvimentos, sem procurar embaraçá-lo por uma intervenção mal feita e violenta, um açodamento intempestivo.

> Os massagistas profissionais se conformam raramente com as sábias e producentes prescrições de que acabamos de falar, suas pressões se exercem invariavelmente da periferia para o centro, com a idéia de que é na direção das veias e dos vasos linfáticos que devem ser dirigidos os derrames para que possam ser reabsorvidos. Chamam a isso “fazer uma limpeza na direção do esgoto coletor.” A mão de-

les, substituindo mecanicamente o fluxo vital, que efetivamente domina todo o movimento circulatório, intervém na maioria das vezes com uma violência antes perturbadora que benéfica.

Entre os raros práticos que compreendem a sua arte sob o ponto de vista verdadeiramente fisiológico, há sobretudo um a quem pessoalmente tive ocasião de apreciar, como seguindo, na minha opinião, as melhores tradições.

É o Sr. Armando Voisel, muito conhecido em Paris, o qual, numa interessante comunicação feita ao Congresso Internacional de Magnetismo, em 1889, dizia, a propósito da massagem: "Há duas ações distintas na massagem, uma física e outra vital. Não é, como se acredita, na força desenvolvida que reside o agente curador principal: é no efeito dinâmico."

132. Nos velhos, por uma ação combinada do magnetismo e dos movimentos passivos, consegue-se ativar suficientemente os fenômenos de combustão lenta, de renovação molecular e de eliminação excrementícia, de modo a retardar a incrustação mineral dos ossos, das membranas e dos tecidos, e desta maneira se favorece sua longevidade; mas, onde as atitudes e os movimentos, congraçados com arte, prudência e constância na ação magnética, podem produzir maravilhosos efeitos, é no organismo dos meninos em período de crescimento. Se, em vez de tratar dos desvios de crescimento por meio de aparelhos de extensão forçada, parafusos de compressão, sapatos ortopédicos e espartilhos metálicos, se fizesse apelo às forças vitais e à tendência natural do organismo para a saúde, evitar-se-iam certamente muitas deformidades, que sem isso se tornam incuráveis para sempre.

A ortopedia, tal como está hoje compreendida, é uma verdadeira aberração do espírito humano, porque, por sua ação antifisiológica e seus aparelhos de compressão forçada, ela coloca os órgãos em condições tais, que, em lugar de convergirem para ali o movimento e a vida que lhes é indispensável, imobiliza-os, produz novas retrações musculares, aumenta as que

existiam, e, pela persistência de um mesmo ponto de apoio, enfraquece e deteriora em vez de fortificar e curar.

Em organo-mecanismo, pelo contrário, a mão do operador escolhe, na produção do movimento, os seus pontos de apoio por toda parte em que são necessários, e sempre momentaneamente, de sorte que não há um ponto do organismo, quer no interior, quer no exterior, que se não possa deste modo, em virtude das leis da natureza, chamar às condições de força e de harmonia. (Dally)

Combina-se às vezes a ortopedia com as manipulações; porém, por mais que se faça, como os agentes auxiliares nada podem sem a ação magnética para fortificar os centros de enervação do organismo, acontece geralmente que tem um êxito negativo qualquer meio artificial empregado só. Efetivamente, de que modo uma medula espinhal ou um cerebelo, afetados profundamente pela cloro-anemia ou a escropula, poderiam dar origem a nervos sãos e que funcionem regularmente?

É portanto preciso, antes de tudo, reforçar as fontes da motilidade, equilibrar a vida de relação e a vida vegetativa, de maneira que uma não sobrepuje a outra, e é tão somente à ação magnética, precedendo toda a espécie de manipulações artificiais, que se deve pedir a realização integral do fenômeno vital.

Por uma ação combinada sobre a enervação geral, consegue-se muitas vezes chamar à vida e ao movimento os músculos afetados de paralisia.

Por ações especiais sobre a região abdominal, consegue-se também combater com êxito certos estados cloróticos, devidos a uma inação muito grande ou à compressão do ventre quer pelo espartilho, quer por uma atitude habitualmente encurvada sobre o abdome: enfim, curam-se desse modo a constipação do ventre, hipocondria, hérnias, e particularmente todas as afecções devidas a perturbações intestinais ou a alterações do sistema da veia-porta.

CAPÍTULO IX
Das insuflações

Ação curadora e vivificante do sopro. – Insuflações quentes, sua ação tônica e ativa. – Tratamento das obstruções, ingurgitamentos, síncopes, asfixias. – Exemplos de ressurreições operadas pelo sopro. – O sopro é um dos meios mais seguros de auscultação. – Insuflações frias, sua ação refrigerante e dispersiva.

133. O sopro traz consigo a vida: é uma emanação pessoal ativa. A insuflação deve, portanto, ter uma ação curadora. Tem um efeito bastante poderoso.

> Os efeitos benéficos da insuflação foram observados em todas as épocas, como os do tocar, e desde os primeiros tempos do renascimento do magnetismo o sopro foi assinalado como um dos meios magnéticos mais ativos.
>
> Em alguns pacientes, diz o Sr. de Jusieu, em seu sábio e judicioso relatório ao rei, o calor, insinuado no estômago pelo sopro, espalhava-se prontamente por todo o corpo e determinava ligeira umidade e suores.
>
> Emprego, diz o Sr. de Bruno, um processo dilatador, calmante e fortificante: é o sopro quente sobre a parte irritada e onde as dores são muito vivas. Sirvo-me do sopro em várias circunstâncias, e sempre o emprego com êxito. (Aubin Gauthier).

134. A insuflação é quente ou fria. Aquece e é ao mesmo tempo tônica, dilatadora, dissolvente e calmante. A fria é refrigerante. Uma ativa as correntes e *carrega*, a outra rompe as correntes e *desprende*.

135. Para soprar quente, coloca-se sobre a parte do corpo em que se quer ativar um pano dobrado em quatro, como um lenço (lã, linho ou algodão), mas a flanela branca é preferível. Aplica-se a boca sobre esse pano, e armazenando bastante ar, sopra-se uma expiração muito lenta e o mais prolongada possível, sem empregar contração nem força. Quando se tem chegado ao fim da

expiração e sente-se que vai faltar o sopro, levanta-se a boca, aspira-se algum tempo o ar para encher os pulmões; depois deste processo, coloca-se de novo os lábios no pano, e começa-se outra insuflação.

Assim continua-se tendo cuidado, no intervalo de cada insuflação, de nunca abastecer-se de ar conservando os lábios apoiados no pano: além do perigo de absorções mais ou menos nocivas para o operador, esta maneira de proceder poderia, até certo ponto, prejudicar o efeito propulsivo que é o caráter especial da insuflação.

É também necessário não soprar quente diretamente sobre a pele, depondo nela os lábios sem um isolador: além do mau efeito que podem produzir os contatos que a decência exclui, a insuflação quente prolongada não tem efetivamente toda a sua ação senão quando é praticada através de um corpo permeável intermediário; a espessura das roupas e das cobertas favorece-a em vez de lhe ser nociva.

136. Entretanto, pode-se às vezes exercer uma ação quente pelo sopro sobre certas partes que as conveniências permitem insuflar diretamente, tais como os dedos, as mãos, os braços, os olhos, algumas articulações, o alto da cabeça. Pode-se então soprar diretamente sem empregar nenhum pano intermediário. Neste caso, faz-se a insuflação na distância de alguns centímetros, sem pousar os lábios, e, em vez de uma longa expiração, faz-se expirações curtas e sucessivas, como quando, por ocasião dos grandes frios, procura-se reaquecer os dedos, a fim de evitar-se a dormência. Essas insuflações quentes à distância são mais dilatadoras e calmantes que as primeiras. Empregam-se principalmente com vantagem em todos os estados congestivos sanguíneos ou purulentos, panarícios, moléstias suspeitas, tersóis, queimaduras, fluxões e enxaquecas.

Tive ocasião de obter um dia sobre mim mesmo uma prova bastante concludente acerca do efeito benéfico dessas insuflações à distância:

Há cerca de vinte anos, estando junto à minha lareira, tive o descuido, ao tomar uma xícara de chá, de derramar todo o

conteúdo dela, queimando-me completamente na parte dorsal da mão esquerda. Sobreveio-me a idéia de tirar deste pequeno incidente uma experiência e, dividindo em duas partes iguais por um risco de lápis a superfície da queimadura, pus-me durante toda a tarde e com perseverança, a soprar uma das metades, tapando a outra com um cartão e deixando-a entregue a si própria. No dia seguinte pela manhã, verifiquei que até ao limite traçado a lápis, a epiderme da parte insuflada na véspera não tinha nenhum traço de queimadura, enquanto que, a partir deste limite, o mal havia seguido o seu curso e a epiderme da parte não insuflada estava tumefata. Esta prova parece-me concludente.

137. As insuflações quentes têm um grande efeito sobre as articulações, sobre o alto da cabeça, o cerebelo, as têmporas, os olhos, as orelhas, o coração, o epigástrio, o baço, o fígado, a coluna vertebral e os rins.

Combatem as obstruções, os ingurgitamentos, as síncopes, as asfixias, as dores do estômago, as cólicas hepáticas ou nefríticas, as enxaquecas, as afecções glandulosas, a catalepsia, a letargia, as dores de ouvido, a surdez, as supressões, etc.

Favorecem o movimento circulatório de todos os líquidos da economia e a transpiração, despertam os movimentos do coração e da respiração.

Nas contrações espasmódicas a insuflação feita sobre uma região em que passa o tronco principal dos nervos que se vão distribuir num membro, basta para tirar a rigidez e tornar flexível todas as partes que recebem deste tronco nervoso a vida e o movimento; e, para fazer cessar o espasmo ou a contração, quando a insuflação produziu o seu efeito, que a calma sobreveio e a dor foi aliviada, cessa-se de soprar e conduz-se para as extremidades com o auxílio de passes à distância. (102)

Depois de um parto laborioso feito pelo Dr. Thiriat, a criança nasceu meio asfixiada. Apesar dos meios empregados em casos tais, o Dr. Thiriat, professor de partos e médico nas águas de Plombières, não conseguindo chamá-la à vida, decidiu-se a agir mais diretamente sobre o coração e dia-

fragma: aplicou sobre a região desses dois órgãos um pano seco e limpo, começou a soprar a quente sobre o coração, depois sobre toda a superfície do tórax, e deste modo chegou a estabelecer o funcionamento regular da respiração, determinando na criança uma primeira inspiração profunda. “Esta espécie de ressurreição, que eu desesperava de obter pelos meios ordinários, diz o Dr. Thiriat, realizou-se depois de cerca de uma hora de influxo magnético.” (Extraído da Biblioteca do magnetismo, tom. IV, p. 149)

Eu mesmo tive, muitas vezes, ocasião de observar a virtude curadora das insuflações, e pessoalmente devo-lhes um verdadeiro tributo de gratidão, porque em dois casos muito graves permitiram-me restituir a saúde a meus filhos.

Eis o primeiro caso:

Meu filho tinha então cinco ou seis anos. Uma noite fomos despertados em sobressalto pelos seus gritos: à primeira vista julguei da gravidade de seu estado: sua voz era surda e sibilante, seus olhos cavos se enchiam de lágrimas. O nariz estava afilado, os músculos do pescoço enrijecidos, violentos espasmos partiam do diafragma, a cabeça voltada para trás, a boca aberta, as narinas trêmulas e procurando debalde o ar que lhe faltava, tudo indicava que não havia um momento a perder. Concentrando toda a minha energia vital na idéia de disputar meu filho ao perigo que parecia ameaçá-lo, principiei a magnetizá-lo. Comecei desembaraçando-lhe a garganta, passando de leve os meus dedos em ponta desde a parte posterior das orelhas até aos ombros, seguindo os trajetos das jugulares, depois multipliquei as insuflações quentes por diante do pescoço, por detrás das orelhas e sobre a nuca. Quando vinha a sufocação, de modo que a criança se erguia ansiosa por sobre o travesseiro, e depois dobrava violentamente a cabeça para trás, prestes a perder a respiração, eu punha de lado as insuflações e impunha fortemente as mãos, uma sobre os rins, a outra sobre o umbigo, de modo a atuar sobre o diafragma, e logo depois as contrações cessavam. Recomeçava então vigorosamente

a ação do sopro, que era também aplicado à base do coração e ao epigástrio.

Pelas 9 horas da manhã, após cinco horas angustiosas, durante as quais minha mulher e eu havíamos passado por todas as alternativas da dúvida e da esperança, não somente a criança estava salva, como ainda não restava da moléstia nenhum traço; e ao vermos o sorriso do nosso filho inteiramente curado, interrogamos a nós mesmos se não tínhamos sido o joguete de um terrível pesadelo.

Em outra circunstância, na época em que a influenza assolava Paris, tinha então meu filho quinze anos. Num domingo ele preparava-se para sair depois do almoço, quando, de repente, sem que nada pudesse fazer prever o que ia acontecer, o menino atirou-se sobre uma poltrona queixando-se de um incômodo súbito; o seu rosto decompunha-se, invadia-o um frio glacial e ele queixava-se de dores vivas na nuca. Essas dores tornaram-se em alguns momentos muito intensas, a ponto de se tornar impossível despi-lo e transportá-lo para a cama: qualquer movimento era-lhe doloroso, e toda a mudança do lugar era-lhe impossível. Ignorávamos por completo a que atribuir esse mal fulminante que nos enchia de inquietação; debalde procurava-se levar o calor às extremidades geladas, e meio algum dava bom resultado. Tomei a deliberação de me postar diante da poltrona em que jazia meu filho quase inanimado, tomei-o pelo corpo, e fiz-lhe demoradas e ardentes insuflações sobre o coração; bastou isto para reanimá-lo. Em poucos instantes o calor voltou aos pés, às mãos, ao rosto: e o sangue, afluindo ao cérebro, que parecia até então inanimado, provocou fortes comichões na testa e no couro cabeludo. Aproveitei-me deste momento para despi-lo e deitá-lo, e instalei-me à sua cabeceira, recomeçando as insuflações sobre a nuca e sobre o coração, alternando-as com passes e imposições. O menino caiu numa meia sonolência que, pelas seis da tarde, terminou pelo repouso, tirando-nos por último, de nossa cruel ansiedade. Tudo tinha acabado, e não existia mais traço algum desse mal misterioso e súbito, que durante toda a tarde

nos tinha sobressaltado; o doente recuperava o seu apetite e alegria, teimando em levantar-se, imediatamente, para compartilhar do jantar, como de costume.

Evidentemente, às insuflações devemos esta transformação visível de um estado crítico que nos tinha alarmado tão intensamente. Um de nossos amigos presentes, que se associara às nossas angústias e à nossa alegria conforme as peripécias do tratamento, pôde dificilmente acreditar naquilo que presenciaram os seus olhos!

138. As insuflações não atuam somente no começo das moléstias agudas de marcha rápida, como a que acabamos de citar; das longas síncopes, imagens da morte, em que a alma parece ter abandonado para sempre o seu invólucro, o sopro quente retém a vida prestes a escapar-se e induze-a às funções que deve desempenhar.

Os anais magnéticos fornecem-nos numerosos exemplos de ressurreições deste gênero. Eis dois fatos dignos de nota:

O primeiro é relatado por Puységur em seu livro *Recherches physiologiques*.

"A Srª Princesa de Ligne, da família Pozzo di Borgo, que com certeza jamais ouvira falar em Mesmer nem de sua doutrina, tinha doente um de seus filhos de berço. Obrigada a sair para negócio importante, aproveitou-se do momento em que seu filho adormecera; mas qual não fora a sua surpresa quando, ao entrar em casa, viu todos os seus em pranto: a criança jazia inanimada em seu berço. O médico, que, a toda pressa, se chamara, não havia ainda chegado! Sem ouvir mais, sem dar um gemido, obedecendo apenas ao sentimento maternal que a dominava, a Srª de Ligne precipitou-se para seu filho, arrancando-o do berço e, no transporte de seu delírio, atirou-se ao chão sobre o tapete, envolveu-se, juntamente com o corpinho da criança, em tudo o que pode encontrar para reanimá-lo, apertou-o de encontro ao coração, e cobriu-o com o seu hálito. Assim conservou-se numa espécie de êxtase doloroso, e como que aniquilada em sua profunda dor. Ninguém ousou aproximar-se, ne-

nhuma força humana seria capaz de arrancá-la a essa atração onde o sentimento materno prendeu-a magneticamente, quando finalmente os gritos da criancinha chamaram-na à realidade tirando-a da sua imobilidade. Ergueu-se, descobriu-a, e a criança estava salva!...

Não está aí patente – diz Puységur – um admirável exemplo de magnetismo instintivo?"

O segundo fato é referido pelo Dr. Foissac:

"Entre as curas operadas pelo Dr. Desprez, há uma, diz ele, que é importante notar: a de sua mulher. Em conseqüência do parto, ela experimentou acidentes muito graves, contra os quais todos os socorros foram inúteis. A doente perdeu forças, e sentindo-se aproximar-se da morte, dirigiu a seu marido um último adeus e caiu sem sentidos. Seus irmãos e suas amigas, acreditando-a morta, quiseram tirar o Dr. Desprez do quarto, mas, retido não sei por que esperança, ele recusou-se e pediu que o deixassem a sós com ela. Logo que saíram, apressa-se em fechar a porta, despe-se, deita-se junto de sua mulher, toma-a em seus braços, e procura reaquecer o seu corpo gelado com o seu hálito e contato. Ao cabo de vinte minutos, ela dá um profundo suspiro, abre os olhos, reconhece-o e recupera a palavra!... Poucos dias depois, estava restituída à saúde." (Foissac, *Rapports sur le magnétisme*, p. 272)

Esses dois fatos notáveis, que li na obra de Aubin Gauthier, traziam-me ainda pensativo, quando sobreveio, no 11º regimento de couraceiros de que eu fazia parte, um terrível acidente: um dos nossos camaradas, o capitão B... ao montar um cavalo, foi violentamente atirado ao chão, sobre a calçada por uma repulsa inesperada do seu animal, e nesta queda, tendo ofendido a cabeça, ficou sete ou oito dias sem sentidos.

Todos os dias íamos ao hospital, para onde ele fora transportado, receber notícias do nosso infeliz camarada. Ainda o vejo estendido como um cadáver naquele leito do hospital, com o rosto macilento, imóvel, os braços nus pendentes

para fora do leito, por sobre vasos colocados no chão, a fim de receberem o filete de sangue que lentamente escoava-se gota a gota, da veia aberta pelo bisturi. Faziam-se tentativas para tirá-lo do seu estado de letargia sangrando-o ligeiramente.

Esta singular maneira de chamar à vida a esse corpo inerte, que parecia exangue, revoltava-me a lógica e o bom senso, e várias vezes nestas visitas quotidianas tive a idéia de aconchegar o pobre moribundo aos meus braços e fazer-lhe insuflações no coração, convicto de que eu lhe restituiria assim a vida mais rapidamente do que poderiam fazê-lo aquelas sangrias mortíferas; porém, nessa época, eu não possuía ainda o fervor, nem a experiência que a prática me deu mais tarde, e confesso, para minha vergonha, que não tive a coragem de minha opinião.

Seria, afinal, muita ousadia em meu modo de pensar colocar-me de encontro às tradições rotineiras do hospital, e demais eu devia contar com a disciplina militar que mantém todas as iniciativas à distância!

Somente no oitavo dia o nosso pobre camarada recuperou os sentidos, porém, devido ao tratamento que sofrera, caiu num tal estado de prostração, que, depois de uma longa convalescença o cérebro anemiado foi atacado de loucura e alguns meses mais tarde sobreveio a morte.

A minha intervenção logo após o incidente teria conseguido salvar o meu camarada? Não o teria afirmado nessa época; mas hoje, depois de tudo quanto tenho visto, estou intimamente convencido, e há vinte anos que esta idéia muitas vezes me enche de pesar.

139. A insuflação é um dos meios de auscultação mais seguro.

Quando ela desenvolve um bom e suave calor, e que a corrente calórica repercute profundamente e ao longe ramificando-se aos órgãos vizinhos do lugar em que se sopra quente, é um sinal de circulação livre e normal.

Se a insuflação não desenvolve nenhum calor ou muito pouco pelo menos, e que o calórico não se irradia em derredor do

ponto insuflado, é sinal que as partes estão congestionadas e que se está em presença de um estado congestivo sanguíneo, mais ou menos acentuado.

Enfim, se a insuflação desenvolve uma comichão, um prurido, a sensação penosa de um contato mais ou menos doloroso, uma queimadura, é que no ponto insuflado há obstrução e falta de circulação nervosa.

Para auscultar a coluna vertebral, faz-se deitar o paciente sobre o ventre e procede-se a insuflações sucessivas a partir da nuca até abaixo dos rins, e seguindo cada vértebra nos pontos de inserção dos ramos nervosos.

Seguindo esse método, pude muitas vezes descobrir pontos doentes em lugares onde os meios comuns de ausculta-ção nada poderiam encontrar.

Um indivíduo, Sr. R., de 60 anos de idade, atacado de perturbações graves na bexiga, tinha sido muitas vezes auscultado por diversos especialistas que nada haviam encontrado de anormal na coluna vertebral. Fiz colocar o Sr. R. sobre a cama, e dispus-me a explorar o trajeto raquidiano pelo sopro. Quando cheguei ao nível das vértebras lombares, o meu doente, que até então não se mexera com as primeiras insuflações, moveu-se bruscamente perguntando-me o que lhe havia eu enterrado no dorso. Dificilmente convenci-o de que a minha ação tinha sido uniforme, e que tão somente o meu sopro havia determinado aquela sensação dolorosa. Tive que recomeçar muitas vezes para convencê-lo, e depois de muitas provas ficou demonstrado absolutamente que ao nível das primeiras vértebras lombares havia uma região muito limitada que recebia de meu sopro uma ação diferente daquela que era exercida tanto acima como abaixo. Esse ponto correspondia ao principal tronco nervoso que vai precisamente levar a enervação à bexiga e a todos os órgãos que lhe são dependentes. No fim de algumas semanas, quando o tratamento magnético regularizou a circulação nervosa, a sensibilidade mórbida desse ponto lom-

bar desapareceu, e a enervação fez-se de então em diante sem parada e sem obstáculo...

140. A insuflação fria, dissemos, possui uma ação essencialmente dispersiva e refrigerante. É um dos mais poderosos processos de dispersão, de que falaremos mais tarde.

Para soprar frio, fica-se colocado numa distância de 50 centímetros a um metro, e dirige-se sobre o ponto que se quer atuar um sopro rápido e violento, como se quisesse soprar de longe uma luz e apagá-la.

O sopro frio se emprega e com vantagem nas dores de cabeça, nas agitações febris, convulsões, ataques nervosos.

> Se ao magnetizar sobrecarregou-se a cabeça ou o epigástrio, pode-se ter certeza de desembaraçá-los soprando frio e de longe. (Deleuze)

141. Quando se quer fazer uma insuflação sobre uma lesão que repugna insuflar diretamente, pode-se empregar um tubo de vidro do comprimento de 20 a 30 centímetros e de diâmetro um tanto avantajado. Coloca-se a extremidade inferior em um pano que se estende sobre a parte doente, apoiam-se os lábios sobre a outra extremidade e o sopro penetra tão perfeitamente como se a boca estivesse em contato.

CAPÍTULO X
Das dispersões

Seu objeto. – Imposições de dispersão. – Passes de dispersão. – Passes transversais e perpendiculares. – Insuflações de dispersão. – Processo para descontraturar o queixo, o pescoço, os braços, as pernas, o diafragma, todo o corpo. – A resolução duma contração pode obter-se por processos opostos. Exemplos. – Opinião errônea dos partidários da teoria dos fluidos acerca das dispersões.

---

142. Se todos são magnetizáveis (38), nem todos experimentam no mesmo grau os efeitos magnéticos: há pacientes mais ou menos sensíveis. Pode, portanto, acontecer que um se ache momentaneamente incomodado por uma ação irradiante muito viva; neste caso a cabeça se torna pesada, o peito se oprime, e em tal emergência faz-se necessário moderar a ação, mas é preciso dispersar.

Por outro lado, como os efeitos à distância – imposições fixas (97) e passes lentos (101) – atraem mais especialmente a ação das correntes sobre as partes visadas, e as forças nervosas se acumulam nessas partes (57), acontece muitas vezes que uma ação parcial muito prolongada sobre tal ou tal ponto do organismo produz nesse ponto uma contratura ou um espasmo que é necessário destruir. Faz-se cessar a contratura ou o espasmo, dispersando parcialmente.

Existem, pois, processos chamados de dispersão, os quais se deve procurar conhecer. Esses processos se compõem de imposições, passes e insuflações.

Imposições de dispersão

143. As imposições de dispersão se fazem do mesmo modo que as imposições comuns (59, 60 e seguintes), com a diferença de que só a palma da mão deve pousar sobre o ponto que se quer dispersar, e que os dedos, em vez de se estenderem sobre as partes circunvizinhas, devem ser encurvados, postados de pé e

afastados no ar, a fim de facilitarem o escoamento das correntes pelas suas cinco pontas.

Passes de dispersão

144. Os passes de dispersão se compõem de passes transversais e de passes perpendiculares.

145. O passe transversal faz-se da maneira seguinte: deve-se colocar de pé em frente ao paciente, estender os dois braços para diante, as mãos abertas com as costas voltadas, os polegares para baixo, e a ponta dos dedos a alguma distância do corpo do paciente (30 a 50 centímetros).

Nesta posição, abrir bruscamente e num golpe seco os dois braços sempre estendidos horizontalmente, e voltar com certa vivacidade à posição primitiva, para recomeçar do mesmo modo. É este movimento vivo e alternado dos dois braços no sentido horizontal, em que cada mão faz, tanto à direita como à esquerda, o papel de leque, que constitui o passe transversal.

Dispersa-se parcialmente um ponto do organismo fazendo três ou quatro desses movimentos alternados em frente ao ponto que se quer dispersar.

Se se quer operar uma dispersão geral, deve-se executar uma série ininterrupta desses movimentos alternados, começando na altura da testa e baixando sucessivamente a linha de dispersão da testa ao peito e do peito aos pés.

O passe transversal se executa também com uma só mão, com a mão direita por exemplo, batendo o ar vivamente com essa mão por sobre a parte que se quer dispersar, como quando se atiça o fogo de um braseiro com um papelão.

146. Os passes perpendiculares só se empregam no fim das sessões, depois dos passes transversais. Executam-se da maneira seguinte: o paciente fica de pé, coloca-se em um de seus lados, e, pondo-se as mãos estendidas com as faces por sobre a cabeça, desce-as rapidamente, uma por diante e a outra por detrás do corpo até ao soalho. Faz-se assim cinco ou seis passes seguidos,

tomando-se a precaução de afastar as mãos ao subi-las para recomeçar.

Em vez de colocar-se de lado, pode-se também colocar-se diante ou por detrás do paciente e fazer, seguindo com as mãos os dois lados do corpo, uma série de passes semelhantes.

147. Todo o passe de dispersão, quer seja transversal ou perpendicular, deve ser feito com certa presteza; isto constitui principalmente o seu caráter especial, pois quanto mais lesto e mais rápido, tanto mais ele dispersa.

Insuflações de dispersão

148. A dispersão pelo sopro se faz soprando frio à distância e com muita vivacidade, como já acima foi dito (140).

149. Toda a ação à distância, imposições fixas (97) ou passes lentos (101), podem produzir contraturas, como já foi acima referido (142).

A resolução das contraturas assim produzidas obtém-se pelo toque e os processos de dispersão seguintes:

150. Contratura do queixo – Tocar levemente os dois maxilares com a ponta dos dedos, com as duas mãos desde a orelha até o mento, e terminar esse duplo contato nesse lugar por uma ação viva de retirada para si, como se quisesse arrancar alguma coisa.

Se dois ou três passes desse gênero, feitos um após outro, não bastarem para produzir a resolução da contratura, deve-se soprar frio à distância sobre os maxilares, e fazer passes transversais diante da boca.

151. Contratura do pescoço – Tocar de leve os músculos do pescoço com as pontas dos dedos de ambas as mãos, desde a nuca até abaixo do mento ou por detrás das orelhas até à extremidade das espáduas, passando sobre as jugulares, e terminar este passe pela viva ação de retirada prescrita mais acima (150), soprar frio sobre a nuca e fazer passes transversais.

152. Contratura do braço – Fazer com ambas as mãos, ou com uma só, um passe muito vivo à distância (ou tocando de leve

com a ponta dos dedos), desde o ombro até à extremidade do braço, e terminar o passe por uma ação viva de retirada, soprar frio sobre o lugar da sangria e o punho, fazer passes transversais.

153. Contratura da perna – Fazer com ambas as mãos ou com uma só, um passe muito vivo à distância (ou de leve com as pontas dos dedos), desde o quadril até à extremidade do pé, e terminar o passe por uma ação viva de retirada, soprar frio sobre a curva da perna e o tornozelo, e fazer passes transversais.

154. Contratura do diafragma – Com ambas as mãos fazer um passe muito vivo à distância (ou tocando de leve com as pontas dos dedos) desde o epigástrio até aos quadris, e terminar o passe por uma ação viva de retirada, soprar frio sobre o epigástrio, e fazer passes transversais.

155. Contratura geral – Se o corpo estiver em contratura na sua totalidade, fazer sucessivamente os passes de dispersão prescritos mais acima, sobre os braços (152), sobre as pernas, (153) e sobre o epigástrio (154), soprar frio sobre a testa e sobre o epigástrio, e fazer passes transversais da cabeça aos pés (145).

156. Uma contratura nem sempre é o resultado de uma única e mesma causa.

Em cada paciente, em razão de sua idiossincrasia e do seu temperamento, as correntes centrífugas e centrípetas estão longe de se equilibrarem da mesma maneira: em um, a contratura virá dum excesso de condensação dispersiva (efeito centrífugo), em outro dum excesso de condensação resolutiva (efeito centrípeto) (108).

Ora, por outro lado, como as ações magnéticas possuem, conforme sua natureza, um efeito concêntrico ou excêntrico mais ou menos notável sobre as correntes, pode acontecer, em certos casos, que a resolução de uma contratura se obtenha por processos inteiramente opostos.

Em tal paciente, por exemplo, faz-se contratura à distância e o mais leve contato basta para trazer a resolução; em tal outro, pelo contrário, o menor contato produz contratura e a resolução

só se pode fazer à distância. Só a sagacidade do operador é que pode guiá-lo na escolha dos meios apropriados.

Freqüentemente tive ocasião de averiguar na produção do fenômeno esta singular anomalia, que efetivamente não é mais que aparente, porque ela se prende ao funcionamento natural das forças excêntricas e concêntricas das correntes. Eis um exemplo:

Senhorita M..., 28 anos, hipertrofia do ovário direito, contratura de todo o lado direito do corpo.

Quando no estado magnético, a contratura do lado direito cessa espontaneamente e todos os membros readquirem a flexibilidade. Somente, a paciente é de uma sensibilidade magnética extrema, a tal ponto que o mais leve contato estranho, um simples atrito nas roupas ou na epiderme, bastam para provocar instantaneamente um estado cataléptico, do qual só com muito esforço pode-se fazer sair a paciente e afastando-se dela cinco a seis metros. Um dia, ao falar à senhorita M., eu, sem querer, tocara-lhe no corpo; aconteceu que tive de levar mais de uma hora para fazer cessar a catalepsia imediata, produzida pelo meu contato: a manifestação fazia-se lentamente, quando eu me retirava para a extremidade do aposento, mas logo que me aproximava da cama da doente, manifestava-se a catalepsia de novo. Foi-me necessário passar para o compartimento vizinho, cuja porta conservou-se aberta a fim de desprendê-la completamente e, quando após algum trabalho, eu consegui isso, abandonei o compartimento sem reentrar no quarto da doente. Eis aí um caso de sensibilidade magnética inteiramente excepcional, felizmente; mas ele demonstra que, ao contrário do que se passa mais comumente, o contato pode determinar contraturas, em vez de produzir a resolução.

157. Existe acerca da dispersão uma opinião errônea, que é preciso notar e que provém de um velho preconceito baseado na teoria dos fluidos: alguns magnetizadores acreditam ainda hoje no bom e no mau fluido; os processos chamados purificatórios,

que empregam, quer antes, quer depois de cada magnetização, é um testemunho desse fato.

Quando o doente imbuído desse erro vos diz, ao proceder-des à dispersão no fim de uma sessão: “Não tireis mais do meu bom fluido!”, ele se engana. Nada se lhe tira pela dispersão.

A dispersão é uma operação que tem simplesmente por objeto romper a corrente. É fácil de observá-lo quando um braço contraído, mantido horizontalmente em uma posição absolutamente rígida pela contratura, cai de repente sob o impulso enérgico de um único sopro frio à distância ou quando um paciente sensível, conservado durante algum tempo sob a influência da emissão irradiante, cai subitamente para trás debaixo do sopro frio rápido que lhe projetais na testa, como se o fio que o retinha preso à magia se rompesse subitamente.

O desprendimento é uma ação puramente dinâmica.

CAPÍTULO XI
Dos tratamentos

Objeto dos tratamentos. – Sua duração. – Disposições preliminares. – Exemplos de movimentos fisiológicos inesperados, produzindo-se no curso do tratamento. – Depois dos tratamentos magnéticos não há convalescença, o último dia de crise é o último da moléstia.

---

158. É necessário haver perfeita distinção entre um tratamento magnético e uma magnetização acidental e passageira. Uma dor, uma nevralgia, um movimento febril, um começo de defluxo, uma função momentaneamente suspensa se curam rapidamente; basta, muitas vezes, uma ou duas magnetizações para sustar os progressos do mal e restabelecer o equilíbrio do organismo. Mas dá-se diferentemente quando se trata de uma moléstia mais séria, e principalmente de um estado crônico que já vem de muito tempo. Faz-se preciso então instituir um tratamento.

159. Podendo durar oito dias, quinze dias, um, dois, três, seis meses, e muitas vezes mais, conforme a gravidade e a antigüidade do mal, é necessário não empreender um tratamento precipitado, se de ambas as partes não houver firme resolução de continuá-lo e levá-lo até feliz êxito.

> Quando não houver vontade ou vagar para ultimar com êxito feliz um tratamento magnético, não se deve empreendê-lo, porque, depois de um doente ter experimentado bons e salutares efeitos da ação magnética, a cessação muito súbita desta ação torna-se-lhe muitas vezes prejudicial. (De Puységur)
>
> Deslocar-se-iam deste modo os humores que não tivessem tido tempo de se fixarem. (De Jussieu)
>
> Um efeito começado e não sustentado pode contrariar a natureza sem ajudá-la em seus meios. (De Puységur)
>
> Em certas moléstias orgânicas muito graves e antigas, os esforços que faz a natureza para tomar uma nova direção

podem produzir as crises mais dolorosas e alarmantes; faz-se mister evitarmos interromper a ação e não nos amedrontarmos. Nunca vi acidente grave ser a conseqüência de uma crise violenta cujo desenvolvimento não se tenha sustado ou contrariado. (Deleuze)

160. Um assentimento recíproco dos mais completos deve-se estabelecer desde o começo entre magnetizador e magnetizado: de um lado, *dedicação, vontade firme e perseverante*; do outro, *paciência e confiança* absolutas.

O magnetizador só deve ter um objetivo: *aliviar* ou *curar***.** Deve considerar sua missão como um verdadeiro sacerdócio que lhe cria novas obrigações. Sacrificando tudo ao desejo de praticar o bem, não deve procurar, por vã ostentação, impressionar a imaginação do seu doente ou daqueles que o cercam pela produção de efeitos surpreendentes e extraordinários; sua única preocupação deve ser ajudar a natureza, sem nunca contrariá-la.

Por seu lado, a pessoa magnetizada deve fazer todos os esforços para sustentar e animar o ardor daquele que se propõe restituir-lhe a saúde. Não deve, pois, mostrar *prevenção, desconfiança ou impaciência*.

161. O começo de um tratamento é geralmente ingrato. Pelo fato de o magnetismo não produzir imediatamente efeitos aparentes e sensíveis, não se deve desde logo decidir que ele é impotente; pode-se citar um grande número de casos de cura obtidos, sem que nenhum sintoma magnético se tenha manifestado.

Conseqüentemente, nem sempre as curas são precedidas, como se poderia supor, de efeitos que anunciem a ação magnética, e seria de mau alvitre desanimar-se depressa.

Nas moléstias agudas de marcha rápida, é raro que o magnetismo não atue de maneira a mostrar imediatamente todo o bem que dele se pode tirar. Porém, nas moléstias crônicas de marcha mais lenta, os sinais são sempre menos prontos, menos sensíveis, e precisa-se esperar vinte até trinta dias para ter-se um indício qualquer.

Acontece mesmo muitas vezes, em certos casos de moléstias orgânicas inveteradas, que a ação só se faz sentir no fim de alguns meses, e então perde-se a confiança no momento em que se poderia colher os frutos do tratamento.

162. Fora do assentimento moral comum, que deve existir entre magnetizador e magnetizado, qualquer tratamento exige de uma e de outra parte muita regularidade, uniformidade, ordem e principalmente exatidão.

163. O começo periódico das sessões em horas fixas é absolutamente indispensável à boa direção de um tratamento. Uma vez combinada a hora mais conveniente, importa que haja restrita *pontualidade*.

Conforme a gravidade do mal ou a natureza da moléstia, assim se decide que as sessões se realizem todos os dias ou de dois em dois dias. Se as sessões se derem todos os dias, cumpre que haja de ambos os lados uma grande pontualidade quotidiana, a fim de evitar-se lacunas no tratamento. Se forem de dois em dois dias, é necessário, tanto quanto possível, que haja periodicidade constante e que um dia não seja indiferentemente substituído por outro.

164. A duração das sessões deve sempre ser a mesma. Pode-se na média fixá-la em meia hora, 45 minutos no máximo, quando a sessão tiver de comportar alguns processos de massagem.

> Impulsionado pelo ardor do bem ou pelo desejo de satisfazer ao doente, deixamo-nos sempre levar a magnetizar por mais tempo do que o necessário para lhe ser útil. Entretanto, é preciso não perdermos de vista que uma ação curta, porém vigorosamente sustentada do começo ao fim, é mil vezes mais profícua ao doente do que uma ação muito prolongada, na qual o operador perde uma parte de suas forças.
>
> Os pacientes sonambúlicos, que em sono são na maior parte excelentes conselheiros e muitas vezes nos dão indicações sobre os melhores processos a empregar, estão todos de acordo em que é inútil prolongar a ação magnética para produzir o efeito desejado.

Quinze ou vinte minutos bem empregados bastam perfeitamente, na opinião deles, para esse fim. Às vezes mesmo, vão até a reduzir esse tempo a dez minutos.

Um de meus amigos, o Sr. de X., verdadeiro apóstolo do magnetismo, em cujo ativo pode-se inscrever belas e numerosas curas, citava-me sobre este assunto o fato seguinte que vem perfeitamente confirmar os que eu próprio pude recolher e apreciar:

O Sr. de X. magnetizava a Srª G., que tinha um tumor interno, e ao mesmo tempo magnetizava o seu filho de 12 anos de idade, que sofria de uma hérnia umbilical. Essa senhora, muito sensitiva, caia facilmente no estado sonambúlico, e nesta condição fornecia, pela lucidez que apresentava, preciosas informações ao seu magnetizador, para guiá-lo na dupla cura por ele empreendida. A Srª G. insistia sempre com muita vivacidade para que ele não se fatigasse inutilmente em seu tratamento e recomendava-lhe que não consagrasse mais de dez minutos até doze, no máximo, quer a ela quer a seu filho.

Apesar da exigüidade das magnetizações feitas em intervalos bastante espaçados, o estado da mãe do menino melhorou sensivelmente em pouco tempo, e graças às contrações dos músculos do abdome sob a influência magnética, a hérnia de que sofria o menino em breve foi reduzida.

165. Entretanto, em certos casos, quando uma crise se manifesta ou quando é necessário lutar contra um mal fulminante, não mais se trata de limitar o tempo que deve ser passado junto do doente; é preciso a todo o custo sustentar a crise para dominar o mal; é então mister prolongar a ação magnética durante muitas horas seguidas, desenvolvendo toda a perseverança e energia.

A narração do fato seguinte pode dar uma idéia dessas lutas a toda a prova:

Uma noite, um dos meus amigos cai-me em casa como uma bomba, exclamando: “Totó está morrendo! Está atacado de crupe!”

Totó é uma encantadora criança de seis anos, que por sua afabilidade e delicadeza constitui a alegria de todos os que a conhecem. O meu amigo relata-me minuciosamente a sua moléstia: oito dias antes, Totó tivera uma espécie de angina: um médico a tratara com cáusticos e vomitórios; uma melhora se havia manifestado e julgou-se conjurado o perigo; depois, subitamente, na própria manhã, o mal recrudescera com tal violência que o médico, chamado a toda pressa, declarara a doente muito pior, e aconselhara sem mais detença a operação da traqueotomia.

Não pudemos conformar-nos com esta terrível operação, acrescentou o meu amigo, e como em igual circunstância, já conseguiste tirar vosso próprio filho desta má situação, corri a fim de saber se ainda é possível tentar salvar a pobre Totó! Partimos. O diagnóstico do doutor não era exagerado; efetivamente, a criança se achava em terrível estado crítico: tinha afonia, febre ardente, respiração estertorosa, acessos freqüentes de sufocação. Encontramos a mãe em pranto, considerando seu filho perdido. Porém, com o magnetismo cumpre que nunca desesperemos; ele traz em si a vida. Ademais, há na criança uma tal exuberância de vitalidade, que até ao último momento pode-se conseguir a reação vital.

Comecei o trabalho, e depois de ter passado uma parte da noite a insuflar e magnetizar a pobre doentinha, tivemos a inefável alegria de verificar uma melhora sensível. Regressei à casa para repousar um pouco, refazer as minhas forças esgotadas, e voltei pela manhã muito cedo, a fim de continuar a lutar. Pouco a pouco, a cruel moléstia cedeu aos meus perseverantes esforços e, à noite, no meio de uma crise terrível, a criança expeliu peles espessas que se desprendiam da garganta. Por vinte vezes acreditei que ela ia morrer nos nossos braços, tão violentos eram os esforços que ela fazia: mas à força de imposições, passes, e insuflações, consegui sustentá-la nessa crise, que felizmente foi a última. Totó estava salva! Mas, para livrá-la da morte foi-me necessário sustentar com a moléstia uma terrível luta, em

que não poupei tempo nem esforços, luta essa que durara mais de trinta e seis horas.

166. Fora dos casos urgentes em que se deve disputar passo a passo a vida do doente e nos multiplicarmos, é inoportuno fazer mais de duas sessões por dia. É o máximo de esforço que se pode dar, porque é preciso deixar tempo à ação magnética, para que ela produza o seu efeito. Faz-se então uma sessão pela manhã e outra à noite, a fim de deixar entre as duas sessões quotidianas o maior intervalo possível. Em geral, num tratamento começando por ação suave e progressiva, obtém-se resultado muito melhor do que agindo com muita energia e precipitação. O defeito comum a todos os noviços é pecar por impaciência e excessivo ardor. Cumpre evitarmos violentar a reação vital. Ela nunca corresponde às ações brutais; deve-se deixá-la produzir em seu tempo. Efetivamente, é às vezes de maior vantagem começar um tratamento por sessões alternadas de dois em dois dias e estar-se pronto a torná-la diárias desde que se produza o efeito magnético.

Nos tratamentos quotidianos, pode-se em certos casos suspender as sessões durante muitos dias, a fim de estudar-se, com espírito de observação, os sintomas que se produzem no intervalo. Essas suspensões contribuem às vezes para despertar a sensibilidade magnética no momento em que se recomeça.

167. Uma observação diária, redigida com cuidado e regularidade, é o verdadeiro complemento de todo o tratamento bem dirigido.

> Um diário bem feito serve para esclarecer o médico que assiste ao magnetizador e dá-lhe um conhecimento exato de tudo o que se manifesta no curso do tratamento. Serve ao próprio operador, permitindo-lhe estabelecer os pontos de comparação com os fenômenos obtidos em outros tratamentos e para publicar, quando necessário, os bons resultados obtidos a fim de vulgarizá-los. (Aubin Gauthier)

168. Acontece freqüentemente que, magnetizando-se por uma afecção passageira, a reação vital leva sua ação reparadora a

pontos do organismo onde antigas afecções tinham deixado uma desordem qualquer, e vê-se inopinadamente produzir nesses pontos movimentos fisiológicos inesperados, que trazem uma cura com a qual se não contava.

O Sr. Oswald Wirth, bem conhecido pelas numerosas curas que obtém em Paris, tratava de uma bronquite em certa senhora, quando sobrevieram dores na perna esquerda e o tornozelo inchou, como se houvesse sido fortemente contundido. Não havia absolutamente relação entre estes sintomas patológicos e a bronquite, mas a admiração do magnetizador cessou quando a doente lhe referiu que, alguns anos antes, havia caído de um carro, ferindo-se gravemente na perna, e nunca se curara perfeitamente desse acidente.

O coeficiente de vitalidade que lhe traziam os magnetizadores, dirigido contra a sua bronquite determinando para a perna doente uma migração salutar das forças vitais, tinha permitido à natureza o recomeçar a obra de reparação que, entregue a si mesma, não poderia acabar. Pôde assim a doente desembaraçar-se ao mesmo tempo das conseqüências de sua queda do carro e de sua bronquite.

Esse fato me desperta um outro não menos singular:

Uma senhora veio um dia pedir-me que a magnetizasse por causa de um dos olhos que estava sempre lacrimejando.

Ao cabo de duas ou três sessões de tratamento, o olho não ia melhor, mas a minha doente, muito surpreendida e alegre, informou-me de que perdas abundantes, minando-lhe as forças e a saúde já havia meses, tinham desaparecido; confessou-me que não havia falado dessas perdas, porque sabia terem sido produzidas por uma causa interna tão grave, que ela não julgava a ação magnética com o poder de combatê-la.

Todas as notabilidades tinham de fato declarado incurável esta senhora. Apesar desse prognóstico pouco lisonjeiro, não somente cessaram as perdas por completo, como ainda a causa grave que as ocasionava desapareceu no fim de 40 sessões: a ação magnética, fora de todas as nossas previ-

sões, havia determinado essa migração das forças vitais para as regiões mais seriamente comprometidas, do mesmo modo que uma guarnição sitiada conduz, sob o impulso de seu chefe, o grosso de suas forças para os pontos ameaçados.

169. No tratamento das moléstias pela medicina comum, acontece freqüentemente que a demora da convalescença sobreleva a do tratamento; é o que fazia dizer a Mesmer que a convalescença é a moléstia dos remédios.

O magnetismo, não se fazendo ajudar por remédio algum e apelando, desde o primeiro dia, para a reação vital, não produz convalescença: o último dia de crise é o último dia da moléstia.

As radiações magnéticas, impulsionando o despertar da natureza e a realização das funções, incitam o doente a recuperar as forças, à medida que explica os princípios mórbidos da moléstia, e é assim que ela termina no próprio dia em que se completa o equilíbrio integral.

Todas as curas magnéticas, sem exceção, vêm confirmar este fato. Eis um exemplo que me é pessoal: Alguns dias depois de meu casamento, em 1874, minha mulher caiu tão gravemente doente que fui obrigado a fazer-lhe quarto noite e dia, por espaço de um mês. Só tendo confiança na ação magnética, não recorri a médico algum, e constituí-me ao mesmo tempo seu médico, seu magnetizador e seu enfermeiro. Vez por outra, atirava-me inteiramente vestido sobre uma cama de campo, colocada no quarto da doente (precisamente a cama de que me havia utilizado durante a campanha de 1870, em Metz, contra os alemães), a fim de refazer, em alguns instantes de repouso, as forças necessárias à continuação da luta.

Essa luta foi terrível, mas com a perseverança fornecida pelo afeto que eu votava à minha mulher, combati pouco a pouco o mal por espaço de um longo mês. Às vezes possuía-me de desespero, mas a minha inalterável confiança no magnetismo restituía-me a coragem e a minha perseverança

encontrou finalmente a sua recompensa: o mal cessou subitamente.

À vista da gravidade e da demora da moléstia, acreditei a princípio na necessidade de uma longa convalescença para restituir à doente todas as suas forças; mas, com grande pasmo de minha parte, assim não se deu, e em vinte e quatro horas minha mulher fez um retorno tão completo à saúde, que reentrou desembaraçadamente no curso da vida comum, até então suspenso para ela, havia mais de um mês.

CAPÍTULO XII
Dos Processos

O tratamento magnético fornece ao doente a faculdade de, por si mesmo, prover-se dos elementos de reconstituição que lhe faltam. – Magnetizar é um dom natural, mas o estudo dos processos constitui a arte de magnetizar. – Imutabilidade dos princípios, variabilidade dos processos. – Tendência de certos magnetizadores para colocar toda a potência magnética na vontade. – A medicina chamada sonambúlica tem feito desviar de seu percurso o magnetismo curador (de Puységur e Mesmer). – Processos preliminares passivos, ativos, mistos e terminários.

170. É incontestável que o homem não haure na atmosfera e nos produtos da digestão a vitalidade que lhe é necessária. Se o homem doente não pode fazê-lo tão bem como o homem são, é que, em virtude de uma falta de equilíbrio ou de tensão vital, o mecanismo orgânico, mais ou menos travado, funciona mal.

O homem são, que magnetiza um doente irradiando sobre ele, não faz mais que comunicar-lhe por sua emissão irradiante a impulsão vibratória que falta à sua tensão normal, e lhe dá assim a faculdade natural de se prover por si mesmo dos elementos de reconstituição que lhe faltam.

Apresentando o ato magnético sob esse aspecto muito simples, compreende-se que todo contato, toda irradiação, toda emissão irradiante, donde quer que venham, serão para o doente um benefício e lhe aproveitarão sempre até certo ponto.

> Dois homens colocados em frente um do outro, provocam de maneira harmônica a tensão de suas propriedades e podem ser considerados como se fossem um todo.
>
> No homem isolado, quando uma parte sofre, toda a ação da vida se dirige para ela com o fim de destruir o mal.
>
> Do mesmo modo, quando dois homens agem um sobre o outro, toda a ação desta união age sobre a parte doente com uma intensidade proporcional. (Mesmer)

171. Poderíamos, portanto, quando houvesse necessidade, contentar-nos com um simples contato periódico para restituir ao organismo comprometido o grau de tensão que lhe é necessário. Assim pensando, a arte de magnetizar residiria unicamente no contato, apoiado por uma intenção caridosa e perseverante, ou melhor, não existiria ciência magnética: qualquer indivíduo seria magnetizador por intuição. Nasce-se, efetivamente, com a faculdade de magnetizar, como se nasce com a faculdade de se mover e de cantar. Todos podem desenvolver mais ou menos suas forças musculares no caminhar, no saltar, no dançar, nos exercícios de força e de agilidade, todos assobiam mais ou menos corretamente uma ária; mas estas faculdades só constituem verdadeiros talentos quando cuidadosamente desenvolvidas por exercícios baseados em métodos e princípios que formam uma arte.

Assim se dá com o magnetismo. Emitir radiações magnéticas é uma faculdade comum a todos, mas o conhecimento dos princípios que regulam essa emissão e o estudo dos processos que facilitam as aplicações constituem a arte de magnetizar.

Se, pois, é possível fazer-se muito bem por simples intuição, pode-se fazer ainda muito mais conhecendo os princípios e os processos cujas vantagens nos são demonstradas pela observação e a experiência.

172. Cumpre estabelecer uma diferença entre os princípios e os processos: uns são imutáveis, e os outros variáveis. Deve-se sempre respeitar os princípios e nunca nos afastarmos deles; de sua aplicação é que depende o poder e a eficácia do magnetismo. Quanto aos processos, o mesmo não se dá: a experiência é tudo, e a prática pode a cada momento retificar o que se fazia na véspera. (Deleuze)

> Quando se tem adquirido o hábito de magnetizar, e que se está confiante em si, há certos processos preliminares que podem ser postos de lado, substituindo-os por outros. Assim, com o tempo, e quando o doente é sensível à ação, cessa-se com a preliminar de pôr-se em relação com o doente,

magnetiza-se-o imediatamente e ele sente desde logo os efeitos.

Por um outro lado, há certos processos que precisam de regras invariáveis. É de necessidade não se empregar, por exemplo, tal ou tal processo em tais circunstâncias, quando se sabe que o emprego deles poderia acarretar resultados diferentes.

Há ainda processos que devem ser modificados de acordo com as circunstâncias e os lugares em que nos achamos.

Assim, quando se está em presença de pessoas que não possuem idéia alguma do magnetismo, cumpre evitar tudo o que poderia parecer-lhes muito extraordinário, infundir nos gestos a maior simplicidade e empregar processos os mais comuns. (Aubin Gauthier)

173. Certos práticos, atribuindo à vontade uma notável preponderância, tendem a colocar todo o poder magnético na vontade. Os processos, no seu modo de pensar, perdem a importância que devem ter. É certo que a vontade põe em movimento a força magnética e dirige-a, mas isso à maneira do pistão que expele o vapor nos recessos dum mecanismo e regula-lhe o grau de tensão em seu duplo movimento de condensação e expansão.

Em apoio dessa impulsão reguladora, é preciso que certos processos acessórios acabem de especializar a ação e conduzam-na para os órgãos imediatos.

É por meio de processos convenientemente apropriados, por exemplo, e não somente pela vontade, que se consegue deslocar uma dor, fazê-la descer, acelerar a circulação em certos pontos, dissipar um ingurgitamento e cessar uma obstrução. Casos há em que é preciso desde logo atrair as correntes para as regiões inferiores do corpo; outros, pelo contrário, nos quais se faz necessário prolongar a ação sobre a cabeça e o estômago.

Tal processo permitirá mais que outro a obtenção de um resultado pronto e decisivo: é uma questão de observação e de experiência. Mas se os processos são até certo ponto facultativos, alguns há imperativos que, em seu emprego, demandam muito tato e discernimento.

Diversos magnetizadores atuam igualmente bem, quer pelos passes mais lentos ou mais rápidos, quer pelo contato ou à distância, conservando as mãos no mesmo lugar ou estabelecendo correntes. (Deleuze)

174. Quando os pacientes são sensíveis e caem naturalmente em estado sonambúlico, acontece, às vezes, darem sobre este assunto indicações preciosas de que se pode tirar proveito. Há muitos exemplos em que sonâmbulos dirigem com vantagem o seu tratamento. Este curioso dom de segunda vista tem induzido muitos magnetizadores a desprezarem o estudo dos processos e a visarem exclusivamente um fim especial: "colocar os doentes em condições de se curarem a si próprios".

Vai nisso um grave inconveniente, porque esses magnetizadores, obtendo dos sonâmbulos somente indicações dos processos particulares inteiramente ocasionais e unicamente apropriados às dores que sofrem nesse momento, esses magnetizadores, repito, foram perdendo de vista, pouco a pouco, os princípios que serviam de base à grande arte fundada por Mesmer, e substituíram-na por uma espécie de medicina sonambúlica, que fez desviar da sua missão a terapêutica magnética.

Em vez de estudar e desenvolver os processos mais adequados para agir de uma maneira geral e direta sobre os órgãos e as vísceras do corpo humano, em lugar de constituir-se pela observação e a experimentação um corpo de doutrina útil, limitaram-se à função mais fácil e menos fatigante de formar sonâmbulos, aplicaram-se a tirar o melhor partido possível de sua lucidez mais ou menos problemática, e insensivelmente o magnetismo chegou a consistir apenas um meio de formar sonâmbulos e fazer-lhes produzir oráculos.

O Sr. de Puységur, sem o querer, contribuiu para fazer entrar o magnetismo nesse caminho falso, donde ele foi o primeiro a transviar-se, conservando-se como simples espectador dos fenômenos que produzia, em vez de pesquisar-lhes as causas.

Que é que os adeptos de Puységur têm feito para provarem a ação curadora do magnetismo, deixando de lado as sábias

lições de Mesmer? Não cessaram de interessar-se pelo sonambulismo.

De maneira que se para o assistente ou o incrédulo não sobrevier o sono e o sonambulismo não estiver ao nível da inteligência ou da lucidez desejada, não há magnetismo.

Duas escolas distintas, sem que sejam opostas, estabeleceram-se depois da descoberta do sonambulismo pelo Sr. de Puységur: uma, a de Mesmer, que dava grande importância à escolha dos processos; e outra que tomava por divisa a inscrição que se acha nas obras de Puységur: “Crede e tende vontade”. (Aubin Gauthier)

175. Os processos cuja exatidão foi severamente averiguada por longas observações práticas, e cujo efeito tem sido cuidadosamente estudado, podem ser classificados do seguinte modo:

176. 1º) *Processos preliminares,* tendo por objeto estabelecer a relação do magnetizador com o paciente. (47 a 53)

177. 2º) *Processos passivos*, compreendendo todos os contatos (simples ou duplos), em que o operador conserva uma espécie de passividade, aguardando a manifestação das correntes. (54 a 75)

178. 3º) *Processos ativos*, pelos quais o operador abre caminho às correntes e conserva sempre um papel mais ou menos ativo (passes, ações à distância, massagem magnética, insuflações). (76 a 141)

179. 4º) *Processos mistos*, compreendendo todas as combinações variadas que podem ser feitas dos processos ativos e passivos entre si. (86 a 105)

180. 5º) *Processos terminários,* compreendendo todos os processos de dispersão, imposições, passes transversais e perpendiculares, insuflações frias. (142 a 157)

CAPÍTULO XIII
Das sessões e da escolha dos processos

Periodicidade das sessões. – Sessões alternadas ou diárias. – Disposições preliminares. – Perturbações das correntes causadas pela presença de testemunhas. – Posição do doente. – Ordem e duração das sessões. – Regiões sobre as quais o operador deve concentrar sua ação. – Escolha do emprego dos processos em virtude dos diferentes casos que se apresentam. – Utilidade em deixar que os sintomas se desenvolvam. – Processos para determinar naturalmente o sono. – Necessidade de modificar os processos, se os males são indolentes ou ativos. – Pode-se magnetizar indiferentemente com ambas as mãos. – Opinião errônea dos polaristas sobre a influência especial atribuída a cada mão. – Unipolaridade da ação irradiante do homem. – Perigos de especificar em demasia.

---

181. As sessões alternam-se de dois em dois dias, ou são diárias, ou se fazem duas vezes por dia, conforme a natureza da moléstia. (163)

Se o mal for recente e agudo, se o organismo vibrar desde logo sob a ação magnética, é que a reação vital já está naturalmente em ação e é necessário substituí-la por magnetizações repetidas. Nesta emergência fazem-se duas sessões por dia.

Se, pelo contrário, a moléstia tomou, por sua antigüidade, um caráter crônico e inveterado, se a reação vital se tem embotado, se o organismo vibra pouco ou não vibra sob a incitação da emissão irradiante, é inoportuno atacar vigorosamente os centros nervosos, os quais não se acham em condições de responder ao impulso que se lhes quer dar. Em tal caso deve-se fazer apenas uma sessão de dois em dois dias.

Em suma, é regra proporcionar a atividade do tratamento à potência de reação que se encontra ou que se desenvolve, e é muito importante compenetrar-se deste princípio: que se atinge mais rápida e seguramente o fim por meio de ações progressivas e adequadas, do que por uma intenção muito brusca ou demasiadamente violenta.

Cumpre não perder de vista que a ação magnética, sendo de ordem puramente dinâmica, comporta-se como as outras forças da natureza e, como elas, obedecendo às leis da física geral, procura seu equilíbrio em justas limitações.

Quando um comboio lançado a toda velocidade deve retrogradar, o maquinista evita neutralizar bruscamente o vapor para tomar a nova direção: deixa prudentemente extinguir-se a força de propulsão para a frente, por meio da ação progressiva dos freios e, quando se sente senhor do movimento, dá francamente a propulsão para trás.

O mesmo acontece quando a moléstia arrasta o organismo desde anos, em direção oposta à que deve seguir.

Para fazer que ele dê uma volta sobre si mesmo em direção à saúde, é necessário temperar com prudência, por meio de ações progressivas, a sua marcha para diante, até que se sinta bastante senhor do movimento para lançá-lo em plena velocidade na marcha retrógrada.

Em ambos os casos, é preciso necessariamente entrar em composição com a força propulsiva, antes de corrigir a direção.

Nas moléstias agudas, não se dá a mesma coisa: a reação vital se acha em jogo, o organismo, já lançado na ação de retorno, não tem mais do que receber um vigoroso impulso a fim de ajudá-lo nesse intuito.

182. Quando se tem fixado o número e o modo de alternar as sessões, toma-se para cada uma delas as disposições preliminares seguintes:

Primeiramente, é necessário isolar-se o mais que for possível do barulho num dos aposentos da casa, onde não se tenha a temer nenhum contratempo nesse sentido, afastar os estranhos e curiosos que, com sua conversação ou presença, podem perturbar ou distrair, e colocar-se finalmente no mais completo estado de isolamento, calma e atenção, condições principais de qualquer boa magnetização.

Se o doente for uma mulher (jovem principalmente), é prudente e conveniente a presença de uma testemunha; mas então

uma só e sempre a mesma, se isso for possível. É para desejar-se que essa testemunha, sem ser precisamente um adepto convicto do magnetismo, não lhe seja entretanto absolutamente oposto, por isso que a presença de uma pessoa ostensivamente hostil ou céptica pode, senão prejudicar a ação magnética, pelo menos atenuá-la, atuando sobre as faculdades receptivas do magnetizado.

Esse fenômeno perturbador das correntes, causado quer pela presença de pessoas, quer pela de animais, tais como cães e gatos, não é um puro efeito de imaginação; tampouco pode ser atribuído, como se tentou fazê-lo, às influências misteriosas dos bons ou dos maus fluidos dos atiradores da sorte ou do mau olhado; é uma simples e natural conseqüência da faculdade que possuem os corpos de se influenciarem mutuamente à distância pela sua emissão irradiante.

Existem milhares de casos dessas influências perturbadoras inconscientes. Eis dois exemplos:

O Dr. Huguet, de Vars, reunira em sua casa alguns dos membros do Jornal *Presse Scientifique*, e eu era um de seus convidados.

Tratava-se da exibição de uma excelente sonâmbula, com a qual propunha-se fazer uma série de experiências interessantes.

O magnetizador dessa mulher, que era seu marido, não querendo, depois de havê-la adormecido, que o considerassem farsista, julgou fazer ato de boa fé abandonando-a inteiramente aos experimentadores mais ou menos nocivos da reunião. Como é natural, os que se apresentaram logo foram os mais incrédulos e os céticos, e num momento a infeliz mulher ficou rodeada por um círculo em que predominaram mais correntes de hostilidade que de benevolência.

Nem sequer uma experiência deu resultado, nenhuma lucidez se manifestou, e a atitude da sonâmbula foi tal que os experimentadores tiveram a íntima convicção de haverem desmascarado um embuste. Furiosos com esse desenlace,

zombaram tanto da sonâmbula e do magnetizador que este se exasperou e a sessão quase terminou por violência.

É indubitável que, nesta emergência, a lucidez, de que tantas vezes a sonâmbula dera provas autênticas em outros lugares, se nulificara ali pela influência perturbadora do meio hostil, onde o magnetizador, por um sentimento de delicadeza mal recompensado, havia abandonado a sonâmbula.

E é por esta razão que nunca uma sonâmbula, qualquer que seja, mesmo a mais íntima, conseguiu dar prova de suas qualidades transcendentes perante um júri de exame, e por isso os prêmios de clarividência magnética não foram e provavelmente nunca serão ganhos.

Nem sempre são os assistentes que influenciam o sonâmbulo. Acontece às vezes que o próprio magnetizador, sem o querer, irradia sobre aqueles que o cercam e os influencia indiretamente.

Em 1863, quando eu era capitão no regimento de *Spahis*, de guarnição em Constantina, tínhamos ido a um divertimento nas cercanias da cidade. Depois do almoço sobre a relva, divertiu-se, correu-se, dançou-se, e estavam todos muito alegres, quando um incidente veio perturbar as nossas expansões: uma jovem do nosso grupo caíra sem sentidos. Transportada a uma sala do andar térreo de uma casa, estenderam-na sobre um canapé e procurou-se em vão arrancá-la daquele delíquio, que muito se assemelhava a um estado letárgico.

Ofereci-me ao seu marido, que se achava muito inquieto, para tentar a ação magnética, e em poucos momentos, com grande prazer de nossa parte, a vida voltou cessando todo o sintoma mórbido.

Diversas pessoas, ansiosas ao redor da doente, haviam acompanhado essa ressurreição com interesse, e entre outras um jovem de quinze anos que, para melhor ver, sentara-se muito perto de nós. Eu tinha acabado de desprender a doente dos fluidos, quando, por acaso, atirando a vista so-

bre este jovem, vi que ele empalidecia, e estava oscilante na cadeira, fechava os olhos e caia em estado magnético. Naturalmente, de natureza muito sensível, fora indiretamente influenciado pela minha corrente. Deixei a jovem quase restabelecida e ocupei-me dele; declarou-se uma pequena crise nervosa, lágrimas, opressão, etc., que fui obrigado a acalmar antes de tirá-lo do estado magnético e de desprendê-lo dos fluidos.

Esses dois exemplos demonstram que é preciso seriedade nos que se acercam de um doente, e desconfiar de influências ambientes que possam neutralizar a ação.

183. Sendo tomadas as melhores disposições preliminares, faz-se sentar o doente em um lugar cômodo, de modo que ele esteja bem à vontade, e deve-se ficar colocado em frente dele sobre um assento mais alto.

Estabelece-se então a relação, pelo contato (49). O período da duração da sessão deve ser de cerca de meia hora a 45 minutos no máximo e divide-se do seguinte modo:

- (49) Entrar em relação: 5 minutos
- (177) Processos passivos: 10 minutos
- (178) Processos ativos: 10 minutos
- (179) Processos mistos apropriados ou massagem: 15 minutos
- (180) Processos terminais: 5 minutos.

Esta indicação não é evidentemente mais do que um quadro onde o operador não deve confinar-se estritamente: cada caso particular deve ditar sua conduta, não só na ordem, como na escolha dos processos. O seu primeiro cuidado é estabelecer o mais intimamente possível a relação, que deve existir entre o tom do seu movimento e o do seu paciente.

Depois, usará dos processos passivos antes de recorrer aos processos ativos, a fim de só empregar as suas forças gradualmente, e enfim escolher, entre os processos mistos, aqueles que julgar mais apropriados à circunstância e à natureza da moléstia.

184. Para se guiar nesta escolha, deve o operador compenetrar-se dos princípios seguintes: o equilíbrio vital como sendo a resul-

tante do ritmo normal e harmônico de todas as partes do organismo, nervoso, músculos e sangue, que conjuntamente conspiram, conforme o seu destino especial, para fornecer a soma de atividade necessária à realização das funções; por outro lado, a volição que dirige a motilidade partindo dos lóbulos cerebrais, a coordenação dos movimentos partindo do cerebelo e a excitação das contrações partindo da medula espinhal e de seus nervos; finalmente a cavidade do estômago, que corresponde ao diafragma e ao plexo solar formado de dois gânglios semilunares, sendo de alguma maneira o nó da vida vegetativa onde irradiam os nervos das vísceras e dos membros, o operador deverá primeiramente concentrar toda a sua ação sobre os três pontos seguintes do organismo:

Cérebro (hemisférios e cerebelo);

Coluna vertebral;

Epigástrio.

É atuando diretamente sobre esses três grandes centros nervosos, que se desenvolve melhor toda a potência das correntes.

185. Se as imposições sobre a cabeça e o peito produzirem vertigens ou sufocações, cumpre atuar sobre as regiões inferiores, fazendo passes do peito aos joelhos (102); e se a sensação de vertigem ou de abafamento continuar, deve-se dispersar vivamente, por meio de passes transversais e o sopro frio. (145, 148)

186. Se as imposições sobre o epigástrio determinarem contrações ou espasmos, se se manifestar peso de cabeça, perturbações nervosas, afastai a ação das correntes dessas partes, atraindo-as, por meio de passes, para os joelhos e os pés. (102)

187. Se as imposições irritarem, sufocarem ou produzirem uma excitação geral, cessai o contato, afastai-vos e fazei passes de grandes correntes.

Se, pelo contrário, os passes em vez de acalmarem excitarem, aproximai-vos e operai o contato.

188. Pode acontecer que as convulsões e os espasmos persistam, apesar das ações combinadas para fazê-las cessar; segurai então os dois punhos do paciente e concentrai-vos, colocai em seguida

a mão esquerda em cheio sobre o epigástrio, e com a mão direita fazei imposições palmares à distância (96) na base do crânio, entre os dois olhos; terminai por passes transversais e o sopro frio. (145, 148)

189. Os dedos, as mãos, o queixo, a garganta, os membros podem contrair-se sob a ação magnética. Se julgardes útil ou prudente fazer cessar essas contrações, atuai por passes rápidos de desprendimento ao longo do membro contraído ou de ambos os lados da garganta ou do queixo, e empregai o sopro frio à distância, contribuindo toda a imposição ou passe lento para manter ou aumentar a contração. (150, 151, 152, 153 e 154)

Não haja entretanto açodamento em fazer cessar uma contração, quando ela se manifestar, porque a natureza toma muitas vezes este caminho como meio curador (122). Debaixo do impulso magnético, os sintomas mórbidos parecem às vezes agravar-se, ou produzem-se certos fenômenos que se poderiam crer contrários à vida.

Cumpre não se alarmar no primeiro caso nem se enganar no segundo, e longe de procurar precipitadamente destruir o efeito produzido, é necessário limitar-se a sustentar a reação vital, sem embaraçá-la. É assim que se não deve, muitas vezes, acalmar um espasmo, nem fazer cessar uma contração, desde que nascem espontaneamente estes estados sob o influxo da ação irradiante, no próprio interesse do organismo.

190. Se o doente ficar abatido, entorpecido e dormir, deixai-o no sono, e continuai a magnetizar, como se ele estivesse acordado.

191. Nunca se deve provocar o estado sonambúlico. Mas pode acontecer que, ao tocardes um doente na intenção de aliviá-lo e curá-lo, vos apercebais que ele, por sua extrema sensibilidade, tem uma tendência natural para sentir profundamente a vossa ação.

Se virdes a respiração acelerar-se, as mãos tornarem-se úmidas, as pálpebras oscilarem, os olhos convulsionarem-se levemente, o pescoço abaixar-se ou dobrar-se para trás, podeis,

sem perigo, favorecer esse movimento natural para o sono magnético, cuja manifestação, em tais circunstâncias, só pode ser favorável ao tratamento.

Prolongareis então a ação sobre o cérebro colocando o polegar sobre a testa entre os dois olhos, ou pondo os dedos em ponta, à distância, adiante das pálpebras, ou exercendo uma ligeira pressão sobre o globo ocular.

Depois, colocareis as duas mãos sobre as espáduas, conservando-as aí alguns minutos; descê-las-eis lentamente fazendo-as convergir para o epigástrio, colocá-las-eis de novo sobre as espáduas com um novo tempo de parada, descê-las-eis vagarosamente ao longo dos braços até à extremidade dos dedos, segurareis os polegares de cada mão fazendo sobre eles leve pressão durante um minuto ou dois, e recomeçareis os passes precedentes com toda a lentidão, até que os olhos se fechem completamente e o sono seja calmo e perfeito.

Nas primeiras vezes que se produz esse estado, evitai fatigar o paciente com perguntas importunas, deixai-o alguns momentos na calma desse repouso reparador, do qual fá-lo-eis sair por meio dos passes de dispersão (145) e do sopro frio à distância, sobre a fronte (155).

O estado sonambúlico nunca deve servir para satisfazer uma fútil curiosidade e só deve ser utilizado no interesse do doente.

192. Como os efeitos pelos quais o magnetismo prova sua ação são extremamente variados, se renovam em cada sessão ou mudam com a marcha do tratamento, o operador deve estar prevenido para modificar muitas vezes o emprego dos processos.

Deve todavia saber, de maneira geral, que, em se tratando de um mal indolente, frio, onde as partes ingurgitadas e tumefatas não apresentam sintomas inflamatórios e nada de agudo se faz sentir, ele pode prolongar a aplicação do contato e das imposições até que um calor mais ou menos vivo se declare, no entanto, que nas dores vivas em que houver calor, exacerbação, o magnetismo de grandes correntes é muito indicado como aliviando mais depressa que qualquer outro processo, desprendendo

prontamente os tecidos ingurgitados, ativando a circulação e dissipando as dores.

Em outras palavras, tudo o que é indolente e frio exige a ação tônica do contato ou ação excitante e fundente da imposição digital à distância, isto é, a localização condensadora; no entanto, tudo o que é ativo e ardente exige a ação calmante e refrigerante dos passes, isto é, o movimento dispersivo.

Nos sofrimentos agudos é, pois, preciso proceder por ações gerais que acalmem a dor em vez de procurar exaltar o mal; no entanto, nas afecções crônicas não se deve temer a explosão de tormentas nem o despertar de tempestades.

"É esta, diz Du Potet, a verdadeira chave das obras magnéticas; cada órgão tem uma sensibilidade particular que nada vem despertar, porém o agente magnético pode solicitar. Aquele que souber tirar partido dessas indicações, descobre muitas vezes assim o verdadeiro método de tratamento. Substitui a hesitação pela arte."

Quando, portanto, ao magnetizardes de uma maneira geral, produzirdes uma excitação ou uma dor em algum órgão, concentrai toda a vossa atenção sobre esse ponto por meio das imposições, insuflações quentes e ações excitantes à distância (os dedos em ponta), a fim de despertardes todas as forças do organismo e pô-las em jogo, como se tivésseis tocado a mola que governa.

193. Geralmente, começam-se as primeiras imposições e os primeiros passes com as duas mãos; mas, se assim se fosse operando até ao fim da magnetização, haveria indubitavelmente fadiga em breve tempo, e perdia-se desse modo uma grande parte do poder irradiante, em detrimento da pessoa a quem se presta cuidados. Qualquer que seja a força de que sejamos dotados, convém, pois, após os primeiros passes, magnetizar apenas com uma só mão alternadamente. Esta é a opinião de Aubin Gauthier, Deleuze, La Fontaine, Du Potet e muitos outros.

Certos magnetizadores, os polaristas entre outros, reconhecendo em cada mão uma influência magnética particular, são de opinião que não se pode indiferentemente mag-

netizar com a mão direita ou com a mão esquerda, anulando uma o que a outra faz e reciprocamente.

Essa teoria dos polaristas está em contradição com tudo o que ensina a experiência. Nenhum magnetizador, praticando realmente o magnetismo curativo, verificou, nos mínimos fatos, que pudesse existir uma diferença qualquer na virtude curadora das duas mãos e, entretanto, os polaristas, em apoio de seus conceitos, provocam nos pacientes certos efeitos que parecem justificar a opinião por eles emitida.

Eu mesmo não tendo podido, durante mais de vinte anos de prática, observar um só fato que me permitisse estabelecer diferença entre o emprego das duas mãos, quis ter a chave desta divergência de opiniões, e empreendi uma série de experiências que acabaram dando-me a decifração do enigma.

A fim de evitar todas as causas de erros, emanadas muitas vezes da fugaz lucidez dos sonâmbulos ou da tendência à simulação, servi-me de um corpo inerte que não podia enganar-me: o pêndulo explorador, sobre o qual precisamente nesta época eu experimentava as propriedades magnéticas das substâncias minerais e vegetais.

Não posso dar aqui os pormenores dessas experiências, realizadas em maio e junho de 1886, experiências que fizeram o objeto de uma comunicação do Sr. Chevreul à Academia das Ciências, no mês de agosto do mesmo ano; comprometo-me a publicar ulteriormente a narrativa completa.

Posso somente afirmar desde já que, se as leis da polaridade existem, as aplicações que os polaristas pretendem fazer, sob o ponto de vista prático, do magnetismo, são falsas.

O pêndulo acusa com muita precisão:

1º) Que no corpo humano, como em qualquer corpo da natureza, existem dynamides de ordens diferentes, uns positivos e outros negativos, produzidos pela diferença das correntes. Assim, a cabeça e o tronco são positivos do lado esquerdo, e negativos do lado direito; os braços e as

pernas são positivos do lado do dedo mínimo, e negativos do lado do polegar.

2º) Que os animais vivos ou mortos apresentam a mesma polaridade que o homem.

3º) Que os vegetais em plena seiva, ou fanados, são positivos do lado flor, e negativos do lado raiz; e, tal como os ímãs: cada um de seus pedaços apresenta a dupla polaridade; um fruto é negativo do lado do pendúculo e positivo do lado oposto.

4º) Que as duas polaridades isônomas (ou do mesmo nome), postas em contato (ou simplesmente aproximadas, se a sua energia for bastante), produzem uma repulsão ou contratura, enquanto que as suas polaridades heterônomas (ou de nome contrário), produzem uma atração ou descontratura.

Todas essas experiências, praticadas em sensitivos vivos pelos polaristas, foram por mim repetidas sobre o meu pêndulo, que se sensibilizou diferentemente sob a influência das correntes polares. Até aqui têm razão os polaristas; mas, onde eles se enganam é quando, abstraindo das circunstâncias em que se produz o fenômeno, tiram daí conseqüências gerais. Parecem ignorar que as correntes de polarização só se manifestam regularmente nos corpos em estado passivo e que, quando uma influência interna ou externa chega a mudar o estado passivo em estado ativo, tudo se modifica. As correntes obedecem na natureza à hierarquia das forças.

No homem, por exemplo, existe uma série inteira de correntes polares, que podem manifestar-se em detalhe quando o indivíduo conservar-se neutro, porém a potência de volição sintetiza na ação. Em outras palavras, o homem goza da faculdade de unipolarizar suas correntes pela vontade, e não poderia ser de outro modo, pois a unidade do ser ficaria comprometida.

Nas experiências que precedem foi conservando passivas e aguardando em estado de completa neutralização as mani-

festações do pêndulo, que consegui obter todos os matizes de polaridade assinalados pelos polaristas e ainda muitos outros; mas, desde que a minha potência volitiva entrou em ação, tudo mudou, e não somente eu destruía, à minha vontade, todas as manifestações polares, mas ainda conseguia imprimir ao pêndulo todos os movimentos de rotação e oscilação que quisesse dar-lhe.

Mantendo cuidadosamente o estado de neutralidade durante a primeira parte das experiências, eu havia deixado livre ação às correntes polares. Na segunda parte das experiências, fazendo entrar em ação a minha potência volitiva, substituí essas correntes secundárias por uma força superior que as nulificava.

E eis de que maneira, apesar dos matizes múltiplos que efetivamente diferenciam os dynamides dos corpos, seja em seu todo, seja em cada uma de suas partes, qualquer corpo organizado, como o corpo humano por exemplo, se unipolariza na ação só pelo efeito da potência volitiva; e é assim que, mau grado a sua bipolaridade real, o magnetizador não tem que se preocupar com a sua polaridade de detalhe, e pode fazer emprego igual de suas mãos. Ele adormece, desperta, provoca contrações e descontrações, tanto com a direita como com a esquerda, e produz à vontade todos os efeitos magnéticos, sem ter de preocupar-se em saber se ele é isônomo ou heterônomo.

Ele só tem de pôr em ação a sua potência volitiva, que unifica a sua emissão irradiante e a conduz com igual segurança ao seu paciente quer de face, quer de lado, pela parte posterior, de perto ou de longe, mesmo às vezes, de um compartimento para outro, através das paredes e sem observá-lo.

Neste ponto é que se acha em desacordo a prática magnética com a teoria polarista, e era útil lembrá-lo. Muitas vezes tive ocasião de ouvir Du Potet dizer, nos últimos anos de sua vida, quando se lhe pedia opinião sobre estas questões:

> “Cessemos de recorrer a essa interminável logomaquia do fluido e do não fluido, da vontade sem fluido, vibrações da polaridade, etc.; desviemos essas teorias, que bem podem ter às vezes aparência de verdade, porém que são sem fundamento algum real e distraem seguramente o espírito daqueles que magnetizam; evitemos particularizar e especificar o mais possível: isso seria sacrificar uma parte da verdade à necessidade de fazer uma ostentação fútil da ciência.”

Finalmente, o Sr. Dr. J. Ochorowicz, que fez um estudo aprofundado acerca da sugestão mental, assinalando os hábitos inconscientes dos sonâmbulos, de que são tantas vezes vítimas os experimentadores, diz a esse respeito:

> “Certos magnetizadores encontraram uma multidão de polaridade no corpo humano. Tive oportunidade de apreciar bem essas experiências, e elas são perfeitamente concludentes: o polegar atrai, o dedo mínimo repele, etc. O inconsciente, tendo aprendido a lição, não se contradiz mais; somente, solicitando-se-lhe um pouco (mesmo sem palavras), obtendes facilmente o inverso, e podeis desde logo instaurar em toda a sua integridade uma polaridade qualquer, segundo um plano fantástico de antemão traçado. Bastam três sessões para criar um hábito de reação.” (J. Ochorowicz: *A sugestão mental*).[13]

CAPÍTULO XIV
Da magnetização em comum, ou tratamento pela cadeia

Cadeia em fila. – Cadeia fechada com contato. – Cadeia aberta sem contato. – Organização de uma cadeia. – Modo de operar. – Precauções a tomar. – Determinação das correntes. – Sua potência de tensão. – Cadeia comunicativa. – Seu emprego.

194. O homem possui não somente a faculdade de influenciar a um dos seus semelhantes por suas radiações magnéticas (18), como ainda pode estender essa influência sobre várias pessoas ao mesmo tempo. Quando não houver tempo para tratar individualmente um certo número de doentes, pode-se reuni-los e tratá-los em comum: é o que se chama cadeia.

195. Forma-se uma cadeia de diferentes maneiras:

1º) Cadeia em fila – Colocam-se cadeiras, uma por detrás da outra, o mais próximo possível, e faz-se sentar os doentes em fila; o operador conserva-se de pé, diante do primeiro doente, e atua daí por meio de imposições e passes à distância (97, 100), sobre a fila toda inteira.

> O magnetismo se comunica de um para outro com uma prontidão notável, sem cessar de ser eficaz. Particularmente empreguei esse processo em Montpellier, onde estive tão atarefado que me foi inteiramente impossível magnetizar isoladamente. Com uma cadeia formada desse modo para dez doentes, eu consagrava ordinariamente 50 minutos. (Barão Du Potet)

2º) Cadeia formada com contato – Colocam-se cadeiras em círculo, uma contra a outra, e faz-se sentar os doentes unidos pelas mãos e tocando-se com o joelho e a extremidade dos pés.

Nesta posição, diz Mesmer, os doentes, por assim dizer não formam mais que um corpo contínuo, no qual circula ininterruptamente a corrente magnética.

O operador conserva-se no centro do círculo atuando nos doentes conjuntamente ou em cada um por sua vez, quer por meio das ações à distância (97, 100), quer com uma vareta de madeira, de aço ou de vidro.

3º) Cadeia aberta, sem contato – As cadeias em fila ou fechadas, com contato, apresentam em suas disposições certos inconvenientes: em fila, não se pode admitir no máximo senão uns dez doentes e o operador está mal colocado para exercer a sua ação e a sua vigilância; em círculo acontece o mesmo, por isso que o operador volta forçosamente as costas a uma parte da cadeia. Além disso, esse contato muito íntimo das mãos e dos joelhos (inteiramente inútil para a provocação do fenômeno) pode inspirar às pessoas chamadas para formarem a cadeia um sentimento de mal estar ou repulsão. A melhor disposição para uma cadeia, é portanto a cadeia aberta e sem contato.

Colocam-se assentos na distância de 25 ou 30 centímetros uns dos outros, sobre uma linha curva, e o operador, em pé no centro desse semicírculo, conserva-se a boa distância, de modo a poder abranger num relance a linha dos doentes, de uma ala à outra. Se bem que não exista ponto algum de contato entre os diferentes elos dessa cadeia, as correntes se propagam rapidamente de uma extremidade à outra, como na cadeia em fila. Pode-se entretanto, se isto aprouver, estabelecer um laço entre os diferentes elos. Como as cordas de fio de cânhamo, e principalmente de lã, são excelentes condutores da força magnética, instala-se diante dos doentes, na altura de apoio, uma forte franja de lã torcida e sustentada, a intervalos, por suportes de madeira ou de vidro fixos ao soalho, e cada uma das pessoas que compõem a cadeia apóia as duas mãos sobre essa rampa improvisada. Essa disposição, estabelecendo inteiramente uma comunicação mais completa entre os anéis da cadeia, tem principalmente a vantagem de satisfazer mais plenamente o espírito dos doentes, os quais, por esse laço aparente e material, sentem-se de algum modo mais intimamente unidos entre si.

Os reservatórios magnéticos, tais como cubas, árvores magnéticas, não tinham outro intuito senão desenvolver, es-

forçar as correntes das cadeias que os doentes formam em derredor deles. Mesmer reunia todos os dias um grande número de doentes em torno de sua cuba. O Sr. de Puységur chegava a reunir até 130, ao mesmo tempo, em torno das famosas árvores de Bezancy, de Beaubourg e de Bayonna, de que os anais magnéticos assinalam numerosas curas.

196. A composição e a direção duma cadeia exigem cuidados particulares.

A primeira das condições é não admitir no tratamento em comum nenhuma moléstia que possa comunicar-se, produzir desordens intoleráveis ou impressionar desagradavelmente os assistentes, tais como epilepsia, úlceras, moléstias da pele, etc.

Para compor a cadeia, o operador começa recebendo em particular cada pessoa, pondo-se em relação com ela durante um ou dois minutos (49). Feito isto, introduz sucessivamente cada uma delas na cadeia.

Pode-se reunir assim, dez, vinte, trinta pessoas ou mais, se o local o permitir. Uma vez formada a cadeia e em ação, não se deve introduzir mais elementos novos, nem admitir curioso algum ou espectador estranho, nem deixar tocar nenhum dos doentes. Além disso faz-se mister não participar da cadeia nenhum elemento heterogêneo, suscetível de perturbar as correntes.

Se alguém, dizendo-se doente ou amigo de um doente, mas visando satisfazer a sua curiosidade, pede para fazer parte da cadeia, pode até certo ponto impedir-lhe os bons efeitos, desde que seja incrédulo ou mal intencionado.

197. Estando formada a cadeia, assim como acaba de ser dito, o operador coloca-se em face do centro, na distância necessária para abranger num relance o conjunto da cadeia. Recomenda silêncio, calma e atenção, concentra-se profundamente durante alguns instantes; depois, estendendo o braço direito para os doentes, projeta na direção deles as radiações magnéticas, por meio de imposições e passes à distância (97, 100).

A faculdade de concentrar-se e de radiar não é dada a todos, no mesmo grau.

Para dirigir bem uma cadeia, é preciso possuir essa qualidade em supremo grau.

O homem que sabe querer com energia, com perseverança, com teimosia mesmo, é o melhor dotado para organizar uma cadeia (33). Todo o bom êxito depende do poder moral com o qual ele condensa em seus focos nervosos as emanações irradiantes, que deve em seguida projetar por toda parte em que quiser acender a faísca da vida. Assim se ateia o incêndio debaixo dos raios convergentes dum foco lenticular.

> Essa energia não deve exprimir cólera, mas uma vontade intensa sem violência nem rigidez: toda rigidez neutraliza os efeitos, consumindo o princípio que deve fazê-lo nascer.
>
> Pelo contrário, convém um certo abandono e, enviando às extremidades o móvel ou a força necessária para levantar um fardo considerável, é preciso não ter que mover senão o peso dos seus membros. É o excesso nesta força que vai influenciar ao longe os pacientes e produzir a eclosão das correntes na cadeia.
>
> O operador deve considerar-se como uma simples máquina distribuindo à distância irradiações (8). Deve saber que sua vontade impele essas irradiações de seus centros nervosos ao longo dos nervos até aos limites da pele, e que daí são projetadas sobre os corpos aos quais se as dirige (13 a 16).
>
> Cumpre, pois, regularizar a intensidade da vontade de modo que as irradiações não se percam inutilmente no espaço e obedeçam à direção que se lhes quer imprimir; e, como a máquina humana não poderia fornecer de maneira contínua tão elevado grau de tensão, é preciso que se a detenha muitas vezes sustentando-lhe a ação por algum tempo de repouso. (Barão Du Potet)

198. Debaixo da ação irradiante do operador, as correntes se manifestam quase imediatamente na cadeia (11 e 12). Somente os efeitos, por vezes instantâneos, são mais ou menos aparentes, mais ou menos prontos ou tardios.

Quando se magnetiza diversos doentes conjuntamente, diz o Sr. Ragazzi (que pôs em prática com resultado durante muitos anos em Haia, Holanda, a cadeia como meio curador), nota-se que sob a ação da corrente sentem todos um efeito particular sobre a parte doente: em uns a dor aumenta, em outros diminui. Muitos sentem dores que não tinham há muitos anos. O que se passa então? Será o magnetismo que produz a dor? Não, pois que ele dá vida! É que havia ali um mal que a natureza não tinha podido reparar. O magnetismo, despertando as ações vitais, simplesmente ajudou a natureza a recomeçar o seu trabalho inacabado. Eis aí, diz o Sr. Ragazzi, um fato que verifico diariamente sobre milhares de doentes que trato por esse processo. (Ragazzi)

199. Pode acontecer que um doente, sob a influência das correntes desenvolvidas na cadeia, caia em crise ou fique sonambulizado. Cumpre deixá-lo nesse estado, enquanto não se torne uma causa de perturbação ou de desordem.

Nesse caso retira-se o doente da cadeia para um aposento próximo da sala comum, onde se lhe administram cuidados particulares.

200. É útil, no tratamento em comum, fazer-se ajudar por um ou mais auxiliares, principalmente se for grande a cadeia.

Mas esses ajudantes, escolhidos com critério, devem compenetrar-se bem de que é preciso renunciar a qualquer iniciativa pessoal, cingir-se cegamente às instruções do mestre, só empregar os seus processos, e nulificar-se completamente diante da sua vontade soberana. Um acólito que se não conformasse com essas regras absolutas seria antes um empecilho do que um auxílio útil: seria preferível pô-lo de parte.

201. A cadeia é, de todos os meios, talvez o mais poderoso para por em jogo a força magnética e tornar efetivas as suas manifestações.

Se de fato quiser-se considerar o corpo humano como uma pilha composta de número infinito de elementos nervosos, que por sua ação recíproca desenvolvem correntes e radiações,

compreende-se o que uma máquina composta de várias pilhas desse gênero, postas em atividade por um impulso dado, possa produzir em potência de tensão. A cadeia aparece então como uma verdadeira bateria magnética, onde a energia das trocas aumenta com o número dos elementos compostos que a formam. (12)

202. A cadeia ordinária é, como acabamos de ver, a reunião de um certo número de doentes atuando respectivamente uns sobre os outros de maneira inconsciente e esperando, no estado de neutralidade, os efeitos magnéticos que devem desenvolver as correntes.

Também se pode formar uma cadeia de pessoas sãs, unidas num mesmo intuito e numa mesma intenção ativa para aliviar um doente. Isto, em certas circunstâncias graves, pode ser um precioso auxiliar para suprir a insuficiência de uma ação isolada e para despertar ou vibrar a vida prestes a escapar-se de um corpo moribundo: é o que se chama a cadeia comunicativa.

A formação de uma cadeia comunicativa apresenta algumas dificuldades, e todos os que a compõem devem estar sinceramente animados do desejo de praticar o bem, profundamente dedicados ao doente e unidos de intenção e de coração àquele que os dirige.

Sob tais condições essenciais não se pode, de maneira alguma, contar com mercenários ou pessoas de fé vacilante, cujo ceticismo, sempre pronto à crítica ou à negação dos fatos, dificultaria a ação magnética em vez de desenvolvê-la.

A cadeia comunicativa forma-se com o mesmo cuidado que a cadeia ordinária (195). Somente depois de haver estabelecido a relação (49), o condutor recomenda a cada pessoa que compõe a cadeia unir-se pela mão.

Em seguida, ele toma a extremidade inicial da fila a fim de atuar, por meio de imposições e passes com a mão que se conserva livre, sobre o doente, como em toda magnetização isolada, recebendo de todos os elementos da cadeia um reforço que duplica a potência da sua corrente.

CAPÍTULO XV
Da automagnetização

Ação do homem sobre si mesmo. – Casos em que esta ação pode ser utilmente empregada. – Escolha dos processos. – A integridade da tonalidade vital depende toda do funcionamento regular das correntes. – Força centrípeta e força centrífuga. – Condensações e dispersões. – Preceitos de higiene entre os chineses (Thang-Seng).

203. Na magnetização isolada ou na magnetização em comum, mostramos a influência curadora que um indivíduo pode exercer por suas radiações sobre um ou muitos de seus semelhantes.

Esta ação de um homem sobre outro ou sobre vários outros, depois de ter sido por muito tempo contestada, está hoje correntemente admitida, senão em todo o seu alcance curador, ao menos quanto a certos fenômenos fisiológicos que a própria ciência oficial decidiu-se a admitir.

Pode-se, portanto, encarar como certa a ação magnética do homem sobre seus semelhantes. Resta saber se ele a tem sobre si mesmo.

Sobre este ponto a incerteza não pode durar muito, porque, com exclusão de qualquer teoria, é muito fácil formar uma opinião a respeito.

Experimentando sobre si mesmo, não tardará a verificar pela experiência se existe ou não uma ação.

Nosso primeiro ato, no sofrimento, é levar instintivamente a mão ao ponto em que sofremos e muitas vezes encontramos certo alívio com uma leve pressão na parte afetada. Se, em vez de agir instintivamente, soubermos estudar as nossas sensações e dirigir convenientemente a nossa ação, adquiriremos bem depressa a certeza de que a ação magnética do homem sobre si mesmo é incontestável.

Mesmer não falou da ação do homem sobre si mesmo. Os Srs. de Puységur, d'Eslom, de Bruno, etc., também não falam a esse respeito. O Sr. Deleuze, em sua *Instrução Práti-*

ca, fala dela muito por alto, como de um fato que pode existir, porém que ele não verificou. Os Srs. Birot e Dr. Rouilier são os primeiros que tratam a fundo do assunto em seu livro: *Recherches sur la faculté de se magnètiser soi-même*. E Aubin Gauthier, no seu trabalho *Introduction au magnetisme*, tratando explanadamente desse assunto sob o título *L'Action de l'homme sur lui-même*, conclui deste modo: "Devo à ação magnética exercida sobre mim mesmo, a conservação de minha saúde muitas vezes comprometida por longos e penosos trabalhos."

204. Os casos em que se pode empregar a automagnetização são forçosamente restritos, porque, para agir sobre si mesmo, não é necessário ficar em estado de prostração, nem num estado de exacerbação e desordem geral. Se o indivíduo for profundamente anêmico ou estiver atacado de febre ardente, não poderá pensar em dar aos outros uma saúde que ele não tem. Com mais forte razão, nada se pode fazer sobre si mesmo. Neste caso, deveria recorrer ao seu semelhante e pedir-lhe auxílio e assistência.

Porém, fora dessas circunstâncias excepcionais, quantas oportunidades de sustar em seu começo as indisposições ligeiras, e desse modo evitar as complicações que lhes são conseqüentes!

As mudanças de estações, as variações de temperatura, a fadiga, as emoções morais, as decepções conspiram a todo o momento contra a nossa tensão vital; as nossas funções periclitam; sobrevêm obstruções, congestões, perda de apetite, constipações, dores de cabeça; uma transição brusca do calor para o frio, ou do frio para o calor, um golpe de ar, uma cólera violenta, congestionam subitamente o cérebro, irritam a garganta, embaraçam os brônquios ou o estômago, revolucionam os intestinos; um acidente se dá, uma queimadura, uma queda ou um corte, que fazer? A medicina, para preencher essas eventualidades, prescreve purgantes, vomitórios, vesicatórios, sanguessugas, tapsias[14], pedilúvios, cataplasmas, compressas, antipyrina, etc. Pode evitar-se tudo isso concentrando-nos cinco minutos e colocando a mão sobre a parte doente ou sobre a sede da função e, enquanto uma afecção local não absorver as nossas faculdades físicas e morais, enquanto o mal ficar circunscrito a uma região ou a um

órgão, poderemos magnetizar-nos a nós mesmos, e arrancar (é o caso de dizer-se) a dor e o mal com a mão.

> Tem-se dado comigo mais de cem vezes, e diariamente ainda me acontece, restabelecer em poucos momentos as minhas funções perturbadas por qualquer circunstância fortuita, e é graças à automagnetização, não hesito em acreditar, que me tem sido possível prosseguir, sem um só momento de parada, durante mais de vinte anos, trabalhos bastante penosos e difíceis; tenho evitado muitos defluxos, fazendo-os abortar em seu começo e tenho atenuado consideravelmente as conseqüências de acidentes tais como quedas, ou queimaduras (136).

205. Para se magnetizar a si mesmo empregam-se os processos comuns, imposições, passes, massagens e insuflações, isto é, toca-se fazendo imposições das mãos, ou apresentando-as à distância, ou fazendo-se fricções ou passes, ou soprando-se frio ou quente.

Atua-se sobre o conjunto do organismo impondo-se sucessivamente as mãos sobre a cabeça, o estômago, os rins e o ventre, fazendo-se seguir estas imposições de longos passes lentos do alto do tronco até aos pés.

Atua-se localmente, por meio de ações parciais sobre todas as regiões ao alcance da mão ou do sopro. No primeiro caso restabelece-se o equilíbrio geral perturbado dando mais tensão ao circuito vital, no segundo atraem-se as forças vitais e duplica-se a atividade das correntes por toda a parte em que se impuser a mão.

Cumpre partir-se deste princípio – que o equilíbrio vital depende essencialmente da harmonia que existe entre as correntes centrífugas e as correntes centrípetas. O ser organizado, em perpétua troca com o meio em que é chamado a viver, não chega a manter a integridade da sua tonalidade vital senão pela preciosa faculdade que possui de reagir, de maneira permanente, contra as correntes externas que o cercam e de equilibrar-se com elas; a sua vitalidade é o resultado de duas forças contrárias, uma interna, a outra externa; a sua saúde é o ponto de equilíbrio desse

antagonismo; ele recebe do meio ambiente, restitui a esse meio o que recebeu, em outros termos, condensa e dispersa alternadamente; e o movimento de dispersão ativa o de condensação, é a despesa ou o estrago que prepara a receita ou a reparação; e é assim que a morte entretém o fogo da vida.

Pode pois dizer-se, “quem dá, recebe” e eis de que modo, longe de esgotar as suas forças no ato de magnetizar, como era natural acreditar-se, retira, pelo contrário, desse ato um grande benefício para si mesmo ativando em si a dupla corrente da vida.

É sobre esse princípio de perpétua troca, que constitui o equilíbrio oscilatório da vida, que repousam as vantagens do emprego da cadeia no tratamento comum; existe entre os doentes que formam a cadeia uma dupla transmissão: ao receber, cada um dá, e dando, cada um recebe.

Na magnetização direta acontece o mesmo: o magnetizador, dispersando os seus eflúvios magnéticos sobre o seu doente, ativa por esse ato a corrente contrária ou a condensação e recupera assim na proporção do que dá.

> Esta maneira de considerar a vida do homem, como sendo o resultado de um jogo regular das correntes, se acha expressa numa obra chinesa, que data do século XVII: o *Thang-Seng*, ou a arte de proporcionar para si uma vida sã e longa.
>
> O autor dessa obra distingue no homem três espécies de forças a que chama os espíritos vitais:
>
> o Tsing, que corresponde às forças vegetativas;
>
> o Ki às forças animais;
>
> o Chin, às forças espirituais.
>
> É importante, diz ele, não se dissiparem esses três princípios da vida humana, quer pelo uso imoderado dos prazeres dos sentidos, quer por esforços violentos, quer por emoções muito vivas ou grande contenção de espírito.
>
> Ele dá, para conservar o justo equilíbrio dos espíritos vitais, certas prescrições higiênicas, que devem por o homem

em boa relação constante com as correntes externas. São as seguintes:

Sede sóbrio; qualquer excesso esgota os espíritos vitais.

Não caminheis ininterruptamente durante muito tempo.

Não vos conserveis horas inteiras de pé e imóvel.

Não vos demoreis sentado por muito tempo.

Não dormi além do necessário.

Quando estiverdes despido e prestes a recolher-vos ao leito, tomai, com uma das mãos, um de vossos pés, e com a outra, atritai-lhe a planta com força, de maneira a convergir para ali um grande calor. É um meio eficaz de ativar os espíritos vitais durante o sono.

Uma vez no leito, adormecei o coração, para repelir qualquer pensamento que pudesse desviar o sono.

Deitai-vos do lado direito, dobrai um pouco os joelhos e adormecei nesta posição; ela impede os espíritos vitais de se dissiparem durante o sono.

Ao dormirdes, não tomeis a atitude dum morto, isto é, não vos deiteis de costas nem conserveis os braços cruzados sobre o peito.

Cada vez que despertardes, estendei-vos no leito para tornar mais livre o curso dos espíritos vitais, ou melhor, levantai-vos por um momento e fazei duas ou três fricções ao longo do corpo do alto do peito até aos pés e sobre os rins e deitai-vos de novo.

Levantando-vos, quando tiverdes despertado, fazei com a mão várias fricções sobre o peito na região do coração.

Evitai cuidadosamente o ar encanado, como se fora uma flechada.

No inverno, evitai o calor excessivo, e no estio não procureis o extremo frescor.

Na primavera, quando a natureza trabalha e fermenta, regulai-vos por ela, e entregai-vos a um exercício moderado, porém freqüente.

CAPÍTULO XVI
Da magnetização dos animais e das plantas

A influência irradiante do homem se exerce sobre todos os seres vivos. – Exemplos da influência do homem sobre os animais: cães, gatos, cavalos. – Sentimento de gratidão e reconhecimento nos animais, sua sensibilidade magnética. – Experiências públicas do magnetizador La Fontaine sobre um cão e um leão. – Exemplos da influência do homem sobre as plantas. – Experiências sobre o desenvolvimento das flores, dos frutos, dos bulbos de tulipas.

206. Vimos (194 e 203) que a nossa influência irradiante se exerce sobre os nossos semelhantes e sobre nós mesmos, mas não se detém aí a nossa ação magnética; ela se estende igualmente aos animais e às plantas. (16)

Haurindo nossas correntes a sua origem na grande corrente universal que imprime a todos os seres organizados os seus princípios vivificantes, a unidade vital da natureza fazendo com que tudo palpite sob a influência duma mesma vibração, não é para admirar que os espíritos vitais dos animais e das plantas recebam um impulso das nossas correntes e que as propriedades desses corpos possam aumentar-se ou restabelecer-se sob a influência da nossa ação magnética. (14 e 16)

Se devemos ser reconhecidos à natureza por ela nos ter outorgado o precioso dom de curar os nossos semelhantes, devemos igualmente agradecer-lhe por nos haver permitido estender os nossos benefícios aos animais domésticos, esses humildes servos que nos ajudam em nossos trabalhos diários e cuja afeição dedicada enche muitas vezes o vácuo dos nossos afetos e solidão do nosso lar.

Não será também para nós uma grande satisfação poder conservar em todo o seu verdor e viço de beleza essas joviais companheiras das nossas alegrias e tristezas, essas plantas delicadas cujas folhagens e flores constituem o ornato dos nossos jardins e dos nossos salões, e que, em virtude de uma nova moda, ocupam presentemente um lugar tão elevado em nossa vida desde o berço até ao túmulo?

Quando mesmo em nosso coração não encontrássemos ao lado do amor da humanidade um lugar modesto para os animais e as plantas, o interesse de nossa bolsa nos exigiria poupar e prolongar a existência dos seres que nos são ao mesmo tempo agradáveis e úteis, e cuja substituição não deixa de ser para nós uma despesa onerosa.

“Aliviar um ser que sofre, qualquer que ele seja, diz Deleuze, é sempre um bem, mas curar os animais é, além do benefício que se lhes faz, prestar também, muitas vezes, um grande serviço aos homens.”

Aubin Gauthier cita numerosos casos em que alcançou resultados surpreendentes.

Uma cachorra ainda nova acabara de parir, e tendo uma inflamação na cabeça, por causa da lactação que não se havia estabelecido, sofria horrivelmente, apresentando os olhos inchados e quase fechados. Logo no dia seguinte, depois de três sessões, os olhos abriram-se perfeitamente e as dores se haviam acalmado; no fim de três dias, o animal achava-se restabelecido.

Uma outra cachorrinha, que também acabara de parir, tinha a cabeça mais avolumada que o corpo, gania continuamente e não mais dormia: no prazo de três ou quatro dias, uma evacuação extraordinária se manifestou, cessaram as dores, voltou o sono, e o animal recuperou toda a sua alegria.

Os cavalos e as vacas não são menos acessíveis ao magnetismo que os cães. Aubin Gauthier refere que, numa circunstância crítica, obteve sobre certa vaca um verdadeiro êxito. Ela havia comido trevo molhado; sabe-se quais as conseqüências graves que trazem esse fato: a vaca inchava prodigiosamente e não havia ali quem, em tal emergência, pudesse socorrê-la.

Ele julgou dever magnetizá-la, e no fim de vinte minutos o animal expeliu gazes, depois descargas flatulentas, que trouxeram como resultado o restabelecimento de sua saúde.

Os gatos, muito amantes de carícias, prestam-se muito especialmente à magnetização, voltam-se e retorcem-se sobre si mesmos, colocam-se de modo a receberem melhor a nossa ação, que apreciam imensamente.

Eis um exemplo interessante, relatado pelo Sr. Miale: Ao entrar um dia em sua casa, ele vê um ajuntamento no pátio: era um gato que caíra do quarto andar, e que jazia inanimado na calçada; tentava-se chamá-lo à vida imergindo-o em água. O Sr. Miale mandou conduzi-lo ao seu aposento, friccioná-lo bem com esponja molhada, enxugá-lo, depois do que o estendeu sobre um tapete e o magnetizou; pouco a pouco, o gato volta a si, estende as patas, volta a cabeça, muda de posição, abre os olhos, fecha-os depois, parecendo aguardar mui tranqüilamente o resultado da operação. O Sr. Miale duplica de esforços: o gato mexe-se, e parece encorajar o seu salvador com os miados repetidos, em testemunho da satisfação que experimenta; e finalmente equilibra-se nas patas e corre, aproveitando-se da porta aberta, que lhe restitui a liberdade.

207. Os animais doentes possuem um olfato particular para discernirem o que lhes pode fazer bem, e, dando tréguas aos seus hábitos e às suas propensões, prestam-se facilmente a tudo que se exige deles para receberem os cuidados que se lhes dispensa. Tive ocasião de verificar esse fato muitas vezes.

Conheci uma cachorrinha de raça escocesa, de nome Fly, tão detestavelmente brava, que ninguém podia aproximar-se dela sem correr o risco de receber uma dentada; atordoava com os seus latidos quando alguém chegava ou partia, e acompanhava-o até a porta com as mesmas demonstrações; ninguém podia fazer-lhe uma carícia, principalmente quando ela estava no colo da sua patroa. Este animalzinho veio a cair doente, e como, apesar dos seus defeitos, fosse tratada com muito mimo, a sua indisposição despertou muitos cuidados. Tentei magnetizá-la, a fim de acalmar as preocupações da sua dona, que tinha por ela as ternuras de uma mãe; mas, conhecendo a índole do animal, dispus-me a isso com o maior receio.

Foi grande a minha admiração quando, em lugar da recepção que esperava, notei que Fly deixava-se tocar, virar e revirar, como eu julgava conveniente, e desde esse momento dignou-se fazer-me um acolhimento alegre, como se guardasse reconhecimento pelo serviço que eu lhe havia prestado.

Tive ainda ocasião de tratar de uma cadela felpuda que, em conseqüência da enfermidade dos cachorrinhos, ficara paralítica na parte posterior do tronco. O veterinário, tendo sido consultado, disse que o mal era incurável, com grande desgosto da sua jovem dona, filha de um dos meus bons amigos. Compadeci-me de seu grande desespero, e empreendi essa cura que, com grande contentamento geral, foi coroada de pleno resultado: no fim de algumas semanas, a cadela estava tão viva e petulante, como a mais esperta das de sua espécie.

O que houve de particularmente tocante neste fato foi a maneira pela qual o pobre animal acolhia os meus cuidados: não somente fazia-me festa todas as vezes que me via, mas prestava-se com uma boa vontade cômica a tomar todas as posições que eu julgava dever dar-lhe, como se compreendesse que eu lhe trazia a saúde. Quando começou a caminhar, por si mesma, vinha exigir a sua sessão, procurando não esquecer o momento em que, como de costume, se a tratava.

Confesso que, por meu lado eu tomava tal interesse no tratamento, que teria tido um verdadeiro remorso de faltar para com ela ao meu compromisso tácito.

Efetivamente, experimenta-se uma verdadeira satisfação em magnetizar os animais, porque com eles tem-se imediatamente a prova da ação benéfica do magnetismo; a plena confiança que mostram esses seres instintivos, anima e induz a levar-lhes auxílio e socorro; não se sofre da parte deles esses movimentos de dúvida, hesitação e incredulidade encontrados nos homens que, mui freqüentemente, pagam os vossos cuidados com a mais negra ingratidão.

> “Curei muitos enfermos – diz Aubin Gauthier –; alguns renegaram-me, outros evitaram-me; a gratidão para eles é um fardo; os animais, pelo contrário, são todos reconhecidos!”

> “Os irracionais – já Sêneca o havia dito – são mais sensíveis aos benefícios que os homens!”

208. Apesar das inúmeras curas obtidas sobre os animais pela ação magnética, certas pessoas, atribuindo essas curas a simples

coincidências, poderiam ainda levantar dúvidas acerca da eficácia dessa ação, se numerosas experiências não tivessem desde muito tempo demonstrado que ela é um fato real e puramente físico.

Em 1843, na sala Valentino, perante mais de 1500 pessoas, o célebre magnetizador La Fontaine deu uma prova evidente e que não podia dar lugar a nenhuma suspeita de fraude. Adormeceu um cão, caçador de lebre, fazendo-o entrar no estado cataléptico. Desde os primeiros passes, houve da parte do público incrédulo e inclinado à malevolência, uma verdadeira explosão de debiques e vaias.

Chamava-se o animal, procurava-se desviar-lhe a atenção e impedir que o efeito se produzisse; mas, quando se viu a cabeça do cão inclinar de lado e o animal cair rígido como se estivesse morto, a atenção pública tornou-se profunda e o silêncio restabeleceu-se na sala.

Diversas pessoas foram chamadas para comprovarem o fenômeno: aproximaram-se do cão, enterrou-se-lhes alfinetes nas carnes, disparou-se um tiro de pistola ao seu ouvido e o cão não se mexeu; era um cadáver, e quando, alguns momentos depois, o magnetizador arrancou-o desse estado letárgico, houve uma verdadeira ovação: a ação magnética sobre os animais manifestava-se a todos, como um fato bem real.

Já no ano 1840, em Tours, e num estabelecimento zoológico fora da cidade, La Fontaine havia feito, num leão, uma experiência interessante diante dum público numeroso: detendo-se junto da jaula, fixou o olhar sobre o animal e obrigou-o a fechar os olhos. Quando, depois de vinte minutos de passes à distância, ele julgou o sono bastante profundo, abalançou-se com mil precauções a tocar a pata que se achava junto das grades, depois picou-a, e vendo que havia insensibilidade, levantou-a, tocou em seguida a cabeça do animal, e finalmente introduziu sua mão na garganta, com grande pasmo das pessoas presentes.

Satisfeito com o que produzira, La Fontaine julgou dever despertar o leão, e fez-lhe passes de dispersão. O leão abriu os

olhos, levantou-se, sacudiu a juba e recuperou os seus hábitos, passeando ao longo da jaula.

209. A ação magnética sobre as plantas não é menos manifesta do que sobre os animais: pode-se curá-las quando estão doentes, apressar-lhes o crescimento e a florescência; numerosos fatos apresentam-se em apoio do que avançamos.

No ano 1841, em Caen, La Fontaine possuía dois gerânios, um dos quais cheio de seiva, e o outro quase sem vida. Começou a magnetizar este último, que não somente recuperou vitalidade, mas acabou por cobrir-se de largas folhas e crescer mais do que aquele que não estava doente.

O Sr. Dr. Picard, horticultor em São Quintino, fez uma série de experiências sobre enxertos de roseiras.

No dia 5 de abril, sobre seis enxertos feitos nas mesmas condições, ele abandonou cinco ao seu desenvolvimento natural, e magnetizou o sexto; a roseira magnetizada deu, em 10 de março seguinte, dois belos rebentos de 40 centímetros, encimados por dez botões, enquanto que os outros tinham apenas rebentos de 5 a 10 centímetros e os botões estavam longe de despontar.

O enxerto magnetizado produziu, de 5 de abril a 26 de agosto, em duas florescências, maio e julho, dezoito magníficas rosas e forneceu 38 mudas, das quais muitas deram flores, enquanto que no mesmo período os enxertos não magnetizados só floresceram uma vez, em fins de junho, e deram ramos que atingiram apenas a um desenvolvimento de 15 a 20 centímetros.

O Sr. Picard experimentou igualmente a ação magnética sobre o desenvolvimento das frutas: escolheu, sobre um pessegueiro escorado, um ramo onde havia três pêssegos; magnetizou-os todos os dias por espaço de cinco minutos, e no dia 24 de agosto estavam em perfeita maturação, havendo atingido um desenvolvimento de 21, 22 e 24 centímetros de circunferência, quando os outros frutos da árvore só amadureceram em 25 de setembro e atingiram no máximo a 14 ou 15 centímetros.

Tais fatos não precisam de comentários. Eu mesmo tive freqüentes ocasiões de averiguar a benéfica influência que po-

demos exercer por nossa radiação sobre as plantas; conservei em meu aposento plantas verdes, fênix ou palmeiras, durante dez ou doze anos, no mais perfeito viço; tratei, no parapeito de minha janela, de sálvias (plectrantus fructcosus), que atingiram dimensões inteiramente desusadas, produzindo verdadeiros arbustos com mais de 1,50 m de altura e 3 metros de ramagem, não porque eu as magnetizasse todos os dias, mas sim devido aos meus cuidados constantes. A planta é um ser vivo que exige, do mesmo modo que o animal e todos os seres da natureza, não somente os elementos necessários à conservação da sua vitalidade, ar, água, calor, luz, como também afeição. Sim, a planta, tal como o próprio animal, não se apraz na solidão: carece de quem a cuide, de quem a toque e se ocupe dela; vive em grande escala das nossas emanações irradiantes, e na maioria dos casos morre no abandono e no isolamento, quando a arrancamos do seu estado natural, por isso que a não associamos suficientemente à intimidade do nosso lar.

Pode-se bem fazer uma idéia do efeito produzido por nossa ação irradiante sobre as plantas, atuando sobre bulbos de tulipas e de jacintos.

Magnetizando todos os dias, por espaço de cinco ou dez minutos, a água dos vasos em que mergulham as raízes desses tubérculos, consegue-se dar à sua seiva uma tal energia vital, que a haste e flor tomam em pouco tempo aparências extraordinárias. Um dos meus amigos tinha sobre a lareira dois bulbos de jacintos cor de rosa, que acabavam apenas de germinar e estavam em grau de igualdade no desenvolvimento; fizemos a experiência de magnetizar um, deixando que o outro se desenvolvesse livremente. A planta magnetizada excedeu muito a sua companheira e atingiu uma altura de mais de cinqüenta centímetros. Para evitar que a flor não fizesse cair o vaso, fomos obrigados a dar-lhe um ponto de apoio sobre o espelho da lareira.

Este singular resultado, que comuniquei a um dos meus amigos, empregado numa repartição ministerial, induziu-o a repetir a experiência: trouxe bulbos de jacintos para o escritório e começou a magnetizá-los.

Muitos dos seus companheiros imitaram-no. Em poucos dias, o campo de experiência alargou-se, e a referida repartição (que não era a de agricultura) tornou-se em breve uma sucursal das estufas da cidade; em todos os escritórios entregaram-se os empregados à cultura do bulbo de tulipa.

210. Não seria demasiado insistirmos sobre os numerosos fatos que acabamos de citar; porque, fornecendo-nos a prova da ação real do homem sobre os animais e as plantas, demonstram bem que essa ação puramente dinâmica e física, depende da faculdade natural que o homem possui de regular, condensar, e projetar por seu poder de volição, as suas radiações magnéticas ou nêuricas sobre todos os corpos que o rodeiam e de modificar-lhes as correntes (24).

Além disso, mostram-nos a unidade do princípio universal que une na natureza todos os corpos entre si.

CAPÍTULO XVII
Da magnetização dos corpos inertes e dos acessórios que se podem empregar para as magnetizações indiretas

Unidade do princípio universal que une todos os corpos entre si. – Falsa idéia da inércia, seriação e diferenciações do movimento. A inércia é uma resistência, e por conseguinte uma força. – Todos os corpos são condensadores de movimento. – Efeito produzido pela magnetização sobre os corpos. – Água magnetizada. – Processos para magnetizar um copo d'água, uma garrafa, um banho. – Efeitos da água magnetizada. – Vidro magnetizado: O vidro possui propriedades especiais de condensação. – Processos para magnetizar um disco de vidro, um bocal, lunetas. – Alimentos, metais, objetos diversos magnetizados; processos para magnetizar os tecidos, os alimentos, influências especiais dos metais. – O som favorece a ação magnética; influência dos sons harmoniosos; perturbações produzidas pelos ruídos dissonantes ou os choques imprevistos.

---

211. A ação magnética não se estende somente aos animais e às plantas; os próprios corpos inertes podem ser influenciados.

Apesar da realidade desse fato, que a experiência demonstra, uma asserção dessa ordem pode, à primeira vista, parecer contestável, por isso que, se nos dispomos a admitir muito facilmente uma troca de radiações entre os corpos dotados de vida, não vemos absolutamente, *a priori*, que relações possam existir entre a natureza morta e a natureza viva. Isto procede da idéia que se faz acerca da inércia introduzida na física para explicar o estado negativo e a imobilidade aparente da matéria, velando o conhecimento do movimento universal que mantém o mundo inteiro sob a ação de uma mudança lenta, imperceptível aos nossos sentidos, porém constante.

Foram necessários trabalhos modernos sobre o polimorfismo e as cristalizações, para pôr-se em evidência essa verdade. Os corpos se nos apresentam então unidos entre si,

não pela atração, como se havia suposto, mas por uma espécie de coesão recíproca devida a um equilíbrio coletivo. Assim mantidos em suas relações mútuas e constantes, esses corpos estão imersos numa espécie de oceano de movimento serial onde, sob as aparências simuladas de atrações e de repulsões, nascem, sob a influência de dispersões e condensações sucessivas, correntes que, longe de se deterem nas superfícies que banham, as envolvem e penetram.

A matéria, perdendo, desde então, as propriedades negativas que a inércia lhe empresta, exerce um papel eminentemente ativo: ao movimento ambiente que a cerca e comprime, ela opõe resistências proporcionais aos seus graus de condensação; não é mais uma entidade passiva, simples joguete das forças exteriores coligadas, mas sim uma força virtualmente ativa em antagonismo constante com as outras forças.

Sob a influência das correntes que nascem desse antagonismo, tudo se anima na natureza, a separação estabelecida entre o mundo dos corpos vivos e o dos corpos sem vida cai por si mesma, e a unidade se faz na vivificação universal da matéria hierarquizada e na união das forças coligadas para um mesmo fim. Desaparece a inércia, para dar lugar a uma série infinita de todos os matizes de condensação, e não é mais sob o ponto de vista de sua materialização que cumpre considerar os corpos, mas sob o da faculdade que eles possuem de condensar o movimento em proporções variáveis.

212. Não existem, propriamente falando, corpos inertes na natureza; todos os corpos são, antes de tudo, condensadores de movimento, e é sob esse aspecto que eles são influenciáveis pelas nossas radiações.

213. Os corpos magnetizados auxiliam admiravelmente num tratamento os efeitos da magnetização direta: são excelentes intermediários.

Magnetizam-se corpos de qualquer natureza, a fim de empregá-los como acessórios: a água, os tecidos, a madeira, os

metais, a cera, o vidro são igualmente bons condensadores das correntes.

214. As magnetizações não mudam em coisa alguma a natureza intrínseca dos corpos; aumentam somente as suas propriedades irradiantes. Ativando a energia das correntes que os atravessam (14), estendem-se as propriedades dos corpos, assim como restabelece-se neles as que um acidente lhes tivesse feito perder.

215. Os corpos submetidos à nossa ação magnética restituem, pelo contato, uma parte da energia transmitida; porque a magnetização, dobrando a sua faculdade condensadora ou a sua corrente centrípeta, põe em ação outro tanto de sua faculdade dispersiva ou da sua corrente centrífuga. É essa perpétua tendência ao equilíbrio entre as funções de condensação e as de dispersão que permitiu considerar indistintamente todos os corpos da natureza como reservatórios da força magnética. (12)

Como nenhuma modificação aparente se manifesta nos corpos quando se os magnetiza, seria difícil verificar o aumento das propriedades destes corpos produzido pela magnetização, se não houvesse um meio de exame. Esse meio foi fornecido pelos sensitivos; os pacientes sensíveis sabem muito bem, no estado magnético, distinguir um objeto magnetizado de outro que o não é. Eis aqui vários exemplos:

Eu tinha um sonâmbulo de extrema sensibilidade; bastava-me magnetizar um objeto qualquer, uma cadeira, um livro, um papel, e deixar esse objeto misturado com outros da mesma espécie; nunca o meu sonâmbulo deixou de encontrar o objeto magnetizado no meio daqueles que não o estavam. Se, estando acordado, o acaso levava-o a tocar um objeto que eu houvesse magnetizado fora de sua presença o simples contato desse objeto punha-o instantaneamente no estado magnético.

Muitas vezes repeti essa experiência, e sempre com bom resultado. Antes da chegada do sonâmbulo, eu magnetizava um objeto qualquer visível sobre a mesa ou sobre a lareira, uma caixa de fósforos, por exemplo; toda vez que, por i-

nadvertência, o sonâmbulo tocava no objeto magnetizado ele girava sobre si mesmo e caia instantaneamente em sono magnético, e o efeito era fulminante!

No estado sonambúlico, os sensitivos vêem sempre a água magnetizada fosforescente. Um dia colocaram uma garrafa d'água magnetizada sobre a mesa, ao lado de uma pessoa que eu tinha por costume pôr em estado magnético. Era uma pessoa muito fácil de ser influenciada: a simples vizinhança dessa garrafa magnetizada bastou para adormecê-la, e quando tirei-a desse estado, foi necessário remover a garrafa de cima da mesa para que se não reproduzisse a mesma cena. Alguns dias antes, o simples contato de um anel de ouro magnetizado, que eu havia passado para o dedo dessa pessoa sem preveni-la do efeito que podia produzir-se, instantaneamente mergulhara-a no sono magnético.

Esses efeitos inopinados, produzidos por um objeto magnetizado sobre sonâmbulos não prevenidos, dão a prova mais palpável da ação inteiramente física do magnetismo.

Água magnetizada

216. A água é, de todos os corpos inertes, o que mais facilmente se magnetiza e que também comunica melhor a energia de que é portadora.

A água, por si mesma, já é, como o ar, a luz e o calor, um dos elementos primordiais da nossa vida planetária; magnetizando-a, aumenta-se consideravelmente a energia das suas propriedades vitais. Na opinião de todos aqueles que se ocupam de magnetismo sob o ponto de vista curador, a água magnetizada representa um papel muito importante na medicina magnética; de todas as magnetizações intermediárias é a que produz efeitos mais surpreendentes e mais úteis à saúde.

Entre os acessórios dos tratamentos magnéticos, eu encaro a água magnetizada como um dos mais preciosos; empreguei-a muitas vezes, e com a maior vantagem. (Dr. Roullier, 1817)

A água magnetizada é um dos agentes mais poderosos e salutares que se podem empregar; vi-a produzir efeitos tão maravilhosos que eu receava iludir-me, e só pude acreditar depois de milhares de experiências.

Os magnetizadores não fazem muito uso da água magnetizada; entretanto ela lhes pouparia muitas fadigas, dispensariam os seus doentes de vários remédios e acelerariam a cura se dessem a esse meio todo o valor que merece. (Deleuze)

217. A água magnetizada deve ser empregada como acessório de todo tratamento para auxiliar a ação magnética direta. Receita-se como bebida nas refeições ou nos intervalos; emprega-se também em banhos e loções.

218. Magnetiza-se a água da maneira seguinte, conforme os recipientes que a contêm:

Para magnetizar um copo d'água, toma-se este com a mão esquerda, e com a direita faz-se imposições e passes na superfície do líquido e ao longo das paredes do copo.

Para magnetizar uma jarra ou uma garrafa d'água, deve-se colocá-la desarrolhada na mão esquerda, e fazer com a mão direita imposições e passes na entrada do vaso e ao longo de suas paredes; se o recipiente for muito grande, de modo que não se possa tê-lo entre as mãos, coloca-se o mesmo sobre uma mesa diante de si, envolvendo-o do melhor modo que for possível com os dedos abertos, e faz-se em seguida imposições e passes com as duas mãos na entrada do recipiente e ao longo das suas paredes.

Para magnetizar um banho, passa-se a mão aberta pela superfície da água, duma extremidade à outra da banheira, mergulhando-a, em seguida, durante alguns minutos; depois, estende-se as mãos fora da água, para o centro, fazendo passes sucessivos muito lentos sobre a superfície da água.

Proporciona-se o tempo da magnetização ao volume de água e ao tamanho do recipiente. São necessários de 2 a 5 minutos

para magnetizar um copo ou uma garrafa, e cerca de 10 minutos para magnetizar um banho.

219. Os efeitos produzidos pela água magnetizada são múltiplos, às vezes são até absolutamente opostos; alternativamente tônica ou laxativa, a água magnetizada fecha ou abre as vias de eliminação conforme as necessidades do organismo, pois toda a magnetização direta ou indireta tem por fim o equilíbrio das correntes e, conseguintemente, o das funções.

O efeito será tônico, quando houver excesso nas funções de eliminação; será laxativo, quando as funções de condensação forem exageradas.

A água magnetizada possui a preciosa vantagem de substituir qualquer espécie de purgantes e de agir naturalmente nas constipações mais recentes. Tomada regularmente, em jejum e nas refeições durante muitas semanas seguidas, acaba quase sempre restabelecendo o equilíbrio das funções e triunfando da inércia intestinal mais rebelde.

Por esse meio, restabelece-se o curso normal das fezes em pessoas impossibilitadas que permaneciam no leito há muitos anos, sem que conseguissem defecar senão por meio de purgantes e clisteres.

Algumas vezes, os efeitos purgativos da água magnetizada são muito pronunciados.

No tratamento de um reumatismo articular agudo, não somente as bebidas magnetizadas fizeram cessar uma constipação renitente, mas ainda provocaram trinta e uma dejeções abundantes e infectas, em menos de cinco dias. Longe de enfraquecerem o doente, elas trouxeram uma melhora tal em seu estado, que ele pôde levantar-se, apesar de não ter tomado alimento durante os dez dias que esteve no leito.

No tratamento de um tumor do ouvido, complicado de uma hemiplegia da face, a água magnetizada produziu, no espaço de dezoito dias, três a oito evacuações diárias: estas dejeções líquidas não fatigaram de maneira alguma o doente, e livraram-no definitivamente do corrimento purulento

do ouvido, primeira causa da hemiplegia, que desapareceu por sua vez cinco meses depois.

Vi muitos doentes, cuja saúde tinha sido completamente arruinada por diáteses graves, recuperarem a saúde por uma série de emissões alvinas abundantes e críticas que expulsavam do organismo todos os seus elementos mórbidos; um deles, graças ao uso da água magnetizada, teve durante três anos, de três a cinco evacuações em 24 horas.

Se a água magnetizada tomada internamente favorece as digestões e secreções, impede o retorno dos acessos nas febres intermitentes e pode reconstituir o organismo por completo, como se fora o melhor dos fortificantes; o seu emprego externo em loções e compressas não tem menos efeitos soberanos, para as feridas, os dartros, as queimaduras, as erisipelas e as moléstias de olhos.

Vidro magnetizado

220. Depois da água, é o vidro o corpo que melhor se magnetiza e que melhor pode preencher o papel de intermediário entre o magnetizador e o doente.

Os sonâmbulos têm para com o vidro ou uma tendência, ou uma repulsa notável. Em geral, entretanto, procuram-no com muito açodamento como se fora a mão do magnetizador, e justificam este aforismo do Dr. d'Eslon: uma garrafa colocada no epigástrio faz o mesmo efeito que a mão do magnetizador. (Aphor 24)

221. O vidro parece possuir propriedades inteiramente especiais de condensação e, de todos os corpos inertes, é ele que atua magneticamente sobre o organismo com maior intensidade.

Quando se quer concentrar as correntes e atuar com mais atividade sobre um órgão afetado, magnetizam-se campânulas, placas ou bocais de vidro para cobrirem a parte doente.

Nas moléstias de olhos, magnetizam-se os vidros das lunetas ou os óculos.

Grande número de magnetizadores, entre os quais o Sr. de Puységur, o Dr. Roulier e Aubin Gauthier, preconizaram o emprego de medalhões de vidro, que eles magnetizavam e faziam trazer suspensos numa fita ao pescoço dos doentes. A aplicação dessas placas de vidro sobre o estômago e sobre o coração era para eles de um grande auxílio a fim de acalmarem as dores, as palpitações e desfazerem obstruções. Haviam notado que o vidro magnetizado prende-se à pele, enquanto aquele que não é magnetizado deixa de lhe aderir.

222. Magnetiza-se uma placa ou um disco de vidro soprando quente por cima e fazendo passes em sua superfície; faz-se também imposições, cercando o disco com os cinco dedos de uma das mãos, e colocando os cinco dedos da outra mão, reunidos em ponta ou em feixe.

Magnetiza-se um bocal ou qualquer outro corpo oco, introduzindo nele uma das mãos aberta, de modo a sustentá-lo sobre a ponta dos cinco dedos, e com a outra magnetiza-se por meio de passes.

Magnetizam-se lunetas colocando o polegar sobre o vidro e, deixando-o aí apoiado por alguns instantes, faz-se em seguida passes ao longo dos ramos, do centro para cada extremidade.

Alimentos, metais e objetos diversos magnetizados

223. Qualquer objeto pode ser magnetizado e armazenar os eflúvios magnéticos, a fim de servir de intermédio às magnetizações indiretas; empregam-se para isso tecidos, alimentos, metais, etc.

224. Magnetiza-se um lenço, um pedaço de flanela, um retalho de algodão, soprando quente sobre eles e conservando o tecido desdobrado na mão esquerda, enquanto com a mão direita se fazem passes ou apresentam-se os dedos em ponta.

225. Quando os doentes manifestam repugnância por certos pratos ou bebidas que lhes poderiam ser úteis, ou porque o

estômago esteja preguiçoso e digira mal, magnetizam-se todos os alimentos a fim de facilitar-lhes a ingestão e digestão.

Para magnetizar os alimentos sólidos, apresentam-se os cinco dedos reunidos em ponta alguns centímetros acima do vaso que os contêm, e termina-se a operação por alguns passes.

226. Quanto aos objetos metálicos, ainda que bons condensadores, não podem ser de uso corrente como a água, o vidro e os panos; por isso que, possuindo propriedades especiais, por si mesmos influenciam mui diversamente o organismo em razão das idiossincrasias e dos temperamentos.

O contato do ferro é geralmente insuportável a todos os sonâmbulos; este contato os inquieta, irrita e queima.

O ouro, que por si mesmo possui uma virtude tão calmante, dissipa as dores locais e resolve as contrações, e torna-se para certos sensitivos um excitante que provoca contrações e espasmos.

O Som

227. Toda emissão de som favorece a ação magnética, com a condição, que os sons sejam harmônicos e não venham surpreender o sonâmbulo com um ruído dissonante de um choque.

O vento, o farfalhar das folhas, o murmúrio dum regato, a queda duma cascata ou de um repuxo, auxiliam a ação magnética e concorrem para o sono magnético, se o doente for predisposto a isso. (Mesmer, Aph. 164)

228. A música, principalmente quando melodiosa e suave, tem uma influência enorme sobre os nervos, produz muitas vezes crises úteis e o êxtase; a sua potência expansiva pode, em certos casos, ajudar a resolver favoravelmente os mais graves estados críticos.

Tive muitas vezes ocasião de averiguar a benéfica influência da música e principalmente do canto, nas crises produzidas pelos tratamentos magnéticos. Tive especialmente uma doente muito interessante, a senhorita Luiza C., afeta-

da de atrofia muscular progressiva, em quem o tratamento determinava crises violentas bem freqüentes, e que só a música conseguia dominar. Era bastante uma de suas amigas, que assistia às sessões e possuía excelente timbre de voz, começar a cantar em voz baixa a bela romanza[15] de Paulo e Virgínia "*O pássaro se vai*", para que imediatamente toda a exaltação diminuísse e a calma se restabelecesse. Uma profunda interrupção se dava, lágrimas inundavam o seu rosto, e a jovem doente, subitamente acalmada, seguia numa espécie de êxtase todas as inflexões da voz da sua amiga, que parecia conservá-la numa magia invencível.

229. Qualquer ruído ou som brusco e violento, tudo o que tende, em uma palavra, a surpreender o sonâmbulo, é uma causa de perturbação que pode apresentar perigo. Esses meios, em todo caso, nada têm de curativos e devem ser prudentemente afastados do tratamento; as pancadas de tan-tan, que mergulham brutalmente os sonâmbulos no estado cataléptico, só serviram para maravilhar a multidão por efeito teatral preparado.

Em geral, os sonâmbulos assimilam muito melhor os sons harmônicos do que os ruídos; na maioria, ficam completamente estranhos aos ruídos que os cercam e percebem sons harmônicos os mais longínquos. Vi sonâmbulos não se perturbarem de nenhum modo com as conversações, entradas e saídas de pessoas, portas que se abriam e fechavam, gritos, latidos de cães, e de repente saírem de sua letargia para prestarem atenção aos sons duma música ou de cantos que nenhum dos assistentes percebia desde logo, por causa da grande distância.

230. Podem-se tirar muito bons efeitos da magnetização acústica, num tratamento particular; porém, esse gênero de magnetização não pode ser empregado no tratamento em comum, porque certos doentes experimentariam com ele um benefício incontestável, enquanto que outros ficariam profundamente perturbados.

Os instrumentos mais favoráveis ao desenvolvimento da ação magnética são, depois da voz humana, a flauta, a har-

pa, a cítara. Mesmer, em suas sessões, empregava freqüentemente esta última.

Diversos magnetizadores pretendem que os sons que partem de um instrumento magnetizado fazem mais efeito num doente, do que os de um instrumento que não o esteja; mas nunca tive ocasião de fazer experiências a esse respeito.

CAPÍTULO XVIII
Da sensibilidade magnética

Os efeitos magnéticos são fenômenos físicos. – Primeiros sintomas: graus de sensibilidade dos doentes. – Causas que desenvolvem ou minoram esta sensibilidade. – Efeitos produzidos sobre as crianças, sobre pessoas anêmicas ou debilitadas, sobre pessoas muito nervosas. – Relações de analogia que devem existir entre magnetizador e magnetizado. – Ação magnética geral ou parcial. – Efeitos de reação percebidos pelo operador. – Estudos das sensações manuais que servem de guia num tratamento. – Exageração da teoria do adestramento das correntes. – Do magnetismo místico e seus convenientes. – Impressionabilidade da mulher, suas qualidades e defeitos sob o ponto de vista da prática do magnetismo.

231. A magnetização produz efeitos puramente físicos; o doente cuja mão seguramos na posição da relação por contato (49) experimenta geralmente os efeitos seguintes; umidade na palma das mãos, titilações nos dedos, formigamentos; a sensação encaminha-se às vezes aos braços, aos ombros até a cabeça, ou vai atacar o epigástrio, e há então irradiação por todo o corpo, que determina leves calafrios, bocejos, aos quais sucede a dormência dos membros e do cérebro. Em uns, o pulso diminui, o rosto empalidece, as pálpebras oscilam e fecham-se, os queixos e os membros se contraem, há sensação de frio; em outros, o pulso se acelera, sobem ao rosto fugachos que o avermelham, o olhar aviva-se, há transpiração, acessos de riso ou pranto.

Quando esses efeitos parecem querer acentuar-se, podemos, se se tem em vista obter-se o sono magnético, prolongar a ação que os determina; mas se não quisermos o sono (o que deve ser o caso mais habitual, por isso que ele não é necessário ao tratamento), apressemo-nos em romper a relação, abandonando as mãos do sonâmbulo e fazendo-lhe alguns passes à distância. (100 a 104)

232. Todos os sonâmbulos não são suscetíveis de sentir ao mesmo tempo e no mesmo grau os efeitos magnéticos: há tantas

gradações nas sensações como há diferenças entre os organismos; não somente a sensibilidade varia conforme os sonâmbulos, mas é mais ou menos desenvolvida na mesma pessoa em razão das disposições de momento.

Há doentes sobre os quais se atua em dois ou três minutos; em outros é necessário muitos dias e em alguns muitos meses. (Koreff, Deleuze)

Tal pessoa, insensível enquanto goza saúde, experimenta efeitos evidentes em casos de moléstia. (Aph. 210, Mesmer)

Tal outra, que em uma moléstia grave não experimentava nenhum efeito aparente, torna-se muito sensível em uma leve indisposição. (Deleuze)

Há doentes nos quais os efeitos vão sempre aumentando; outros que sentem desde o primeiro dia tudo quanto experimentaram no decurso de um longo tratamento; outros, finalmente, que, depois de manifestarem sintomas notáveis, cessam de manifestar de repente a menor impressão. (Mesmer, Deleuze, Aubin Gauthier)

233. Acontece freqüentemente que o magnetismo restabelece a harmonia das funções de que acabamos de falar, isto é: tendência à transpiração, sensação de frio ou de calor, espasmos, movimentos musculares, contrações, dormência, displicência, formigamentos, bocejos, etc.; e só o percebemos ao efeito produzido pela melhora da saúde.

O magnetismo nem sempre se manifesta, pois, por efeitos que anunciam a sua ação; e procederia mal quem desanimasse muito depressa, ou declarasse que o magnetismo é impotente só porque ao cabo de oito ou quinze dias, algumas vezes dois meses ou mais, não tivesse produzido nenhum efeito aparente. (Deleuze, Koreff, Aubin Gauthier)

234. As pessoas que parecem mais rapidamente sensíveis à ação magnética são as que levam uma vida simples e frugal, que não são agitadas pelas paixões, que não abusaram dos narcóticos e dos minerais, e que não fazem uso imoderado dos perfumes de toucador. Os hábitos da alta sociedade, a vida agitada da política

e dos negócios, as preocupações morais, o abuso dos anestésicos e dos narcóticos, os excessos da mesa e das bebidas alcoólicas ou fermentadas, diminuem cada vez mais a receptividade magnética; é por isso que os campônios que vivem com toda a simplicidade e ao ar livre, sem terem habitualmente recorrido às excitações artificiais dos prazeres da cidade e da terapêutica moderna, têm mais probabilidade de sentir com maior facilidade e rapidez que os outros os efeitos da ação magnética, no entanto os alcoólatras e os morfinomaníacos são quase insensíveis.

235. Nas crianças em quem o movimento natural não é ainda contrariado pelos maus hábitos de uma vida mal regulada, a ação magnética é mais notável, mais pronta e salutar que entre as pessoas adultas; e o mesmo se dá com os animais. As crianças e os animais são geralmente muito sensíveis ao magnetismo e obtém-se sobre eles curas muito rápidas.

> Trouxeram-me um dia uma criança de três ou quatro anos, cujo estado doentio inquietava muito os pais; era o filho do professor de música de meu filho. Estava pálido, triste, já havia muitos dias que não digeria nada, seu olhar era fixo e sem expressão, e uma grande rigidez da coluna vertebral dava-lhe uma contratura dos rins, do pescoço e da cabeça, impedindo-o de equilibrar-se nas pernas e de dar um passo. Tomei a criança em meus joelhos, fiz-lhe imposições e passes, insuflações quentes nas costas e na nuca e, em alguns minutos, um quarto de hora apenas sob esta ação vivificante, a criança pareceu renascer, os olhos recuperaram a sua animação habitual, os músculos distenderam-se, moveu a cabeça, e quando a pus de pé, começou a caminhar pelo quarto para receber um doce que se lhe mostrava à distância. Esses poucos minutos de magnetização bastaram para dominar um estado mórbido inquietador, que já durava há muitos dias e que cessou como por encanto; porque, desde essa noite, o apetite, a alegria, o funcionamento regular do organismo recomeçaram como se a criança nunca tivesse estado doente.

Este é um exemplo entre mil: mas não há uma enfermidade da infância, febre, diarréia, constipação, vômitos, convulsões, moléstias eruptivas, tosse, coqueluche, que não possa ser imediatamente sustada por uma ou duas magnetizações feitas em tempo oportuno, antes que essas lutas ou esses desvios de crescimento não tenham tido tempo de tomar uma feição séria. Combati desse modo a pé firme todos os males aos quais meu filho, como toda criança, teve de pagar seu tributo, e evitei assim toda complicação, travando-os em seu desenvolvimento.

Deleuze, Aubin Gauthier, o Dr. russo Brosse e o Dr. Bavaro Muck citam grande número de casos desse gênero, cuja relação se encontra nos *Annales Magnétiques*. Mais recentemente, numa brochura de que se falou muito, o Dr. Liébault, de Nancy, relatou grande cópia de experiências feitas por ele sobre crianças com menos de dois anos, experiências concludentes, que não só dão um exemplo admirável da ação puramente física do magnetismo e de sua grande eficácia nas moléstias da infância, como também provam a prontidão com que esta ação se exerce sobre as crianças de tenra idade.

236. É preconceito acreditar-se que as pessoas de compleição delicada ou enfraquecidas pelas moléstias crônicas são mais sensíveis que as outras; geralmente, não são os indivíduos edemaciados ou de temperamento nervoso que dão mais depressa indícios de sensibilidade magnética; pelo contrário, são antes as naturezas enérgicas e vivazes que melhor correspondem aos movimentos de reação que se procura produzir pela magnetização.

Na maior parte dos indivíduos nervosos e nas moléstias que mais especialmente afetam o sistema nervoso, onde a prostração e a anemia alternam com uma grande superexcitabilidade, o magnetismo atua na maioria dos casos, sem produzir efeitos aparentes; e se, às vezes, com o correr do tempo, o magnetismo consegue triunfar dessas perturbações profundas da enervação, acontece freqüentemente que se obtém a produção de fenômenos singulares que não são sempre seguidos dos resultados curativos

que dele se espera. Em suma, seria erro acreditar-se que as afecções nervosas caem, mais especialmente que as demais moléstias, sob a competência do magnetismo; a idéia falsa que se fez e ainda se faz do papel fisiológico do magnetismo e de seus efeitos curadores contribui grandemente para entreter esse preconceito, que a observação e a experiência deveriam ter há muito tempo desarraigado.

237. Há igualmente uma opinião segundo a qual a sensibilidade magnética e, consecutivamente, o efeito curador dependem sobretudo de certas analogias de relação entre o magnetizador e o paciente; é evidente que se deve levar em conta influências que resultam dos caracteres, dos temperamentos e dos meios: os climas, as estações, o regime, os hábitos, a idiossincrasia têm efeitos incontestáveis num tratamento, e é muito admissível que certas pessoas sejam mais aptas que outras para produzirem certos efeitos e curarem determinadas moléstias. Não é duvidoso que os corpos são mais ou menos condutores das correntes e, por conseguinte, mais ou menos irradiantes; que as trocas magnéticas entre os corpos variam portanto até ao infinito, mas isso é uma questão de menor importância, em que não devemos deternos por muito tempo. Em tese, todos os doentes são sensíveis à ação magnética, e o são mais ou menos rapidamente; quando não se é bem sucedido, provém isto mais por uma falta de perseverança no tratamento ou da gravidade da desordem produzida no organismo por uma moléstia antiga, do que devido a qualquer outra causa.

238. A ação magnética pode ser geral ou parcial. Ela envolve portanto todo o organismo ou só se dirige a uma das suas partes; um doente, conservando-se inteiramente em seu estado normal e gozando plenamente de suas faculdades físicas e intelectuais, pode ver de repente um dos seus membros afetado de rigidez muscular, paralisia ou insensibilidade; ele já não tem nenhuma ação sobre esse membro, que, envolvido de algum modo pela corrente magnética, não lhe pertence enquanto esta não lhe foi retirada, e essa obrigação de retirá-la do paciente ou do membro sobre o qual a ação magnética convergiu é incontestavelmente

uma das melhores provas do efeito puramente físico dessa ação. (144, 145, e 148)

239. A ação magnética não produz somente efeitos sensíveis sobre a pessoa magnetizada, o próprio operador experimenta efeitos reativos muito perceptíveis dessa ação. “Se a Natureza, diz Bruno, dotou aquele que magnetiza de alguma delicadeza na sensibilidade de seus nervos, ele sentirá exteriormente uma parte dos movimentos irregulares que se derem na pessoa magnetizada. Estas sensações serão para ele indícios seguros do trabalho que a Natureza, ajudada pela sua ação, opera no doente.”

Esse tato, que permite distinguir a marcha das correntes no organismo, passando simplesmente a mão, quer pela superfície, quer a alguma distância de um corpo, não é dado a todos: cada qual não é invariavelmente dotado dessa faculdade e não a possui permanentemente no mesmo grau; essa preciosa sensibilidade se desenvolve pelo exercício e a atenção, e quando se magnetiza deve-se estudar com cuidado todas as sensações manuais que se experimenta.

Às vezes, um sopro quente projeta-se das mãos do magnetizado; esse calor nem sempre é da mesma natureza; tem gradações que o hábito ensina a distinguir:

Se esse calor é seco e urente[16], é sinal de que no doente a circulação geral encontra obstáculo devido a uma tensão anormal dos nervos.

Se o calor é brando e úmido, é sinal de que no doente a circulação está livre, e é um anúncio de interrupção próxima trazendo evacuações.

Se, em vez de calor, o magnetizador sentir frio nas mãos, é indício certo de que no paciente há atonia e paralisia dos órgãos.

Titilações e formigamentos nos dedos denunciam a existência de um excesso de bílis, de sangue acre, de um estado herpético.

Produz-se às vezes um adormecimento das mãos e dores de câimbra nos dedos, que se propagam aos braços: é um indício de estagnações linfáticas, de obstruções nas funções digestivas e de acúmulo de viscosidades.

O magnetizador experimenta às vezes estremecimentos nervosos, vibrações, abalos rápidos e fugitivos como choques elétricos: é sinal de um estado congestivo do sistema nervoso e de congestões fluídicas no paciente.

É inútil insistir sobre o partido que se pode tirar dessa preciosa faculdade de percepção, que permite julgar do estado dos órgãos e da marcha das correntes. Estudando-se com atenção as sensações que se fazem experimentar a um doente e as que se experimenta em si mesmo ao magnetizar, adquire-se logo a melhor regra de exploração que pode guiar na conduta de um tratamento; pouco a pouco essas percepções intuitivas, arrastando a mão do operador sobre tal ponto do corpo do doente de preferência a um outro, determinam a escolha dos processos magnéticos mais próprios para combater as alterações mórbidas, das quais acaba-se por conhecer melhor a extensão, a sede e a natureza.

240. Apreciando inteiramente em seu justo valor o socorro precioso que o tato magnético pode trazer ao operador, no ponto de vista do diagnóstico e do processo de um tratamento, cumpre entretanto não cair na exageração cometida por certos práticos que, adotando como base da sua terapêutica a regra seguinte "deixai que a mão caminhe na direção em que a corrente a leva", deram ensejo ao que eles denominam o arrastamento da corrente; e criaram, em detrimento dos processos fisiológicos, uma espécie de magnetismo místico em que a sensibilidade é tudo. Estes sensitivistas pretendem perceber as dores e os males daqueles a quem magnetizam; quando eles se colocam em relação com um doente, fecham os olhos, concentram-se, e fixando a sua atenção, apalpam sucessivamente todas as partes de seu corpo; encontram deste modo as regiões afetadas, experimentam antecipadamente, de uma maneira muito dolorosa, as crises que o doente deve experimentar, e ao deixá-lo levam uma sensação muito persistente do seu mal, que muitas vezes só com dificuldade conseguem expelir.

Não nego a existência desta sensitividade especial: somente acho-a mais nociva do que útil, porque, apesar de toda a força de projeção que possam possuir essas naturezas extra sensíveis, elas

são forçosamente muito sujeitas às influências externas para exercerem em sua plenitude uma ação irradiante sobre os doentes.

Alguns magnetizadores de notoriedade incontestável, entre outros o Barão Du Potet, partindo de idéias preconcebidas, formularam esta opinião: que, ao magnetizar, revolvem-se os princípios mórbidos do organismo, como se turvássemos a vasa de um pântano envenenado, e que assim, colocado num círculo de emanações insalubres, todo magnetizador corre o risco de contrair em todo ou em parte a enfermidade do seu doente. Em apoio desta asserção, Du Potet pretende que ele claudicava depois de haver tratado de um derrame coxo-femural; que se tornava um tanto mouco depois de haver tratado de surdos; tossia com os tísicos; sentia as dores artríticas dos gotosos; e os coléricos convulsionaram os seus intestinos.

Essas impressões, felizmente, eram apenas efêmeras, por isso que o mestre é o primeiro a dizer que, em sua longa carreira de magnetizador, realmente nunca contraíra nenhuma moléstia de seus doentes e que constantemente possuíra uma força vital exuberante. Essa confissão nos prova que há muita imaginação nos fatos que expusemos.

É inútil protestar contra afirmações que tendem a deixar acreditar que se pode adquirir moléstia magnetizando-se; essa crença presta-se a afastar da prática do magnetismo certos espíritos timoratos e fracos. Uma observação atenta e o estudo da marcha das correntes não deixam dúvida alguma a esse respeito e demonstram que a transmissão das moléstias pela magnetização é apenas um mito.

241. A verdadeira força curadora reside na igualdade e na continuidade da tensão nervosa, por isso os melhores magnetizadores são os que possuem essa força irradiante equilibrada em grau supremo. As pessoas impressionáveis e muito sensíveis são, pois, sob esse ponto de vista, menos dotadas do que as pessoas calmas e justamente ponderadas; e assim é que a mulher, apesar de sua índole dulçorosa, cheia de bondade e moderação, apesar

de sua profunda dedicação a tudo que sofre, é, graças à sua grande sensibilidade, geralmente menos apta para magnetizar do que o homem. Mais influenciada pelas impressões nervosas, mais escrava da imaginação e dos sentimentos, o temperamento irregular e algum tanto fantástico da mulher presta-se menos que o do homem, porque este possui a estabilidade e a igualdade de gênio indispensáveis ao magnetizador.

Entretanto, apesar disso, é necessário não rejeitarmos a ação da mulher, porque a mãe, com justa razão, pode e deve ser considerada como o magnetizador nato de seus filhos; pelos seus ternos carinhos diários, ela entretém-lhe suavemente a harmonia da saúde e exerce sobre eles uma influência salutar, deixando lugar, em tempo oportuno, à intervenção paterna para desviá-la, nos casos urgentes, quando a criança fica doente; porque nestas circunstâncias graves, sua compleição delicada, sua ternura fácil de alarmar-se tira-lhe uma parte de seus meios, e é natural o concurso do pai, ao mesmo tempo mais forte e corajoso.

> Massagistas, parteiras, enfermeiras, damas dos hospitais, deveriam todas possuir noções sobre a arte de magnetizar, porque, em sua profissão, podem prestar grandes serviços por intervenção magnética às parturientes, aos recém-nascidos e a todos os infelizes doentes confiados aos seus cuidados.

242. A mulher, pela sua delicadeza do tato que possui em grau supremo, é muitas vezes superior ao homem em certos tratamentos especiais, até ao momento em que é necessário atingir aumento de comunicação para obter-se uma crise final; nesta emergência, apesar de seu hábito e conhecimento dos processos magnéticos, as suas forças podem faltar; é possível que ela não tenha a calma e o sangue frio necessários para conduzir ou dominar uma evolução crítica; apesar deste inconveniente, que nunca pode constituir perigo real para o doente, os serviços diários que uma mulher sã e criteriosa pode prestar como magnetizadora compensam largamente esta insuficiência excepcional.

> Todas as vezes que tenho tido ocasião de encontrar-me com enfermeiras, aproveito-a para mostrar-lhes as vanta-

gens do magnetismo na prática do seu ofício e insinuá-las com as minhas lições e o meu exemplo.

Uma delas, a senhorita S., soube aproveitar-se tão bem das minhas lições, que chamada por alguns dias a uma localidade do departamento de Maine-et-Loire para cuidar de um doente, fez tanto benefício à família em cuja casa se achava e pelas circunvizinhanças, que adquiriu verdadeira reputação, e como os seus serviços fossem precisos para mais de um ano nessa localidade, ela não pôde, durante esse tempo, voltar a Paris.

Entre as clientes que recorreram aos seus cuidados, estava uma jovem muito afetada desde longos anos por germes tuberculosos, apresentando sintomas críticos de tal modo imprevistos que a experiência da magnetizadora teve com esse fato uma prova um tanto perturbadora.

A senhorita S., alarmada com o estado letárgico que inconscientemente provocara na paciente no decurso do tratamento, escreveu-me imediatamente a fim de procurar o recurso nos meus conhecimentos.

Apressei-me em animá-la, indicando-lhe o caminho a seguir, e, graças às minhas instruções, ela pôde conduzir a bom êxito esse tratamento, que, depois de haver apresentado os mais extraordinários fenômenos, atingiu felizmente a uma cura completa, que maravilhou a quantos foram deles testemunhas. Eis aí, parece-me, um bom exemplo para mostrar quão grande é a eficácia do magnetismo, mesmo quando exercido por mãos inábeis e inexperientes.

243. Em suma, os magnetizadores facilmente acessíveis aos efeitos reflexos magnéticos, e que forem de natureza impressionável, são antes sensitivos que curadores; sofrem a ação das correntes, em vez de impô-las.

FIM

Notas:

---

[1] Tese sustentada pela Srª Bouvier em 24 de outubro de 1809 no Congresso Internacional Magnético.

[2] Claude Bernard: *Phénomènes de la vie*.

[3] Claude Bernard.

[4] Philips: *Électro-dynamisme vital*.

[5] Louis Lucas: *Medicine nouvelle.*

[6] Claude Bernard: *Leçons sur le chaleur animale, pág. 447.*

[7] Dr. Bouchard.

[8] Dr. Cullère: *Magnétisme et hypnotisme.*

[9] Sendo nosso objetivo conservar-nos aqui exclusivamente no terreno da prática, deixamos de parte toda a consideração histórica ou teórica que possa afastar-nos do assunto. Limitamo-nos a dar um exposto sucinto dos princípios gerais que formam a base do mesmerismo, princípios que estão de acordo com a experimentação e cuja discussão tem lugar no 2º volume desta obra.

[10] Epigástrio - a parte superior do abdome, entre os dois hipocôndrios.

[11] Cefalalgia - dor de cabeça.

[12] Epistaxe - hemorragia nasal.

[13] Traduzida em português e publicada pela editora FEB.

[14] Emplastro vesicante feito com a folha da thapisia, planta da família das umbelíferas. (Nota do Tradutor)

[15] Cançãozinha histórica.

[16] Ardente, que queima, cáustico.